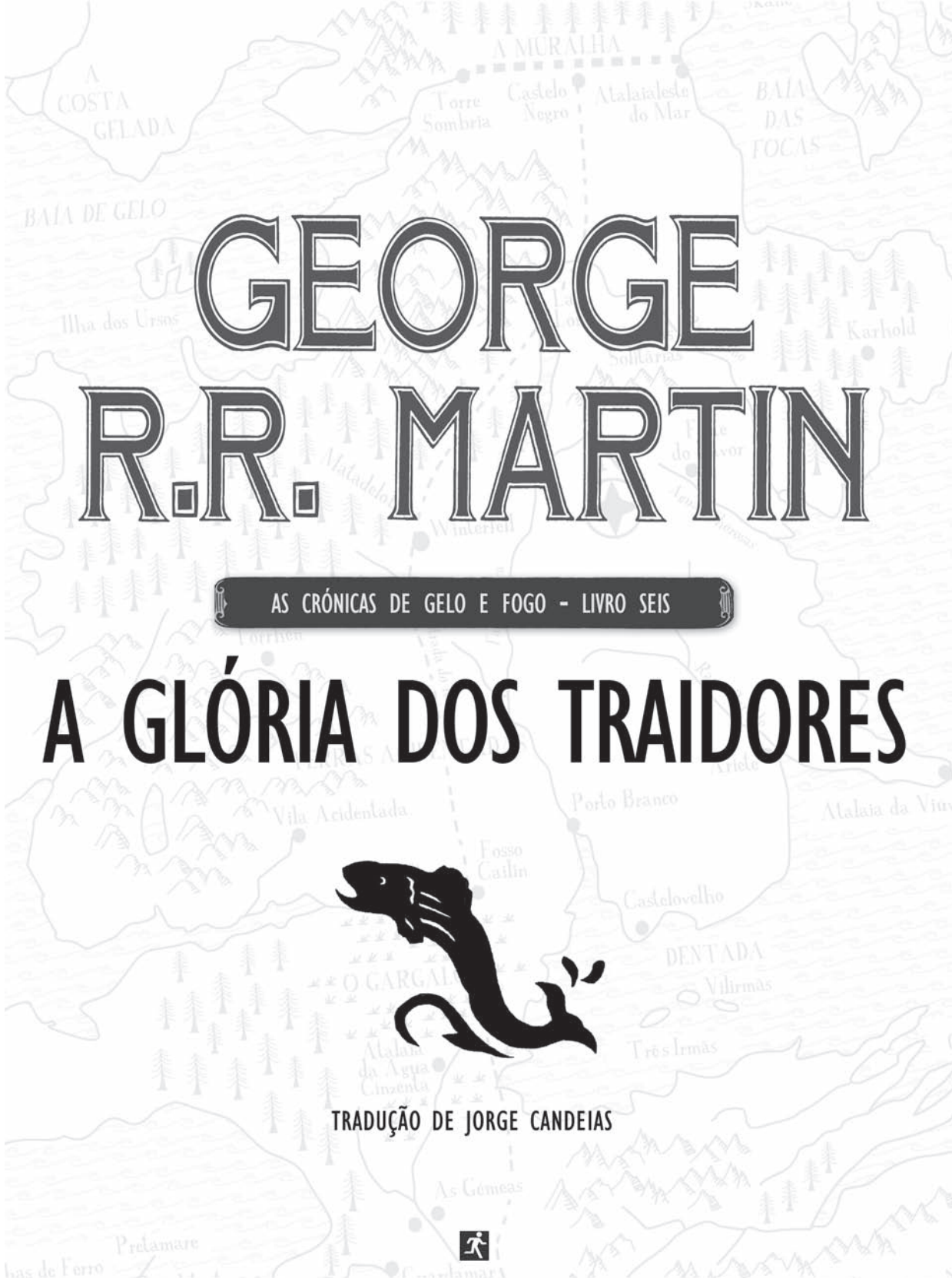


O NORTE



Mapa por James Sinclair



GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO SEIS

A GLÓRIA DOS TRAIADORES



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS



DAENERYS

Os seus batedores dothraki tinham-lhe dito como era, mas Dany queria ver por si mesma. Sor Jorah Mormont atravessou com ela, a cavalo, uma floresta de vidoeiros e subiu uma íngreme crista de arenito.

— Estamos suficientemente próximos — avisou-a ao chegar ao topo.

Dany refreou a égua e olhou por sobre os campos, para o local onde a hoste de Yunkai se atravessava no seu caminho. O Barba-Branca tinha andado a ensinar-lhe a melhor forma de estimar os números de um inimigo.

— Cinco mil — disse passado um momento.

— Diria que sim. — Sor Jorah apontou. — Aqueles nos flancos são mercenários. Lanceiros e arqueiros a cavalo, com espadas e machados para o trabalho de proximidade. Os Segundos Filhos na ala esquerda, os Corvos Tormentosos na direita. Cerca de quinhentos homens cada. Vedes os estandartes?

A harpia de Yunkai agarrava com as garras um chicote e uma coleira de ferro em vez de uma corrente. Mas os mercenários hasteavam os seus próprios estandartes por baixo dos da cidade que serviam: do lado direito quatro corvos entre relâmpagos cruzados, do esquerdo, uma espada quebrada.

— São os próprios yunkaitas que constituem o centro — fez notar Dany. À distância, os seus oficiais eram indistinguíveis dos de Astapor; elmos altos e brilhantes e mantos revestidos de cintilantes discos de cobre. — Os soldados que lideram são escravos?

— Em grande medida. Mas não se igualam aos Imaculados. Yunkai é conhecida por treinar escravos de cama, não soldados.

— Que achais? Podemos derrotar este exército?

— Facilmente — disse Sor Jorah.

— Mas não sem sangue. — Grande quantidade de sangue empapara os tijolos de Astapor quando a cidade caíra, embora pouco dele lhe pertencesse ou aos seus. — Podemos ganhar aqui uma batalha, mas a um tal custo que não conseguimos tomar a cidade.

— Esse é sempre um risco, *Khaleesi*. Astapor estava complacente e vulnerável. Yunkai está prevenida.

Dany reflectiu. A hoste dos escravagistas parecia pequena comparada com a sua, mas os mercenários estavam montados. Viajara demasiado tem-

po com os dothraki para não ter um saudável respeito por aquilo que guerreiros a cavalo podiam fazer à infantaria. *Os Imaculados poderiam aguentar a carga deles, mas os meus libertados seriam massacrados.*

— Os escravagistas gostam de falar — disse. — Enviei uma mensagem dizendo que os receberei esta noite na minha tenda. E convidai também os comandantes das companhias mercenárias para uma visita. Mas não juntos. Os Corvos Tormentosos ao meio-dia, e os Segundos Filhos duas horas mais tarde.

— Às vossas ordens — disse Sor Jorah. — Mas se não vierem...

— Virão. Terão curiosidade de ver os dragões e de ouvir o que eu tenho para dizer, e os que forem inteligentes verão aí uma oportunidade para avaliar as minhas forças. — Fez a égua prateada dar meia volta. — Esperá-los-ei no meu pavilhão.

Céus de um azul carregado e ventos fortes acompanharam Dany de volta à sua hoste. O profundo fosso que iria rodear o acampamento já estava meio cavado, e a floresta encontrava-se cheia de Imaculados que cortavam ramos de videeiro para afiar e transformar em estacas. Os eunucos não conseguiam dormir num acampamento que não estivesse fortificado, ou pelo menos isso era o que Verme Cinzento insistia em dizer. Ele lá se encontrava, a vigiar o trabalho. Dany parou um momento para conversar com o eunuco.

— Yunkai preparou-se para a batalha.

— Isso é bom, Vossa Graça. Os Imaculados têm sede de sangue.

Quando ordenara aos Imaculados para seleccionarem oficiais de entre as suas fileiras, Verme Cinzento fora o escolhido da esmagadora maioria para o posto mais elevado. Dany colocara Sor Jorah acima dele a fim de o treinar para o comando, e o cavaleiro exilado dizia que até agora o jovem eunuco era duro mas justo, rápido a aprender, incansável e totalmente inflexível na sua atenção ao detalhe.

— Os Sábios Mestres reuniram um exército de escravos para nos defrontar.

— Um escravo em Yunkai aprende a natureza dos sete suspiros e as dezasseis posições do prazer, Vossa Graça. Os Imaculados aprendem a natureza das três lanças. O vosso Verme Cinzento espera mostrar-vos.

Uma das primeiras coisas que Dany fizera após a queda de Astapor fora abolir o costume de dar aos Imaculados novos nomes de escravo todos os dias. A maioria daqueles que tinham nascido livres regressaram aos nomes com que nasceram; pelo menos os que ainda se lembravam deles. Outros tinham adoptado os nomes de heróis ou deuses, e por vezes armas, pedras preciosas e até flores, o que resultou em soldados com nomes muito

peculiares aos ouvidos de Dany. Verme Cinzento permanecera Verme Cinzento. Quando lhe perguntara porquê, ele dissera:

— É um nome de sorte. O nome com que este nasceu estava amaldiçoado. Era o nome que ele tinha quando foi escravizado. Mas Verme Cinzento foi o nome que lhe calhou no dia em que Daenerys Filha da Tormenta o libertou.

— Se houver uma batalha, que Verme Cinzento mostre sabedoria além de valor — disse-lhe Dany. — Poupa qualquer escravo que fuja ou que deite fora a sua arma. Quanto menos forem mortos, mais ficam para se nos juntarem depois.

— Este lembrar-se-á.

— Eu sei que sim. Vem à minha tenda ao meio-dia. Quero-te lá com os outros oficiais quando tratar com os capitães mercenários. — Dany esporeou a sua prata e dirigiu-se ao acampamento.

Dentro do perímetro que os Imaculados tinham estabelecido, as tendas estavam a ser erguidas em fileiras ordenadas, com o seu grande pavilhão dourado no centro. Um segundo acampamento erguia-se logo depois do seu; cinco vezes maior, irregular e caótico, este segundo acampamento não tinha fossos, não tinha tendas, não tinha sentinelas, não tinha fileiras de cavalos. Aqueles que possuíam cavalos ou mulas dormiam ao lado dos animais, por temerem que lhos roubassem. Cabras, ovelhas e cães meio famintos vagueavam livremente entre hordas de mulheres, crianças e velhos. Dany deixara Astapor nas mãos de um conselho de antigos escravos liderado por um curandeiro, um erudito e um sacerdote. Todos homens sensatos, pensava, e justos. Mas mesmo assim, dezenas de milhares tinham preferido segui-la para Yunkai em vez de permanecerem em Astapor. *Dei-lhes a cidade e a maioria estava demasiado assustada para a aceitar.*

A hoste variegada dos libertados fazia a sua parecer pequena, mas eles eram mais um fardo do que uma vantagem. Talvez um em cem possuísse um burro, um camelo ou um boi; a maior parte trazia armas, obtidas pela pilhagem do armeiro de algum dos negociantes de escravos, mas só um em dez era suficientemente forte para lutar, e nenhum se encontrava treinado. Por onde passavam, deixavam a terra nua, como gafanhotos de sandálias. Mas Dany não se conseguia convencer a abandoná-los, como Sor Jorah e os seus companheiros de sangue sugeriam. *Disse-lhes que eram livres. Não posso dizer-lhes agora que não são livres de se juntarem a mim.* Olhou para o fumo que se erguia das suas fogueiras e engoliu um suspiro. Podia ter os melhores soldados de infantaria do mundo, mas também tinha os piores.

Arstan Barba-Branca encontrava-se em pé à porta da sua tenda, enquanto Belwas, o Forte, se sentava de pernas cruzadas nas ervas, ali perto, comendo uma tigela de figos. Durante a marcha, o dever de a guardar caía

sobre os ombros daqueles dois. Fizera de Jhogo, Aggo e Rakharo seus *kos* além de companheiros de sangue, e agora precisava mais deles para comandar os dothraki do que para proteger a sua pessoa. O *khalasar* era minúsculo, trinta e poucos guerreiros a cavalo, a maior parte dos quais rapazes sem tranças e velhos corcovados. Mas eram toda a cavalaria que possuía, e não se atrevia a passar sem eles. Os Imaculados podiam ser a melhor infantaria do mundo inteiro, como Sor Jorah dizia, mas precisava também de batedores e guardas avançados.

— Yunkai quer a guerra — disse Dany ao Barba-Branca dentro do pavilhão. Irri e Jhiqui tinham coberto o chão com tapetes, e Missandei acendera um pau de incenso para adoçar o ar poeirento. Drogon e Rhaegal dormiam em cima de um montinho de almofadas, enrolados um no outro, mas Viserion encontrava-se empoleirado na borda da sua banheira vazia. — Missandei, que língua falam estes yunkaitas? Valiriano?

— Sim, Vossa Graça — disse a rapariga. — Um dialecto diferente do de Astapor, mas suficientemente próximo para ser entendido. Os escravagistas chamam a si próprios Sábios Mestres.

— Sábios? — Dany sentou-se de pernas cruzadas numa almofada, e Viserion abriu as suas asas brancas e douradas e esvoaçou para junto dela. — Veremos quão sábios são — disse enquanto coçava a cabeça escamosa do dragão atrás dos cornos.

Sor Jorah Mormont regressou uma hora mais tarde, acompanhado por três capitães dos Corvos Tormentosos. Os mercenários usavam penas negras nos seus elmos polidos, e diziam ser todos iguais em honra e autoridade. Dany estudou-os enquanto Irri e Jhiqui serviam o vinho. Prendahl na Ghezn era um *ghiscari* atarracado com uma cara larga e cabelo escuro que começava a encanecer; Sallor, o Calvo, tinha uma retorcida cicatriz na sua cara clara de *qarteno*; e Daario Naharis era extravagante até mesmo para um *tyroshi*. Tinha a barba cortada na forma de uma forquilha de três dentes e pintada de azul, da mesma cor dos olhos e do cabelo encaracolado que lhe caía sobre o colarinho. Os bigodes pontiagudos estavam pintados de dourado. A roupa era toda em tons de amarelo; uma nuvem de renda de Myr da cor de manteiga jorrava do colarinho e das mangas, o gibão era decorado com medalhões de latão com a forma de dentes de leão, arabescos ornamentais em ouro subiam-lhe até às coxas pelos canos das botas altas de couro. Luvas de suave camurça amarela estavam enfiadas num cinto de anéis dourados, e tinha as unhas pintadas de azul.

Mas foi Prendahl na Ghezn quem falou pelos mercenários.

— Faríeis bem em levar daqui a vossa gentilha — disse. — Tomastes Astapor à traição, mas Yunkai não cairá com tanta facilidade.

— Quinhentos dos vossos Corvos Tormentosos contra dez mil dos

meus Imaculados — disse Dany. — Sou só uma rapariguinha, e não compreendo as coisas da guerra, mas essas hipóteses não me parecem boas.

— Os Corvos Tormentosos não resistirão sozinhos — disse Prendahl.

— Corvos tormentosos não resistem de todo. Fogem ao primeiro sinal de trovões. Talvez devêsseis fugir agora. Ouvi dizer que mercenários são notoriamente pouco confiáveis. De que vos valerá a dedicação quando os Segundos Filhos se passarem para o nosso lado?

— Isso não acontecerá — insistiu Prendahl, inabalável. — E, se acontecesse, não importaria. Os Segundos Filhos não são nada. Lutamos ao lado dos valentes homens de Yunkai.

— Lutais ao lado de rapazes de cama armados com lanças. — Quando virou a cabeça, as campainhas gémeas que trazia na trança tiniram com suavidade. — Que não tenhais ideias de pedir quartel depois de a batalha começar. Mas se vos juntardes agora a mim, o ouro que os yunkaitas vos pagaram será vosso, e podereis além disso obter uma parte do saque, com grandes recompensas para mais tarde, quando eu controlar o meu reino. Se lutardes pelos Sábios Mestres, o vosso salário será a morte. Imaginais porventura que Yunkai abrirá os portões quando os meus Imaculados estiverem a massacrar-vos à sombra das muralhas?

— Mulher, zurras como um burro, e não fazes mais sentido do que ele.

— *Mulher?* — Dany soltou um risinho. — Isso pretende insultar-me? Devolveria a provocação se te julgasse um homem. — Dany enfrentou o olhar do mercenário. — Sou Daenerys Filha da Tormenta da Casa Targaryen, a Não-Queimada, Mãe de Dragões, *khaleesi* dos cavaleiros de Drogo e rainha dos Sete Reinos de Westeros.

— O que tu és — disse Prendahl na Ghezn — é uma puta de um senhor dos cavalos. Quando te vencermos, dar-te-ei ao meu garanhão para que te cubra.

Belwas, o Forte, puxou pelo *arakh*.

— Belwas, o Forte, dá a feia língua dele à pequena rainha, se ela quiser.

— Não, Belwas. Dei a estes homens salvo-conduto. — Sorriu. — Diz-me o seguinte: os Corvos Tormentosos são escravos ou homens livres?

— Somos uma irmandade de homens livres — declarou Sallor.

— Ótimo. — Dany pôs-se em pé. — Nesse caso regressa e conta aos teus irmãos o que te disse. Pode ser que alguns deles prefiram alimentar-se de ouro e glória do que de morte. Quererá a vossa resposta de manhã.

Os capitães dos Corvos Tormentosos ergueram-se em simultâneo.

— A nossa resposta é não — disse Prendahl na Ghezn. Os companheiros seguiram-no para fora da tenda... mas Daario Naharis deitou um relance para trás ao sair e inclinou a cabeça numa despedida educada.

Duas horas mais tarde o comandante dos Segundos Filhos chegou só. Revelou-se um bravosiano muito alto com olhos verdes-claros e uma espessa barba vermelha e dourada que quase lhe chegava ao cinto. O seu nome era Mero, mas chamava a si próprio o Bastardo do Titã.

Mero emborcou imediatamente o vinho, limpou a boca com as costas da mão e olhou de esguelha para Dany.

— Acho que fodi a tua irmã gémea numa casa do prazer lá na terra. Ou eras tu?

— Penso que não. Lembrar-me-ia de um homem de tal magnificência, sem dúvida.

— Sim, é verdade. Nunca nenhuma mulher alguma vez esqueceu o Bastardo do Titã. — O bravosiano estendeu a taça para Jhiqui. — Que achas de tirares essa roupa e te vires sentar ao meu colo? Se me deres prazer, posso trazer os Segundos Filhos para o teu lado.

— Se trouxeres os Segundos Filhos para o meu lado, posso não te mandar capar.

O grandalhão soltou uma gargalhada.

— Rapariguinha, houve outra mulher, uma vez, que tentou capar-me com os dentes. Agora não tem dentes, mas a minha espada é tão longa e grossa como sempre foi. Queres que a tire para fora e a mostre?

— Não há necessidade. Depois de os meus eunucos a cortarem, posso examiná-la quando bem entender. — Dany bebeu um gole de vinho. — É verdade que sou só uma rapariguinha, e não conheço as coisas da guerra. Explica-me como pretendes derrotar dez mil Imaculados com os teus quinhentos homens. Inocente como sou, as tuas hipóteses parecem-me fracas.

— Os Segundos Filhos enfrentaram piores hipóteses e ganharam.

— Os Segundos Filhos enfrentaram piores hipóteses e fugiram. Em Qohor, quando os Três Mil defenderam a sua posição. Ou será que o negas?

— Isso foi há muitos anos e mais ainda, antes de os Segundos Filhos serem liderados pelo Bastardo do Titã.

— Então é em ti que eles arranjam coragem? — Dany virou-se para Sor Jorah. — Quando a batalha começar, matai este primeiro.

O cavaleiro exilado sorriu.

— De bom grado, Vossa Graça.

— Claro — disse a Mero —, podíeis voltar a fugir. Não vos impediremos. Pegai no vosso ouro de Yunkai e parti.

— Se já tivesses visto o Titã de Bravos, rapariga tonta, saberias que não tem rabo para meter entre as pernas.

— Então fica, e luta por mim.

— É verdade que valeria a pena lutar por ti — disse o bravosiano — e eu de bom grado te deixaria beijar-me a espada, se fosse livre. Mas aceitei as moedas de Yunkai e dei a minha palavra sagrada.

— Moedas podem ser devolvidas — disse ela. — Eu pagar-te-ei o mesmo, e mais ainda. Tenho outras cidades a conquistar e um reino inteiro à minha espera a meio mundo de distância. Serve-me fielmente, e os Segundos Filhos não precisarão de voltar a procurar contratos.

O bravosiano afagou a sua espessa barba vermelha.

— O mesmo e mais ainda, e talvez um beijo para rematar, hã? Ou mais do que um beijo? Para um homem tão magnífico como eu?

— Talvez.

— Vou gostar do sabor da tua língua, parece-me.

Dany sentia a ira de Sor Jorah. *O meu urso negro não gosta desta conversa sobre beijos.*

— Pensa esta noite no que te disse. Posso ter a tua resposta de manhã?

— Podes. — O Bastardo do Titã fez um sorriso. — Posso levar um jarro deste belo vinho aos meus capitães?

— Podes levar um tonel. Vem das caves dos Bons Mestres de Astapor, e tenho carroças cheias dele.

— Então dá-me uma carroça. Um sinal da tua amizade.

— Tens uma grande sede.

— Todo eu sou grande. E tenho muitos irmãos. O Bastardo do Titã não bebe sozinho, *Khaleesi*.

— Seja então uma carroça, se prometeres beber à minha saúde.

— Feito! — trovejou o homem. — E feito, e feito! Far-te-ei três brindes, e trarei uma resposta quando o Sol nascer.

Mas quando Mero saiu, Arstan Barba-Branca disse:

— Aquele tem má reputação, até em Westeros. Não vos deixes iludir pelas suas maneiras, Vossa Graça. Ele fará três brindes à vossa saúde esta noite, e amanhã violar-vos-á.

— O velho tem razão, por uma vez — disse Sor Jorah. — Os Segundos Filhos são uma companhia antiga, que não é desprovida de valor, mas sob a liderança de Mero tornaram-se quase tão maus como os Bravos Companheiros. O homem é tão perigoso para quem o emprega como para os seus inimigos. É por isso que o encontráreis ali. Já nenhuma das Cidades Livres o contrata.

— Não é a sua reputação que eu quero, são os seus quinhentos homens a cavalo. E os Corvos Tormentosos, há aí alguma esperança?

— Não — disse Sor Jorah sem rodeios. — Aquele Prendahl é de sangue ghiscari. É provável que tivesse família em Astapor.

— Pena. Bem, talvez não necessitemos de lutar. Esperemos para ouvir o que os yukaitas têm a dizer.

Os enviados de Yunkai chegaram ao pôr-do-sol; cinquenta homens montados em magníficos cavalos negros e um num grande camelo branco. Os seus elmos eram duas vezes mais altos do que as cabeças, para não esmagarem as bizarras torções, torres e silhuetas do cabelo que tinham por baixo. Tingiam as saias e túnicas de linho de um amarelo-vivo, e cosiam discos de cobre aos mantos.

O homem do camelo branco apresentou-se como Grazdan mo Eraz. Esguio e duro, possuía um sorriso branco semelhante ao que Kraznis ostentara até Drogon lhe queimar a cara. O cabelo estava repuxado para o alto num corno de unicórnio que se lhe projectava da testa, e o *tokar* era debruado de renda de Myr dourada.

— Antiga e gloriosa é Yunkai, a rainha das cidades — disse quando Dany lhe deu as boas-vindas à sua tenda. — As nossas muralhas são fortes, os nossos nobres orgulhosos e ferozes, o nosso povo desprovido de medo. Nosso é o sangue da antiga Ghis, cujo império já era antigo quando Valéria não passava de uma criança chorosa. Fostes sensata por vos sentardes a conversar, *Khaleesi*. Não encontrareis aqui uma conquista fácil.

— Ótimo. Os meus Imaculados apreciarão um pouco de luta. — Olhou para Verme Cinzento, que confirmou com a cabeça.

Grazdan fez um largo encolher de ombros.

— Se o que desejais é sangue, pois que jorre. Diz-se que haveis libertado os vossos eunucos. A liberdade tem tanto significado para um Imaculado como um chapéu para um bacalhau. — Sorriu para Verme Cinzento, mas dir-se-ia que o eunuco era feito de pedra. — Voltaremos a escravizar aqueles que sobreviverem, e usá-los-emos para voltar a arrancar Astapor das mãos da população. Também poderemos fazer de vós uma escrava, não duvideis. Há casas do prazer em Lys e Tyrosh onde os homens pagariam belas somas para dormir com a última Targaryen.

— É bom ver que sabeis quem sou — disse Dany em voz branda.

— Orgulho-me do meu conhecimento do selvagem e disparatado Ocidente. — Grazdan abriu as mãos, um gesto de conciliação. — E no entanto, porque haveremos de falar tão duramente um ao outro? É verdade que haveis cometido selvajarias em Astapor, mas nós, os yukaitas, somos um povo muito clemente. A vossa querela não é connosco, Vossa Graça. Porquê malbaratar as vossas forças contra as nossas poderosas muralhas, quando precisais de todos os homens para reconquistar o trono do vosso pai no longínquo Westeros? Yunkai só vos deseja sucesso nessa empreitada.

E para provar a verdade destas palavras, trouxe-vos um presente. — Bateu palmas, e dois dos membros da sua escolta avançaram trazendo uma pesada arca de cedro, reforçada a bronze e a ouro. Colocaram-na a seus pés. — Cinquenta mil marcos de ouro — disse Grazdan num tom melífluo. — São vossos, num gesto de amizade dos Sábios Mestres de Yunkai. Ouro dado livremente é decerto melhor do que saque comprado com sangue. Portanto digo-vos, Daenerys Targaryen, aceitai esta arca e parti.

Dany abriu a tampa da arca com um pequeno pé enfiado num chinelo. Estava cheia de moedas de ouro, tal como o enviado dissera. Agarrou numa mão-cheia e deixou-as correr por entre os dedos. Cintilavam, brilhantes, ao rodar e cair; a maioria eram recém-cunhadas, com uma pirâmide de de graus numa das faces e a harpia de Ghis na outra.

— Muito lindo. Pergunto a mim própria quantas arcas como esta encontrarei quando tomar a vossa cidade.

Ele soltou um risinho.

— Nenhuma, pois nunca fareis tal coisa.

— Tenho também um presente para vós. — Fechou a arca com estrondo. — Três dias. Na manhã do terceiro dia, mandai os vossos escravos para fora da cidade. Todos. A cada homem, mulher e criança será dada uma arma e tanta comida, roupas, moedas e bens que ele ou ela possam transportar. Ser-lhes-á permitido que escolham livremente estes objectos de entre as posses dos seus donos, como pagamento pelos anos de servidão. Depois de todos os escravos partirem, abrireis os portões e permitireis que os meus Imaculados entrem na cidade e a revistem, para assegurar que ninguém permanece em escravidão. Se fizerdes isto, Yunkai não será queimada nem saqueada, e nenhum dos membros do vosso povo será molestado. Os Sábios Mestres terão a paz que desejam, e terão demonstrado serem realmente sábios. Que dizeis?

— Digo que sois louca.

— Ah sou? — Dany encolheu os ombros e disse: — *Dracarys*.

Os dragões responderam. Rhaegal silvou e soltou uma baforada de fumo, Viserion tentou morder, e Drogon cuspiu uma chama rodopiante, vermelha e negra. Esta tocou a prega do *tokar* de Grazdan e a seda incendiou-se em meio segundo. Marcos de ouro derramaram-se pelos tapetes quando o enviado tropeçou na arca, gritando pragas e batendo no braço até que o Barba-Branca lhe despejou um jarro de água em cima para abafar as chamas.

— Jurastes que eu teria salvo-conduto! — lamentou-se o enviado de Yunkai.

— Será que todos os yunkaitas se lamuriam tanto por causa de um *tokar* chamuscado? Comprar-vos-ei um novo... se entregardes os vossos

escravos dentro de três dias. Se não, Drogon dar-vos-á um beijo mais quente. — Torceu o nariz. — Urinastes-vos. Levai o ouro e ide, e assegurai-vos de que os Sábios Mestres ouvem a minha mensagem.

Grazdan mo Eraz apontou um dedo.

— Lamentarás esta arrogância, rameira. Esses lagartinhos não te manterão a salvo, garanto. Encheremos o ar de setas se eles chegarem a menos de uma légua de Yunkai. Achas que é muito difícil matar um dragão?

— É mais difícil do que matar um escravagista. Três dias, Grazdan. Dizei-lhes. Ao fim do terceiro dia, eu entrarei em Yunkai, quer me abrais os portões, quer não.

A noite já caíra por completo quando os yunkaitas partiram do acampamento. Prometia ser uma noite sombria; sem luar, sem estrelas, com um vento gelado e húmido que soprava de oeste. *Uma bela noite negra*, pensou Dany. Ardiam fogueiras a toda a volta, pequenas estrelas cor-de-laranja espalhadas por campos e colinas.

— Sor Jorah — disse —, convocai os meus companheiros de sangue. — Dany sentou-se num monte de almofadas à espera deles, com os dragões à sua volta. Quando se reuniram, disse: — Uma hora depois da meia-noite deverá dar tempo suficiente.

— Sim, *Khaleesi* — disse Rakharo. — Tempo para quê?

— Para montar o nosso ataque.

Sor Jorah Mormont franziu o sobrolho.

— Dissestes aos mercenários...

— ...que queria as suas respostas de manhã. Não fiz nenhuma promessa acerca desta noite. Os Corvos Tormentosos estarão a discutir sobre a minha proposta. Os Segundos Filhos estarão bêbados com o vinho que dei a Mero. E os yunkaitas julgam que têm três dias. Apanhá-los-emos a coberto desta escuridão.

— Eles deverão ter batedores a vigiar-nos.

— E na escuridão, verão centenas de fogueiras a arder — disse Dany. — Se chegarem a ver alguma coisa.

— *Khaleesi* — disse Jhogo —, eu tratarei desses batedores. Não são cavaleiros, são só escravagistas em cima de cavalos.

— Exactamente — concordou. — Acho que devíamos atacar de três lados. Verme Cinzento, os teus Imaculados atacá-los-ão pela direita e pela esquerda, enquanto os meus *kos* levam a cavalaria em cunha numa arremetida através do centro. Soldados escravos nunca resistirão perante dothrakis montados. — Sorriu. — Com certeza, eu sou só uma rapariguinha e pouco sei de guerra. Que achais, senhores?

— Acho que sois a irmã de Rhaegar Targaryen — disse Sor Jorah com um meio-sorriso tristonho.

— Sim — disse Arstan Barba-Branca — e também uma rainha.

Levaram uma hora a congeminar todos os detalhes. *Agora começa a altura mais perigosa*, pensou Dany quando os seus capitães partiram para junto dos seus homens. Só podia rezar para que as sombras da noite escondessem do inimigo os preparativos.

Perto da meia-noite, apanhou um susto quando Sor Jorah passou numa investida por Belwas, o Forte.

— Os Imaculados apanharam um dos mercenários a tentar entrar no acampamento às escondidas.

— Um espião? — Aquilo assustou-a. Se tinham apanhado um, quantos mais teriam escapado?

— Ele diz que veio trazer presentes. É o idiota amarelo com o cabelo azul.

Daario Naharis.

— Esse. Então ouvirei o que tem a dizer.

Quando o cavaleiro exilado o trouxe, Dany perguntou a si própria se já teria havido no mundo dois homens mais diferentes um do outro. O tyroshi era claro onde Sor Jorah era trigueiro; esguio enquanto o cavaleiro era musculoso; embelezado com abundantes madeixas, ao passo que o outro ia perdendo o cabelo, e no entanto possuía uma pele lisa onde Mormont era peludo. E o seu cavaleiro vestia-se com simplicidade, enquanto o outro homem fazia com que um pavão parecesse monótono, embora, para aquela visita, tivesse posto um pesado manto negro sobre os seus brilhantes adornos amarelos. Transportava uma pesada saca de tela atirada sobre um ombro.

— *Khaleesi* — gritou —, trago presentes e alegres novas. Os Corvos Tormentosos são vossos. — Um dente de ouro cintilou na sua boca quando sorriu. — E Daario Naharis também!

Dany tinha dúvidas. Se aquele tyroshi tivesse vindo espiar, aquela declaração podia não passar de uma artimanha desesperada para salvar a cabeça.

— Que dizem disso Prendahl na Ghezn e Sallor?

— Pouca coisa. — Daario virou a saca ao contrário e as cabeças de Sallor, o Calvo, e Prendahl na Ghezn derramaram-se sobre os tapetes. — Os meus presentes para a rainha do dragão.

Viserion farejou o sangue que vazava do pescoço de Prendahl, e soltou um novelo de chamas que atingiu o morto em cheio na cara, enegrecendo e enchendo de bolhas a sua face sem sangue. Dragon e Rhaegal agitaram-se com o cheiro a carne assada.

— Fostes vós que fizestes isto? — perguntou Dany, repugnada.

— Eu e ninguém mais. — Se os dragões desconcertavam Daario

Naharis, ele escondia-o bem. Ajuizando pela atenção que lhes prestava, bem podiam ser três gatinhos a brincar com um rato.

— Porquê?

— Por serdes tão bela. — As mãos dele eram grandes e fortes, e havia algo nos seus olhos azuis e duros e no grande nariz curvo que sugeria a ferocidade de uma magnífica ave de rapina. — Prendahl falava demasiado e dizia pouco. — O seu vestuário, apesar de rico, estava muito usado, manchas de sal criavam um padrão nas suas botas, tinha o verniz das unhas lascado, a renda mostrava-se manchada pelo suor, e Dany via o ponto em que a bainha do manto estava a puir. — E Sallor escarafunchava o nariz como se o seu ranho fosse feito de ouro. — O homem estava em pé, com as mãos cruzadas nos pulsos, descansando as palmas nos botões das suas armas; um *arakh* dothraki curvo à anca esquerda, um esguio punhal de Myr à direita. Os cabos eram um par de mulheres douradas, nuas e sensuais.

— Usais essas belas lâminas com habilidade? — perguntou-lhe Dany.

— Prendahl e Sallor dir-vos-iam que sim, se os mortos falassem. Não conto um dia como vivido, a não ser que tenha amado uma mulher, morto um inimigo ou comido uma bela refeição... e os dias que vivi são tão incontáveis como as estrelas no céu. Transformo o massacre num acto de beleza, e muitos acrobatas e dançarinos de fogo suplicaram aos deuses poder ter metade da minha rapidez, um quarto da minha graciosidade. Dir-vos-ia os nomes de todos os homens que matei, mas antes de conseguir acabar, os vossos dragões tornar-se-iam tão grandes como castelos, as muralhas de Yunkai ruiriam, transformadas em poeira amarela, e o Inverno chegaria, partiria e voltaria a chegar.

Dany soltou uma gargalhada. Gostava da bravata que via naquele Daario Naharis.

— Puxai pela espada e ajuramentai-a ao meu serviço.

Num piscar de olhos, o *arakh* de Daario viu-se livre da bainha. A submissão do homem foi tão extravagante como tudo o resto nele, um grande arrebatamento que levou a sua cara até junto dos dedos dos pés de Dany.

— A minha espada é vossa. A minha vida é vossa. O meu amor é vosso. O meu sangue, o meu corpo, as minhas canções, sois dona de tudo. Vivo e morro às vossas ordens, bela rainha.

— Então vivei — disse Dany — e lutai por mim esta noite.

— Isso não seria sensato, minha rainha. — Sor Jorah deitou a Daario um olhar frio e duro. — Mantende este homem aqui, guardado, até que a batalha esteja concluída e ganha.

Dany reflectiu por um momento, e depois abanou a cabeça.

— Se ele nos puder dar os Corvos Tormentosos, a surpresa é certa.

— E se nos trair, a surpresa estará perdida.

Dany voltou a examinar o mercenário. Ele mostrou-lhe um tal sorriso que ela corou e afastou o olhar.

— Não trairá.

— Como podeis saber isso?

Ela apontou para os bocados de carne enegrecida que os dragões estavam a consumir, uma dentada sangrenta após outra.

— Eu chamaria àquilo uma prova da sua sinceridade. Daario Naharis, tende os vossos Corvos Tormentosos prontos a atacar a retaguarda yunkaíta quando o meu ataque começar. Conseguireis regressar em segurança?

— Se me pararem, dir-lhes-ei que andei a bater o terreno e nada vi. — O tyroshi pôs-se em pé, fez uma vénia, e saiu a passos largos.

Sor Jorah Mormont deixou-se ficar.

— Vossa Graça — disse, com demasiada brusquidão —, isto foi um erro. Nada sabemos sobre este homem...

— Sabemos que é um grande guerreiro.

— Um grande falador, quereis vós dizer.

— Ele traz-nos os Corvos Tormentosos. — *E tem olhos azuis.*

— Quinhentos mercenários de lealdade incerta.

— Todas as lealdades são incertas em tempos como estes — recordou-lhe Dany. *E eu serei traída mais duas vezes, uma por ouro e uma por amor.*

— Daenerys, tenho o triplo da vossa idade — disse Sor Jorah. — Já vi quão falsos são os homens. Muito poucos são dignos de confiança, e Daario Naharis não é um deles. Até na barba tem cores falsas.

Aquilo irritou-a.

— Ao passo que vós tendes uma barba honesta, é isso o que me estais a dizer? Que sois o único homem em que poderei confiar?

Ele endireitou-se.

— Não disse isso.

— É o que dizeis todos os dias. Pyat Pree é um mentiroso, Xaro é um maquinador, Belwas é um fanfarrão, Arstan um assassino... julgais que continuo a ser uma rapariguinha virgem, incapaz de ouvir as palavras por trás das palavras?

— Vossa Graça...

Ela interrompeu-o.

— Tendes sido o melhor amigo que já conheci, um irmão melhor do que Viserys alguma vez foi. Sois o primeiro membro da minha Guarda Real, o comandante do meu exército, o meu conselheiro mais estimado, a minha boa mão direita. Honro-vos, respeito-vos e estimo-vos... mas não vos desejo, Jorah Mormont, e estou cansada de vos ver a tentar empurrar todos os outros homens do mundo para longe de mim, para que tenha de

depende de vós e apenas de vós. Isso não pode ser, e não me fará amar-vos mais.

Mormont corara quando ela começara, mas quando Dany acabou, tinha a cara de novo pálida. Ficou imóvel como pedra.

— Se a minha rainha ordena — disse, seco e frio.

Dany estava suficientemente quente para ambos.

— Ordena — disse. — Ela *ordena*. E agora ide cuidar dos vossos Imaculados, sor. Tendes uma batalha a travar e vencer.

Quando o cavaleiro se foi embora, Dany atirou-se para cima das almofadas, para junto dos dragões. Não tencionara ser tão cortante com Sor Jorah, mas a contínua suspeita de Mormont despertara-lhe finalmente o dragão.

Ele perdoar-me-á, disse a si própria. *Sou a sua suserana*. Dany deu por si a interrogar-se sobre se ele teria razão acerca de Daario. De repente sentiu-se muito só. Mirri Maz Duur assegurara que ela nunca daria à luz um filho vivo. *A Casa Targaryen terminará comigo*. Aquilo entristeceu-a.

— Tendes de ser os meus filhos — disse aos dragões —, os meus três ferozes filhos. Arstan diz que os dragões vivem mais tempo do que os homens, portanto sobreviveréis depois de eu morrer.

Drogon curvou o pescoço para lhe morder a mão. Tinha uns dentes muito afiados, mas nunca lhe rompia a pele quando brincavam assim. Dany riu e fê-lo rolar de um lado para o outro até que ele rugiu, com a cauda a estalar como um chicote. *É mais comprido do que era*, viu ela, *e amanhã sê-lo-á ainda mais*. *Eles agora crescem depressa, e quando forem grandes, terei as minhas asas*. Montada num dragão, poderia ir à frente dos seus homens para a batalha, como fizera em Astapor, mas por enquanto eram ainda pequenos de mais para suportar o seu peso.

Uma quietude caiu sobre o acampamento quando a meia-noite chegou e passou. Dany permaneceu no seu pavilhão com as aias, enquanto Arstan Barba-Branca e Belwas, o Forte, montavam guarda. *A espera é a parte mais dura*. Ficar sentada na tenda sem ter onde ocupar as mãos enquanto a batalha estava a ser travada sem si fez com que Dany se sentisse de novo quase uma criança.

As horas arrastaram-se sobre patas de tartaruga. Mesmo depois de Jhiqui lhe massajar os ombros, desfazendo os nós que neles tinha, Dany permaneceu demasiado desassossegada para dormir. Missandei ofereceu-se para lhe cantar uma canção de embalar do Povo Pacífico, mas Dany abanou a cabeça.

— Traz-me Arstan — disse.

Quando o velho entrou, Dany encontrava-se enrolada dentro da sua pele de *hrakkar*, cujo cheiro bafiento ainda lhe fazia lembrar Drogo.

— Não consigo dormir quando há homens a morrer por mim, Barba-Branca — disse. — Falai-me mais acerca do meu irmão Rhaegar, por favor. Gostei da história que me contastes no navio, sobre o modo como ele decidiu que tinha de ser um guerreiro.

— Vossa Graça é bondosa por dizê-lo.

— Viserys dizia que o nosso irmão ganhou muitos torneios.

Arstan inclinou respeitosamente a sua cabeça branca.

— Não é próprio da minha parte negar as palavras de Sua Graça...

— Mas? — disse Dany em tom penetrante. — Contai-me. Eu ordeno-o.

— A perícia do Príncipe Rhaegar era inquestionável, mas ele raramente entrava nas liças. Nunca gostou da canção das espadas como Robert gostava, ou como Jaime Lannister. Era algo que tinha de fazer, uma tarefa que o mundo lhe atribuíra. Desempenhava-a bem, visto que fazia tudo bem. Era essa a sua natureza. Mas não tirava dela alegria. Os homens diziam que ele gostava muito mais da harpa do que da lança.

— Mas certamente que terá ganho *alguns* torneios — disse Dany, desapontada.

— Quando era novo, Sua Graça participou brilhantemente num torneio em Ponta Tempestade, derrotando o Lorde Steffron Baratheon, o Lorde Jason Mallister, a Víbora Vermelha de Dorne, e um cavaleiro misterioso que se revelou ser o infame Simon Toyne, chefe dos foras-da-lei da Matardeiri. Quebrou doze lanças contra Sor Arthur Dayne nesse dia.

— Então foi ele o campeão?

— Não, Vossa Graça. Essa honra foi para outro cavaleiro da Guarda Real, que derrubou o Príncipe Rhaegar na justa final.

Dany não queria ouvir falar de derrubes a Rhaegar.

— Mas que torneios *ganhou* o meu irmão?

— Vossa Graça. — O velho hesitou. — Ele ganhou o maior torneio de todos.

— Que torneio foi esse? — quis saber Dany.

— O torneio que o Lorde Whent montou em Harrenhal ao lado do Olho de Deus, no ano da falsa Primavera. Um evento notável. Além das justas, houve um corpo a corpo ao estilo antigo, lutado entre sete equipas de cavaleiros, bem como tiro com arco e arremesso de machados, uma corrida de cavalos, um torneio de cantores, um espectáculo de saltimbancos, e muitos banquetes e divertimentos. O Lorde Whent era tão generoso como rico. As pródigas bolsas que proclamou atraíram centenas de competidores. Até o vosso real pai se deslocou a Harrenhal, ele que não abandonava a Fortaleza Vermelha havia longos anos. Os maiores senhores e mais poderosos campeões dos Sete Reinos partici-

param nesse torneio, e o Príncipe de Pedra do Dragão superiorizou-se a todos eles.

— Mas esse foi o torneio em que coroou Lyanna Stark como rainha do amor e da beleza! — disse Dany. — A Princesa Elia, sua esposa, estava lá, e no entanto o meu irmão deu a coroa à rapariga Stark, e mais tarde roubou-a ao seu prometido. Como pôde ter feito tal coisa? A mulher dor-nesa tratava-o assim tão mal?

— Não cabe a alguém como eu dizer o que poderá ter estado no coração do vosso irmão, Vossa Graça. A Princesa Elia era uma senhora bondosa e graciosa, embora a sua saúde sempre tenha sido delicada.

Dany enrolou melhor a pele de leão em volta dos ombros.

— Viserys disse uma vez que a culpa era minha, por ter nascido demasiado tarde. — Lembra-se de o ter negado acaloradamente, chegando ao ponto de dizer a Viserys que fora culpa dele por não ter nascido rapariga. Ele espancara-a cruelmente por essa insolência. — Se eu tivesse nascido em altura mais oportuna, disse ele, Rhaegar ter-se-ia casado comigo e não com Elia, e tudo teria sido diferente. Se Rhaegar tivesse sido feliz com a esposa, não teria necessitado da rapariga Stark.

— Talvez assim seja, Vossa Graça. — O Barba-Branca fez uma pausa momentânea. — Mas não tenho a certeza de que Rhaegar tivesse a capacidade de ser feliz.

— Fazeis com que ele pareça tão amargo — protestou Dany.

— Amargo não, não, mas... havia uma melancolia no Príncipe Rhaegar, um sentido... — O velho voltou a hesitar.

— Dizei-o — pediu ela. — Um sentido...?

— ... de tragédia. Ele nasceu em desgosto, minha rainha, e essa sombra pairou sobre ele durante toda a vida.

Viserys só falara uma vez do nascimento de Rhaegar. A história talvez o entristecesse demasiado.

— Era a sombra de Solarestival que o assombrava, não era?

— Sim. E no entanto, Solarestival era o lugar que o príncipe mais amava. Ia lá de tempos a tempos, acompanhado apenas da sua harpa. Nem mesmo os cavaleiros da Guarda Real o serviam aí. Gostava de dormir no salão arruinado, sob a Lua e as estrelas, e sempre que regressava trazia uma canção. Quando se ouvia o príncipe tocar a sua harpa com cordas de prata e cantar acerca de penumbras, lágrimas e a morte de reis, não era possível evitar sentir que ele estava a cantar sobre si e sobre aqueles que amava.

— E o Usurpador? Ele também tocava canções tristes?

Arstan soltou um risinho.

— Robert? Robert gostava de canções que o fizessem rir, e quanto mais obscenas, melhor. Só cantava quando estava bêbado, e então eram coi-

sas do género de “Um Barril de Cerveja”, “Cinquenta e Quatro Tonéis” ou “O Urso e a Bela Donzela”. Robert era muito...

Como um só, os dragões ergueram as cabeças e rugiram.

— Cavalos! — Dany pôs-se em pé de um salto, apertando-se à pele de leão. Lá fora, ouviu Belwas, o Forte, a berrar qualquer coisa, e depois outras vozes, e o ruído de muitos cavalos. — Irri, vai ver quem...

A aba da tenda abriu-se de rompante e Sor Jorah Mormont entrou. Vinha empoeirado e salpicado de sangue, mas além disso não parecia afetado pela batalha. O cavaleiro exilado caiu sobre um joelho perante Dany e disse:

— Vossa Graça, trago-vos a vitória. Os Corvos Tormentosos viraram as casacas, os escravos quebraram e os Segundos Filhos estavam demasiado bêbados para lutar, tal como tínheis dito. Duzentos mortos, na maioria yunkaitas. Os seus escravos deitaram fora as lanças e fugiram, e os seus mercenários renderam-se. Temos vários milhares de cativos.

— As nossas perdas?

— Uma dúzia. Se tanto.

Só então se permitiu um sorriso.

— Erguei-vos, meu bom e corajoso urso. Grazdan foi capturado? Ou o Bastardo do Titã?

— Grazdan foi a Yunkai entregar as vossas exigências. — Sor Jorah pôs-se em pé. — Mero fugiu, assim que se apercebeu de que os Corvos Tormentosos se tinham passado para o nosso lado. Tenho homens a perseguir-lo. Não nos deve escapar por muito tempo.

— Muito bem — disse Dany. — Mercenário ou escravo, poupai todos aqueles que me jurem lealdade. Se um número suficiente dos Segundos Filhos se me juntar, mantende a companhia intacta.

No dia seguinte marcharam as três últimas léguas até Yunkai. A cidade tinha sido construída de tijolos amarelos em vez de vermelhos; tirando isso era uma cópia perfeita de Astapor, com as mesmas muralhas a esboroar-se e maciças pirâmides de degraus, e uma grande harpia montada por cima dos portões. A muralha e torres estavam repletas de besteiros e fundibulários. Sor Jorah e o Verme Cinzento posicionaram os seus homens, Irri e Jhiqui ergueram o pavilhão de Dany, e esta sentou-se, à espera.

Na manhã do terceiro dia, os portões da cidade abriram-se e uma fileira de escravos começou a sair. Dany montou a prata para ir ao seu encontro. Ao passarem, a pequena Missandei foi-lhes dizendo que deviam a liberdade a Daenerys Nascida na Tormenta, a Não-Queimada, Rainha dos Sete Reinos de Westeros e Mãe de Dragões.

— *Mhysa!* — gritou-lhe um homem de pele castanha. Trazia uma

criança ao ombro, uma rapariguinha, e ela gritou a mesma palavra na sua vozinha fina. — *Mhysa! Mhysa!*

Dany olhou para Missandei.

— Que estão eles a gritar?

— É ghiscari, a antiga língua pura. Quer dizer “Mãe”.

Dany sentiu uma leveza no peito. *Nunca darei à luz um filho vivo*, recordou. A mão tremeu-lhe ao erguê-la. Talvez tenha sorrido. Deve ter sorrido, pois o homem também sorriu e voltou a gritar, e outros acompanharam o seu grito.

— *Mhysa!* — gritaram. — *Mhysa! MHYSA!* — Estavam todos a sorrir-lhe, a estender as mãos para ela, a ajoelhar à sua frente. Alguns chamavam-lhe “*Maela*”, outros gritavam “*Aelalla*” ou “*Qathei*” ou “*Tato*”, mas qualquer que fosse a língua, todas as palavras queriam dizer o mesmo. *Mãe. Eles estão a chamar-me Mãe.*

O cântico cresceu, espalhou-se, avolumou-se. Avolumou-se tanto que assustou o seu cavalo, e a égua recuou, abanou a cabeça e agitou a cauda cinzenta-prateada. Avolumou-se até parecer abanar as muralhas amarelas de Yunkai. Mais escravos saíam pelos portões a cada momento, e ao chegarem, juntavam-se ao grito. Agora corriam para ela, empurrando-se, tropeçando, desejando tocar-lhe a mão, afagar a crina do seu cavalo, beijar-lhe os pés. Os seus pobres companheiros de sangue não conseguiam mantê-los a todos afastados, e até Belwas, o Forte, grunhiu e resmungou de susto.

Sor Jorah tentou convencê-la a sair dali, mas Dany lembrou-se de um sonho que tivera na Casa dos Imorredouros.

— Eles não me farão mal — disse-lhe. — Eles são meus filhos, Jorah. — Soltou uma gargalhada, bateu com os calcanhares no cavalo e cavalgou na direcção dos escravos, com as campainhas no cabelo a retinir em doce vitória. Trotou, depois passou a meio galope e de seguida pôs-se a galope, com a trança a ondular atrás. Os escravos libertados abriram-lhe caminho. “Mãe”, gritaram cem gargantas, mil, dez mil. “Mãe”, cantaram, com os dedos a afagar-lhe as pernas enquanto voava através deles. “Mãe, Mãe, Mãe!”

ARYA

Quando Arya viu a forma do grande monte a erguer-se à distância, dourado ao Sol da tarde, reconheceu-o de imediato. Tinham regressado a Coração Alto.

Ao pôr-do-sol estavam no topo, acampando onde nenhum mal lhes poderia acontecer. Arya percorreu o círculo de tocos de represeiro com o escudeiro de Lorde Beric, Ned, e puseram-se em pé em cima de um deles a observar a última luz que desaparecia a ocidente. Dali de cima via uma tempestade que se enfurecia para norte, mas Coração Alto erguia-se *acima* da chuva. Não estava acima do vento, no entanto; as rajadas sopravam com tanta força que era como se alguém estivesse atrás dela a puxar-lhe pelo manto. Só que quando se virou, não estava lá ninguém.

Fantasmas, recordou. Coração Alto está assombrado.

Fizeram uma grande fogueira no cimo do monte, e Thoros de Myr sentou-se de pernas cruzadas na sua frente, a olhar para as profundezas das chamas como se nada mais existisse no mundo inteiro.

— Que está ele a fazer? — perguntou Arya a Ned.

— Ele às vezes vê coisas nas chamas — disse-lhe o escudeiro. — O passado. O futuro. Coisas que estão a acontecer muito longe.

Arya olhou para o fogo com os olhos semicerrados, tentando ver o que o sacerdote vermelho via, mas só conseguiu ficar com os olhos cheios de lágrimas e pouco tempo depois afastou-os da fogueira. Gendry também estava a observar o sacerdote vermelho.

— Podeis mesmo ver aí o futuro? — perguntou de súbito.

Thoros afastou os olhos do fogo, suspirando.

— Aqui não. Agora não. Mas certos dias, sim, o Senhor da Luz concede-me visões.

Gendry não parecia convencido.

— O meu mestre dizia que éreis um bêbado e uma fraude, um sacerdote tão mau como os piores.

— Isso era pouco amável. — Thoros soltou um risinho. — Verdadeiro, mas pouco amável. Quem era esse teu mestre? Eu conhecia-te, rapaz?

— Eu era aprendiz do mestre armeiro Tobho Mott, na Rua do Aço. Costumáveis comprar-lhe as espadas.

— É verdade. Ele cobrava-me o dobro do que elas valiam, e depois reprendia-me por lhes pegar fogo. — Thoros soltou uma gargalhada.

— O teu mestre tinha razão. Eu não era um sacerdote lá muito santo. Fui o mais novo de oito filhos, e por isso o meu pai deu-me ao Templo Vermelho, mas não teria sido esse o caminho que eu escolheria. Orava as orações e proferia os feitiços, mas também liderava ataques às cozinhas e, de tempos a tempos, encontravam raparigas na minha cama. Umas raparigas tão malvadas... nunca soube como elas iam lá parar.

»Mas tinha um dom para línguas. E quando olhava para as chamas, bem, de vez em quando via coisas. Mesmo assim eram mais os aborrecimentos que dava do que o valor que tinha, e acabaram por me enviar para Porto Real a fim de trazer a luz do Senhor ao sete vezes embrutecido Westeros. O Rei Aerys gostava tanto de fogo que se pensou que poderia ser convertido. Infelizmente, os seus piromantes conheciam melhores truques do que eu.

»Mas o Rei Robert gostava de mim. Da primeira vez que entrei num corpo a corpo com uma espada flamejante, o cavalo de Kevan Lannister empinou-se e atirou-o ao chão, e Sua Graça riu-se tanto que eu pensei que explodiria. — A recordação fez o sacerdote vermelho sorrir. — Mas aquilo não era maneira de tratar uma lâmina, o teu mestre também tinha razão quanto a isso.

— O fogo consome. — O Lorde Beric estava em pé atrás deles, e havia algo na sua voz que silenciou Thoros de imediato. — Ele *consome*, e quando termina, nada resta. *Nada*.

— Beric. Querido amigo. — O sacerdote tocou o senhor do relâmpago no antebraço. — Que estais vós a dizer?

— Nada que não tenha já dito. Seis vezes, Thoros? Seis vezes são demasiadas. — Afastou-se abruptamente.

Naquela noite o vento uivava quase como um lobo, e havia alguns lobos verdadeiros a oeste a dar-lhe lições. Notch, Anguy e o Merrit de Vilalua estavam de vigia. Ned, Gendry e muitos dos outros dormiam profundamente quando Arya vislumbrou a pequena silhueta clara que se movia por trás dos cavalos, com o cabelo fino e branco a esvoaçar loucamente, enquanto se apoiava numa bengala cheia de nós. A mulher não podia ter mais de noventa centímetros de altura. A luz da fogueira fazia-lhe cintilar os olhos num tom tão vermelho como o dos olhos do lobo de Jon. *Ele também era um fantasma*. Arya esgueirou-se para mais perto, e ajoelhou-se para espreitar.

Thoros e Limo faziam companhia ao Lorde Beric quando a anã se sentou junto da fogueira sem ser convidada. Olhou-os de soslaio com uns olhos que eram como carvões ardentes.

— A Brasa e o Limão vêm de novo visitar-me, com Sua Graça, o Senhor dos Cadáveres.

— Um nome de mau agoiro. Já vos pedi que não o usásseis.

— Sim, pedistes. Mas o fedor da morte é em vós fresco, senhor. — Não lhe restava mais do que um dente. — Dai-me vinho, senão vou-me embora. Os meus ossos estão velhos. As articulações doem-me quando os ventos sopram, e aqui em cima os ventos não param de soprar.

— Um veado de prata pelos vossos sonhos, senhora — disse o Lorde Beric, com uma solene cortesia. — E outro se tiverdes notícias para nos dar.

— Não posso comer um veado de prata, e também não o posso montar. Um odre de vinho pelos meus sonhos, e, pelas notícias, um beijo do grande idiota com o manto amarelo. — A pequena mulher soltou um cacarejo. — Sim, um beijo molhado, um pouco de língua. Passou-se demasiado tempo, demasiado. A boca dele vai saber a limões e a minha a ossos. Sou velha de mais.

— Sim — protestou o Limo. — Velha de mais para vinho e beijos. Tudo o que levareis de mim é a parte romba da espada, bruxa.

— O cabelo cai-me às mãos-cheias e ninguém me beija há mil anos. É duro ser tão velha. Bem, nesse caso aceito uma canção. Uma canção do Tom das Sete, pelas notícias.

— Obtereis a vossa canção do Tom — prometeu o Lorde Beric. Foi ele próprio a entregar-lhe o odre de vinho.

A anã bebeu profundamente, deixando escorrer vinho pelo queixo abaixo. Quando baixou o odre, limpou a boca com as costas de uma mão enrugada e disse:

— Vinho amargo por amargas novas, que haveria de mais adequado? O rei está morto, isso é suficientemente amargo para vós?

O coração de Arya subiu-lhe à garganta.

— *Qual* dos malditos reis está morto, velha? — exigiu saber o Limo.

— O molhado. O rei da lula gigante, s'nhores. Sonhei que ele estava morto, e ele morreu, e agora as lulas de ferro viraram-se umas contra as outras. Oh, e o Lorde Hoster Tully também morreu, mas vós sabeis disso, não é verdade? No salão dos reis o bode está só e febril, enquanto o grande cão cai sobre ele. — A velha bebeu outro longo trago de vinho, espremendo o odre enquanto o levava aos lábios.

O grande cão. Estaria a velha a falar do Cão de Caça? Ou talvez do irmão, a Montanha Que Cavalga? Arya não tinha a certeza. Ambos usavam as mesmas armas, três cães negros em fundo amarelo. Metade dos homens por cujas mortes rezava pertenciam a Sor Gregor Clegane; Polliver, Dunsen, Raff, o Querido, o Cócegas e o próprio Sor Gregor. *Talvez o Lorde Beric os enforque a todos.*

— Sonhei com um lobo a uivar à chuva, mas ninguém ouvia o seu lamento — estava a anã a dizer. — Sonhei com um tal clangor que julguei

que a minha cabeça ia rebentar, com tambores, cornos, flautas e gritos, mas o som mais triste era o de pequenas campainhas. Sonhei com uma donzela num banquete com serpentes púrpura no cabelo e veneno a pingar dos seus colmilhos. E mais tarde voltei a sonhar com essa donzela, a matar um gigante selvagem num castelo feito de neve. — Virou vivamente a cabeça e sorriu através das sombras, directamente para Arya. — Não podes esconder-te de mim, filha. Aproxima-te lá.

Dedos frios desceram pelo pescoço de Arya. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, lembrou a si própria. Ergueu-se e aproximou-se cautelosamente da fogueira, pisando levemente, nas pontas dos pés, pronta a fugir.

A anã estudou-a com os seus sombrios olhos vermelhos.

— Estou a ver-te — sussurrou. — Estou a ver-te, criança lobo. Criança de sangue. Julgava que era o lorde quem cheirava a morte... — Desatou a soluçar, fazendo estremecer o seu pequeno corpo. — És cruel por vires ao meu monte, cruel. Empanturrei-me de desgosto em Solarestival, não preciso do teu. Desaparece daqui, coração negro. *Desaparece!*

Havia tanto medo na voz dela que Arya deu um passo para trás, perguntando a si própria se a mulher estaria louca.

— Não assusteis a criança — protestou Thoros. — Não há nenhum mal nela.

O dedo do Limo Manto Limão dirigiu-se ao seu nariz quebrado.

— Não tendes tanta certeza quanto a isso.

— Ela partirá de manhã, connosco — garantiu o Lorde Beric à pequena mulher. — Vamos levá-la para Correrrio, para junto da mãe.

— Não — disse a anã. — Não ides. Quem controla os rios é agora o peixe negro. Se quereis a mãe, procurai-a nas Gémeas. Pois irá haver um *casamento*. — Voltou a soltar um cacarejo. — Olhai para os vossos fogos, sacerdote cor-de-rosa, e vereis. Mas não agora, e não aqui, aqui não vereis nada. Este lugar ainda pertence aos antigos deuses... permanecem aqui, tal como eu, encolhidos e frágeis mas ainda vivos. E não gostam das chamas. Pois o carvalho recorda a bolota, a bolota sonha o carvalho, e o toco vive em ambos. E lembram-se de quando os Primeiros Homens chegaram com fogo nos punhos. — Bebeu o resto do vinho em quatro longos tragos, atirou o odre para o lado, e apontou a bengala ao Lorde Beric. — Quero agora o meu pagamento. Quero a canção que me prometestes.

E assim o Limo despertou o Tom Sete-Cordas de debaixo das suas peles, e trouxe-o a bocejar até junto da fogueira com a harpa na mão.

— A mesma canção de sempre? — perguntou.

— Oh, sim. A canção da minha Jenny. Existe mais alguma?

E ele assim cantou, e a anã fechou os olhos e pôs-se a balançar len-

tamente de um lado para o outro, murmurando as palavras e chorando. Thoros pegou firmemente na mão de Arya e afastou-se com ela.

— Deixa-a saborear a canção em paz — disse. — É tudo o que lhe resta.

Eu não ia fazer-lhe mal, pensou Arya.

— Que queria ela dizer com as Gêmeas? A minha mãe está em Correrrio, não está?

— Estava. — O sacerdote vermelho coçou-se por baixo do queixo. — Um casamento, disse ela. Veremos. Mas esteja onde estiver, o Lorde Beric há-de encontrá-la.

Não muito tempo depois, o céu abriu-se. Estalou o relâmpago, o trovão rolou sobre os montes, e a chuva começou a cair em lençóis que cegavam. A anã desapareceu tão subitamente como surgira, enquanto os foras-da-lei apanhavam ramos e erguiam abrigos improvisados.

Choveu toda a noite e, ao chegar a manhã, Ned, o Limo e Watty, o Moleiro, acordaram com arrepios. Watty não conseguiu manter o pequeno-almoço no estômago e o jovem Ned, ora estava febril, ora desatava a tremer, com a pele fria e húmida ao toque. Notch disse ao Lorde Beric que havia uma aldeia abandonada a meio dia de viagem para norte; encontrariam aí melhor abrigo, um lugar onde esperar que passasse o pior das chuvas. E assim, arrastaram-se para cima das selas e puseram os cavalos a descer o grande monte.

As chuvas não abrandavam. Cavalgaram por florestas e campos de cultivo, vadeando ribeiros em cheia, nos quais as rápidas águas chegavam às barrigas dos cavalos. Arya puxou o capuz do manto para cima da cabeça e encolheu-se, empapada e a tremer, mas determinada a não esmorecer. Merritt e Mudge estavam em breve a tossir tanto como Watty, e o pobre Ned parecia ficar mais infeliz a cada milha.

— Quando uso o elmo, a chuva bate no aço e deixa-me com dor de cabeça — queixou-se. — Mas quando o tiro, o meu cabelo fica encharcado e cola-se-me à cara e entra-me na boca.

— Tens uma faca — sugeriu Gendry. — Se o cabelo te aborrece assim tanto, rapa a porcaria da cabeça.

Ele não gosta de Ned. O escudeiro parecia a Arya bastante simpático; talvez um pouco tímido, mas de boa índole. Sempre ouvira dizer que os dorneses eram baixos e trigueiros, com cabelo negro e pequenos olhos negros, mas Ned tinha grandes olhos azuis, tão escuros que quase pareciam púrpura. E o cabelo era de um louro-claro, mais cinza do que mel.

— Há quanto tempo és escudeiro do Lorde Beric? — perguntou, para lhe afastar a mente dos seus problemas.

— Ele tomou-me como pajem quando desposou a minha tia. — Tos-

siu. — Tinha sete anos, mas quando fiz dez, promoveu-me a escudeiro. Uma vez ganhei um prémio, a arremeter contra anéis.

— Nunca aprendi a manejar a lança, mas podia ganhar-te com uma espada — disse Arya. — Já mataste alguém?

Aquilo pareceu alarmá-lo.

— Só tenho doze anos.

Matei um rapaz com oito, quase disse Arya, mas achou que era melhor não o fazer.

— Mas estiveste em batalhas.

— Sim. — Não parecia muito orgulhoso do facto. — Estive no Vau do Saltimbanco. Quando o Lorde Beric caiu ao rio, arrastei-o para a margem para que não se afogasse e fiquei por cima dele de espada na mão. Mas não cheguei a ter de lutar. Ele tinha uma lança espetada, e por isso ninguém nos incomodou. Quando reagrupámos, o Gergen Verde ajudou a pôr sua senhoria a cavalo.

Arya estava a lembrar-se do moço de estrebaria em Porto Real. Depois dele houvera aquele guarda cuja garganta cortara em Harrenhal, e os homens de Sor Amory naquela fortaleza junto ao lago. Não sabia se Weese e Chiswyck contavam, ou aqueles que tinham morrido à conta da sopa de doninha... de súbito sentiu-se muito triste.

— Também chamavam Ned ao meu pai — disse.

— Eu sei. Vi-o no torneio da Mão. Queria aproximar-me e falar com ele, mas não consegui arranjar o que dizer. — Ned estremeceu sob o manto, um bocado encharcado, de púrpura-claro. — Estáveis no torneio? Vi lá a vossa irmã. Sor Loras Tyrell deu-lhe uma rosa.

— Ela contou-me. — Tudo parecia ter acontecido há tanto tempo. — Jeyne Poole, a amiga dela, apaixonou-se pelo teu Lorde Beric.

— Ele está prometido à minha tia. — Ned fez uma expressão de desconforto. — Mas isso foi antes. Antes de ele...

...*morrer?* pensou Arya, enquanto a voz de Ned se reduzia a um silêncio incómodo. Os cascos dos cavalos faziam sons de sucção ao libertarem-se da lama.

— Senhora? — disse Ned por fim. — Tendes um irmão ilegítimo... Jon Snow?

— Ele está com a Patrulha da Noite na Muralha. — *Talvez devesse ir para a Muralha em vez de Correrrio. O Jon não se importaria com quem matei ou se me pentei ou não...* — O Jon parece-se comigo, apesar de ter nascido bastardo. Costumava despentear-me o cabelo e chamar-me “irmãzinha”. — De todos, era de Jon que Arya sentia mais falta. Bastava dizer o seu nome para entristecer. — Como sabes do Jon?

— Ele é meu irmão-de-leite.

— Irmão? — Arya não compreendia. — Mas tu és de Dorne. Como podes ser do sangue de Jon?

— Irmãos-de-leite. Não de sangue. A senhora minha mãe não tinha leite quando eu era pequeno, e Wylla teve de me amamentar.

Arya não estava a entender.

— Quem é Wylla?

— A mãe de Jon Snow. Ele nunca vos disse? Ela esteve ao nosso serviço durante anos e mais anos. Desde antes de eu nascer.

— O Jon nunca conheceu a mãe. Nem sequer sabe o seu nome. — Arya deitou a Ned um olhar desconfiado. — Conhece-la? Mesmo? — *Estará ele a troçar de mim?* — Se mentires, dou-te um murro na cara.

— Wylla foi a minha ama-de-leite — repetiu o rapaz com solenidade. — Juro-o pela honra da minha Casa.

— Tu tens uma Casa? — Aquilo era estúpido; ele era um escudeiro, é claro que tinha uma Casa. — Quem és tu?

— Senhora? — Ned fez uma expressão embaraçada. — Sou Edric Dayne, o... o Senhor de Tombastela.

Atrás deles, Gendry gemeu.

— Senhores e senhoras — proclamou, num tom de repugnância. Arya arrancou uma maçã apodrecida de um ramo de passagem e atirou-lha, fazendo-a ressaltar na sua dura cabeça de touro. — Au — disse ele. — Isso doeu. — Tacteu a pele por cima do olho. — Que tipo de senhora atira maçãs às pessoas?

— O tipo mau — disse Arya, de súbito contrita. Virou-se de novo para Ned. — Lamento não saber quem tu eras. Senhor.

— A culpa é minha, senhora. — Ele era muito bem-educado.

Jon tem uma mãe. Wylla, o nome dela é Wylla. Teria de se lembrar para lhe poder dizer da próxima vez que o visse. Perguntou a si própria se ele ainda lhe chamaria “irmãzinha”. *Já não sou assim tão zinha. Ele vai ter de me chamar outra coisa qualquer.* Quando chegasse a Correrrio, talvez pudesse escrever uma carta a Jon e contar-lhe o que Ned dissera.

— Havia um Arthur Dayne — lembrou-se. — Aquele a quem chamavam Espada da Manhã.

— O meu pai era o irmão mais velho de Sor Arthur. A Senhora Ashara era minha tia. Mas nunca a conheci. Ela atirou-se ao mar do alto da Espada Branca antes de eu nascer.

— Porque faria tal coisa? — perguntou Arya, surpreendida.

Ned fez uma expressão de desconfiança. Talvez tivesse receio que ela lhe atirasse qualquer coisa.

— O senhor vosso pai nunca falou dela? — disse. — Da Senhora Ashara Dayne, de Tombastela?

— Não. Conhecia-a?
— Antes de Robert ser rei. Ela conheceu o vosso pai e os irmãos em Harrenhal, durante o ano da falsa Primavera.
— Oh. — Arya não sabia o que mais dizer. — Mas porque foi que ela saltou para o mar?
— Tinha o coração partido.
Sansa teria suspirado e derramado uma lágrima pelo amor verdadeiro, mas Arya achava simplesmente que era uma estupidez. Mas não podia dizer isso a Ned, não podia dizer tal coisa sobre a tia do rapaz.
— Alguém lho partiu?
Ele hesitou.
— Talvez não me caiba...
— *Conta-me.*
O rapaz olhou-a desconfortavelmente.
— A minha tia Allyria diz que a Senhora Ashara e o vosso pai se apaixonaram em Harrenhal...
— Não é verdade. Ele amava a senhora minha mãe.
— Estou certo de que sim, senhora, mas...
— Era a *única* mulher que ele amava.
— Então deve ter encontrado aquele bastardo debaixo de uma folha de couve — disse Gendry atrás deles.
Arya quis ter outra maçã para fazer ressaltar na cara dele.
— O meu pai tinha *honra* — disse, zangada. — E seja como for, não estávamos a falar *contigo*. Porque é que não voltas para o Septo de Pedra e fazes tocar os estúpidos sinos daquela rapariga?
Gendry ignorou-a.
— Pelo menos o teu pai *criou* o bastardo dele; o meu não. Nem sequer sei o nome do meu pai. Algum bêbado fedorento, aposto, como os outros que a minha mãe arrastava da cervejaria para casa. Sempre que se zangava comigo, dizia “Se o teu pai estivesse aqui, batia-te até fazer sangue”. Isso é tudo o que sei dele. — Cuspiu para o chão. — Bem, se estivesse aqui agora, podia ser que eu lhe batesse *a ele* até fazer sangue. Mas está morto, parece-me, e o teu pai também está morto, portanto que importa com quem ele se deitou?
A Arya importava, embora não soubesse dizer porquê. Ned estava a tentar desculpar-se por a ter perturbado, mas ela não quis ouvir. Encostou os calcanhares ao cavalo e deixou-os aos dois para trás. Anguy, o Arqueiro, seguia alguns metros mais à frente. Quando o apanhou, disse:
— Os dorneses mentem, não mentem?
— São famosos por isso. — O arqueiro sorriu. — Mas claro que eles dizem o mesmo de nós, os da Marca, portanto aí tens. O que se passa agora? O Ned é um bom rapaz...

— Ele é só um estúpido mentiroso. — Arya abandonou o trilho, saltou um tronco apodrecido e vadeou um ribeiro, fazendo saltar água para todos os lados, ignorando os gritos dos foras-da-lei atrás de si. *Só querem contar-me mais mentiras.* Pensou em tentar fugir-lhes, mas eles eram muitos e conheciam aquelas terras bem de mais. De que servia fugir se nos apanhassem?

Por fim, foi Harwin que se pôs a seu lado.

— Onde julgais que ides, senhora? Não devíeis fugir. Há lobos nesta floresta, e coisas piores.

— Não tenho medo — disse ela. — Aquele rapaz, o Ned, disse...

— Sim, ele contou-me. A Senhora Ashara Dayne. É uma história antiga, essa. Ouvi-a uma vez em Winterfell não era ainda mais velho do que vós sois agora. — Agarrou firmemente no seu freio e virou-lhe o cavalo. — Duvido que haja nela alguma verdade. Mas se houver, qual é o problema? Quando Ned conheceu esta senhora dornesa, o irmão Brandon ainda estava vivo, e era ele o noivo da Senhora Catelyn, portanto não há nenhuma mancha na honra do vosso pai. Não há como um torneio para aquecer o sangue, e talvez algumas palavras tenham sido murmuradas numa tenda nalguma noite, quem poderá dizê-lo? Palavras ou beijos, talvez mais, mas onde está o mal? A Primavera tinha chegado, ou pelo menos era o que pensavam, e nenhum dos dois estava comprometido.

— Mas ela matou-se — disse Arya com incerteza. — O Ned diz que ela saltou de uma torre para o mar.

— É verdade — admitiu Harwin enquanto a conduzia de volta — mas foi por desgosto, aposto. Ela tinha perdido um irmão, a Espada da Manhã. — Abanou a cabeça. — Deixai isto, senhora. Estão mortos, todos eles. Deixai o assunto... e por favor, quando chegarmos a Correrrio, não digais nada sobre ele à vossa mãe.

A aldeia ficava mesmo onde Notch prometera. Abrigaram-se num estábulo de pedra cinzenta. Só restava meio telhado, mas isso era meio telhado a mais do que havia em qualquer outro edifício da aldeia. *Isto não é uma aldeia, são só pedras pretas e ossos velhos.*

— Foram os Lannister que mataram as pessoas que viviam aqui? — perguntou Arya enquanto ajudava Anguy a secar os cavalos.

— Não. — Ele apontou. — Olha como o musgo cresce alto nas pedras. Ninguém anda por aqui há muito tempo. E há uma árvore a crescer ali da parede, estás a ver? Este sítio foi passado pelo archote há muito tempo.

— Então quem foi que o fez? — perguntou Gendry.

— Hoster Tully. — Notch era um homem curvado, magro e de barba grisalha, nascido naquela zona. — Isto era a aldeia do Lord Goodbrook. Quando Correrrio declarou o apoio a Robert, Goodbrook manteve-se fiel

ao rei, portanto o Lorde Tully caiu sobre ele com fogo e espada. Depois do Tridente, o filho de Goodbrook fez a paz com Robert e o Lorde Hoster, mas isso não ajudou em nada os mortos.

Caiu um silêncio. Gendry deitou a Arya um olhar estranho, após o que lhe virou costas para escovar o cavalo. Lá fora, a chuva caía sem parar.

— Acho que precisamos de uma fogueira — declarou Thoros. — A noite é escura e cheia de terrores. E também molhada, há? Molhada de mais.

O Jack Sortudo arrancou alguma madeira de uma cocheira, enquanto Notch e Merritt juntavam palha para servir de acendalha. O próprio Thoros fez saltar a faísca, e o Limo atçou as chamas com o seu grande manto amarelo até as deixar a rugir e rodopiar. Em breve ficou quase calor dentro do estábulo. Thoros sentou-se em frente da fogueira de pernas cruzadas, devorando as chamas com os olhos, tal como fizera no topo de Coração Alto. Arya observava-o de perto, e uma vez os lábios dele moveram-se e ela julgou ouvi-lo murmurar “Correrrio”. O Limo pôs-se a andar de um lado para o outro, tossindo, com uma longa sombra a acompanhá-lo passo a passo, enquanto o Tom das Sete descalçava as botas e esfregava os pés.

— Devo estar louco para voltar a Correrrio — protestou o cantor. — Os Tully nunca deram sorte ao velho Tom. Foi aquela Lysa que me mandou pela estrada de altitude, quando os Homens de Lua me roubaram o ouro e o cavalo e também toda a roupa. Há cavaleiros no Vale que ainda contam a história de como eu cheguei a pé ao Portão Sangrento só com a harpa p’ra manter a modéstia. Eles obrigaram-me a cantar “O Rapaz do Dia do Seu Nome” e “O Rei Sem Coragem” antes de abrirem aquele portão. O meu único consolo foi que três deles morreram a rir. Nunca mais voltei ao Ninho de Águia, e também não canto “O Rei Sem Coragem”, nem por todo o ouro do Rochedo...

— *Lannister* — disse Thoros. — A rugir em vermelho e dourado. — Pôs-se em pé e foi ter com o Lorde Beric. O Limo e o Tom não perderam tempo a juntar-se-lhes. Arya não conseguiu distinguir o que estavam a dizer, mas o cantor não parava de lhe lançar olhadelas, e às tantas o Limo irritou-se tanto que esmurrou a parede. Foi então que o Lorde Beric lhe fez um gesto para que se aproximasse. Era a última coisa que queria fazer, mas Harwyn pôs-lhe uma mão no fundo das costas e empurrou-a para a frente. Arya deu dois passos e hesitou, cheia de terror.

— Senhor. — Esperou para ouvir o que o Lorde Beric diria.

— Diz-lhe — ordenou o senhor do relâmpago a Thoros.

O sacerdote vermelho acocorou-se ao seu lado.

— Senhora — disse —, o Senhor concedeu-me uma visão de Correrrio. Parecia uma ilha num mar de fogo. As chamas eram leões aos saltos

com longas garras carmesim. E como rugiam! Um mar de Lannisters, senhora. Correrrio será atacado em breve.

Arya sentiu-se como se ele a tivesse esmurrado na barriga.

— *Não!*

— Querida — disse Thoros —, as chamas não mentem. Por vezes leio-as erradamente, por ser o idiota cego que sou. Mas não desta vez, penso. Os Lannister terão em breve Correrrio sob cerco.

— Robb vencê-los-á. — Arya pôs uma expressão obstinada. — Ele há-de ganhar-lhes como ganhou da outra vez.

— O teu irmão pode ter partido — disse Thoros. — E a tua mãe também. Não os vi nas chamas. Este casamento de que a velha falou, um casamento nas Gémeas... ela tem as suas maneiras de saber das coisas. Os represeiros murmuram-lhe ao ouvido quando dorme. Se ela diz que a tua mãe partiu para as Gémeas...

Arya virou-se para Tom e Limo.

— Se não me tivésseis apanhado, podia *estar* lá. Podia estar em *casa*.

O Lorde Beric não prestou atenção àquela explosão.

— Senhora — disse, com uma cortesia fatigada —, conheceríeis o irmão do vosso avô se o vísseis? Sor Brynden Tully, chamado Peixe Negro? Poderia ele, porventura, conhecer-vos a vós?

Arya abanou a cabeça, infeliz. Ouvira a mãe falar de Sor Brynden Peixe Negro, mas se alguma vez o conhecera pessoalmente, fora quando era pequena de mais para se lembrar.

— Não há grandes hipóteses de o Peixe Negro pagar bom dinheiro por uma rapariga que não conhece — disse Tom. — Aqueles Tully são uns tipos amargos e desconfiados, o mais certo é que ele pense que lhe estamos a vender um artigo falso.

— Havemos de o convencer — insistiu o Limo Manto Limão. — *Ela* convencerá, ou então o Harwin. Correrrio fica mais perto. Sugiro que a levemos lá, que recebamos o ouro e que se lixe a rapariga.

— E se os leões nos apanharem dentro do castelo? — disse Tom. — Não há nada de que gostassem tanto como de pendurar sua senhoria do topo de Rochedo Casterly numa gaiola.

— Não tenciono ser capturado — disse o Lorde Beric. Uma última palavra pairou, por proferir, no ar. *Vivo*. Todos a ouviram, até mesmo Arya, embora ela não tivesse chegado a franquear-lhe os lábios. — Mesmo assim, não nos atrevemos a ir cegamente até lá. Quero saber onde se encontram os exércitos, quer os lobos, quer os leões. Sharna saberá alguma coisa, e o mestre do Lorde Vance saberá mais. O Solar de Bolotas não é longe daqui. A Senhora Smallwood dar-nos-á abrigo durante algum tempo enquanto enviamos batedores para investigar...

As palavras dele esbarravam nos seus ouvidos como o bater de um tambor, e de súbito Arya não conseguiu suportar mais. Desejava Correrio, não Solar de Bolotas; desejava a mãe e o irmão Robb, não a Senhora Smallwood ou um tio qualquer que nunca chegara a conhecer. Girando sobre si própria, rompeu em corrida para a porta, e quando Harwin tentou agarrar-lhe no braço, esquivou-se-lhe, rápida como uma cobra.

Fora do estábulo continuava a chover, e um relâmpago distante caiu a ocidente. Arya correu tão depressa como foi capaz. Não sabia para onde ia, sabia apenas que queria ficar sozinha, longe de todas as vozes, longe das palavras vazias deles e das suas promessas quebradas. *Tudo o que queria era ir para Correrio. A culpa era sua, por ter trazido Gendry e o Tarte Quente quando abandonara Harrenhal. Teria ficado melhor sozinha. Se estivesse sozinha, os foras-da-lei nunca a teriam apanhado, e por aquela altura já estaria com Robb e a mãe. Eles nunca foram a minha alcateia. Se o tivessem sido, não me teriam abandonado.* Atravessou a chapinhar uma poça de água lamacenta. Alguém estava a gritar o seu nome. Provavelmente Harwin, ou Gendry, mas o trovão submergiu-os ao rolar por sobre os montes, meio segundo antes do relâmpago. *O senhor do relâmpago*, pensou, zangada. Talvez não pudesse morrer, mas podia mentir.

Algures à sua esquerda, um cavalo relinchou. Arya não podia estar a mais de cinquenta metros do estábulo, mas já se encontrava ensopada até aos ossos. Baixou-se junto ao canto de uma das casas em ruínas, esperando que as paredes cobertas de musgo a protegessem da chuva, e quase colidiu com uma das sentinelas. Uma mão revestida de cota de malha fechou-se com força em volta do seu braço.

— Estás a *magoar-me* — disse, torcendo-se sob aquela mão. — *Larga-me*, eu ia voltar, eu...

— Voltar? — A gargalhada de Sandor Clegane era ferro a raspar em pedra. — Que se lixe isso, miúda lobo. És *minha*. — Só precisou de uma mão para a erguer do chão e a levar, esperneando, para o cavalo que o esperava. A chuva fria vergastava-os a ambos e arrastava os seus gritos, e Arya só conseguia pensar naquilo que ele lhe perguntara. *Sabes o que os cães fazem aos lobos?*

JAIME

Embora a febre resistisse teimosamente, o toco estava a sarar bem, e Qyburn dizia que o braço já não corria perigo. Jaime estava ansioso para se ir embora, para pôr Harrenhal, os Saltimbancos Sangrentos e Brienne de Tarth para trás das costas. Uma mulher a sério esperava por ele na Fortaleza Vermelha.

— Vou mandar Qyburn convosco, para cuidar de vós durante a viagem até Porto Real — disse Roose Bolton na manhã da partida. — Ele acarinha a esperança de que o vosso pai se mostre suficientemente grato para forçar a Cidadela a devolver-lhe a corrente.

— Todos acarinhámos esperanças. Se me fizer crescer uma mão nova, o meu pai fará dele Grande Mestre.

O Walton Pernas d'Aço comandava a escolta de Jaime; sem papas na língua, brusco, brutal, no íntimo um simples soldado. Jaime servira a vida inteira com aquele tipo de homem. Homens como Walton matariam às ordens do seu senhor, violariam quando o sangue lhes fervesse após a batalha, e entregar-se-iam ao saque sempre que possível, mas após a guerra terminada, voltariam para suas casas, trocariam as lanças por enxadas, casariam com as filhas dos vizinhos, e criariam uma matilha de filhos ruidosos. Homens daqueles obedeciam sem questionar, mas a profunda crueldade maligna dos Bravos Companheiros não fazia parte da sua natureza.

Ambos os grupos abandonaram Harrenhal na mesma manhã, sob um céu frio e cinzento que prometia chuva. Sor Aenys Frey pusera-se em marcha três dias antes, avançando para nordeste em direcção à Estrada de Rei. Bolton tencionava segui-lo.

— O Tridente está em cheia — disse a Jaime. — A travessia será difícil, mesmo no vau rubi. Dareis as minhas cordiais saudações ao vosso pai?

— Desde que deis as minhas a Robb Stark.

— Fá-lo-ei.

Alguns Bravos Companheiros tinham-se reunido no pátio para assistir à partida. Jaime foi a trote até junto deles.

— Zollo. Que bondade a tua vires despedir-te de mim. Pyg. Timeon. Sentireis saudades minhas? Não há um último gracejo para nos rirmos, Shagwell? Para aligeirar o meu caminho pela estrada fora? E, Rorge, vieste dar-me um beijo de despedida?

— Desaparece, aleijado — disse Rorge.

— Já que tanto insistes. Mas sossega, regressarei. Um Lannister paga sempre as suas dívidas. — Jaime deu meia volta ao cavalo e voltou a juntar-se a Walton Pernas d'Aço e aos seus duzentos homens.

O Lorde Bolton ataviara-o como um cavaleiro, preferindo ignorar a mão em falta que transformava um tal vestuário guerreiro em caricatura. Jaime seguia com espada e punhal ao cinto, escudo e elmo pendurados da sela, cota de malha sob um sobretudo castanho-escuro. Não era um idiota tão grande, porém, que exibisse o leão de Lannister nas suas armas, nem o brasão branco puro que era seu de direito como Irmão Ajuramentado da Guarda Real. Encontrara no armeiro um velho escudo, amolgado e fendido, cuja tinta lascada ainda exibia a maior parte do grande morcego negro da Casa Lothston num campo de prata e ouro. Os Lothston tinham sido os donos de Harrenhal antes dos Whent e foram uma família poderosa nos seus dias, mas estavam mortos há séculos, portanto não era provável que alguém levantasse objecções a ele usar as suas armas. Não seria primo de ninguém, inimigo de ninguém, espada ajuramentada a ninguém... em suma, não seria ninguém.

Saíram através do portão oriental de Harrenhal, mais pequeno, e despediram-se de Roose Bolton e da sua hoste seis milhas adiante, virando para sul a fim de seguir a estrada do lago durante algum tempo. Walton tencionava evitar a Estrada de Rei enquanto pudesse, preferindo os caminhos de agricultores e os trilhos de caça perto do Olho de Deus.

— A Estrada de Rei seria mais rápida. — Jaime estava ansioso por regressar a Cersei tão depressa quanto possível. Se se apressassem, até poderia chegar a tempo do casamento de Joffrey.

— Não quero sarilhos — disse o Pernas d'Aço. — Só os deuses sabem quem íamos encontrar nessa Estrada de Rei.

— Ninguém que pudésseis temer, certamente? Tendes duzentos homens.

— Pois tenho. Mas outros podem ter mais. O s'nhor disse p'ra vos levar a salvo ao s'nhor vosso pai, e é isso que eu vou fazer.

Já passei por aqui, reflectiu Jaime algumas milhas mais à frente, quando passaram por um moinho deserto junto ao lago. Agora cresciam ervas daninhas no local de onde a filha do moleiro lhe sorrira timidamente e o próprio moleiro lhe gritara "O torneio é para o outro lado, sor". *Como se eu não soubesse*.

O Rei Aerys fizera um grande espectáculo da investidura de Jaime. Proferira os votos perante o pavilhão real, ajoelhado na erva verde com a sua armadura branca enquanto metade do reino o observava. Quando Sor Gerald Hightower o ajudara a erguer-se e colocara o manto branco em torno dos seus ombros, ressoara uma aclamação tal que Jaime ainda a recor-

dava, todos estes anos passados. Mas nessa mesma noite Aerys amargara, declarando que não precisava de *sete* membros da Guarda Real ali em Harrenhal. Fora ordenado a Jaime que regressasse a Porto Real para proteger a rainha e o pequeno Príncipe Viserys, que tinham ficado para trás. Mesmo quando o Touro Branco se oferecera para desempenhar esse dever, a fim de que Jaime pudesse competir no torneio do Lorde Whent, Aerys recusara.

— Ele não conquistará aqui nenhuma glória — dissera o rei. — Agora é meu, não de Tywin. Servirá como eu bem entender. O rei sou eu. Eu governa, e ele obedecerá.

Fora então que Jaime compreendera pela primeira vez. Não fora a sua perícia com a espada e a lança que lhe conquistara o manto branco, nem quaisquer feitos de valor que teria realizado contra a Irmandade da Mataderrei. Aerys escolhera-o para vexar o seu pai, para roubar o herdeiro ao Lorde Tywin.

Mesmo agora, tantos anos depois, a ideia era amarga. E naquele dia, enquanto cavalgava para Sul com o seu novo manto branco sobre os ombros, a fim de defender um castelo vazio, fora quase intolerável. Nesse momento teria arrancado o manto se o pudesse fazer, mas era tarde de mais. Proferira as palavras sob os olhares de metade do reino, e um homem da Guarda Real servia para a vida inteira.

Qyburn pôs-se a seu lado.

— A mão está a incomodar-vos?

— A falta da mão está a incomodar-me. — As manhãs eram a pior altura. Nos seus sonhos, Jaime era um homem completo, e todas as madrugadas ficava deitado, meio acordado, e sentia os dedos a mexer. *Foi um pesadelo*, sussurrava uma parte de si, recusando-se a acreditar, mesmo agora, *só um pesadelo*. Mas depois abria os olhos.

— Ouvi dizer que tivestes uma visita ontem à noite — disse Qyburn. — Espero que tenhais desfrutado dela?

Jaime deitou-lhe um olhar frio.

— Ela não disse quem a tinha enviado.

O Mestre sorriu com modéstia.

— A vossa febre estava praticamente debelada, e pensei que talvez gostásseis de um pouco de exercício. A Pia é bastante habilidosa, não achais? E tão... solícita.

Ela certamente que o fora. Deslizara tão depressa pela porta dentro e das roupas para fora que Jaime julgara que ainda estava a sonhar.

Só despertara depois de a mulher se enfiar debaixo das mantas e lhe colocar a mão boa sobre um seio. *E também era uma coisinha bonita*.

— Eu não passava duma miudinha quando viestes ao torneio do Lorde Whent e o rei vos deu o manto — confessara. — Éreis tão bem-parecido

todo de branco, e todos elogiavam o bravo cavaleiro que éreis. Por vezes, quando estou com algum homem, fecho os olhos e finjo que sois vós quem ali está em cima de mim, com a vossa pele lisa e caracóis dourados. Mas nunca pensei realmente que vos teria.

Depois daquilo, mandá-la embora não fora fácil, mas Jaime fizera-o mesmo assim. *Tenho uma mulher*, recordara a si próprio.

— Mandais raparigas a todos os homens que sangrais? — perguntou a Qyburn.

— É mais frequente que seja o Lorde Vargo que as manda a mim. Gosta que eu as examine antes de... bem, basta que vos diga que uma vez amou insensatamente, e não deseja voltar a fazê-lo. Mas nada temei, Pia é bastante saudável. Tal como a vossa donzela de Tarth.

Jaime deitou-lhe um olhar penetrante.

— Brienne?

— Sim. Rapariga forte, essa. E ainda tem a virgindade intacta. Até à noite passada, pelo menos. — Qyburn soltou um risinho.

— Ele mandou-vos examiná-la?

— Com certeza. É... exigente, digamos.

— Isto diz respeito ao resgate? — perguntou Jaime. — O pai dela exige uma prova de que a rapariga continua donzela?

— Não ouvistes as novidades? — Qyburn encolheu os ombros. — Recebemos uma ave do Lorde Selwyn. Em resposta à minha. A Estrela da Tarde oferece trezentos dragões pela devolução da filha em segurança. Eu tinha dito ao Lorde Vargo que não havia safiras em Tarth, mas ele não quis dar-me ouvidos. Está convencido de que a Estrela da Tarde pretende enganá-lo.

— Trezentos dragões é um bom resgate por um cavaleiro. O bode devia aceitar o que lhe oferecerem.

— O bode é Senhor de Harrenhal, e o Senhor de Harrenhal não re-gateia.

A novidade irritou-o, se bem que provavelmente devesse ter previsto aquilo. *A mentira poupou-te durante algum tempo, rapariga. Fica grata por isso.*

— Se a virgindade dela for tão dura como o resto, o bode vai partir a picha ao tentar entrar — gracejou. Jaime calculava que Brienne fosse suficientemente dura para sobreviver a algumas violações, embora Vargo Hoat pudesse começar a cortar-lhe mãos e pés se a rapariga resistisse com demasiado vigor. *E se o fizer, porque hei-de importar-me? Ainda podia ter a mão se ela me tivesse deixado ficar com a espada do meu primo sem se pôr estúpida.* Ele próprio quase lhe cortara a perna com o seu primeiro golpe, mas depois a rapariga dera-lhe mais do que desejava. *O Hoat pode não conhecer a força*

anormal que ela tem. É melhor que tenha cuidado, senão ela parte-lhe aquele peçoço magricela. E que agradável que isso seria.

A companhia de Qyburn estava a fartá-lo. Jaime trotou até à cabeça da coluna. Um carrapatozinho redondo de um nortenho com o nome de Nage ia à frente do Pernas d'Aço com o estandarte de paz; uma bandeira às riscas arco-íris com sete longas pontas, numa haste encimada por uma estrela de sete pontas.

— Vós, os nortenhos, não devíeis ter uma espécie diferente de bandeira de paz? — perguntou a Walton. — Que são os Sete para vós?

— Deuses do Sul — disse o homem — mas aquilo de que precisamos é duma paz do Sul para vos levar a salvo ao vosso pai.

O meu pai. Jaime gostaria de saber se o Lorde Tywin recebera a exigência de resgate do bode, acompanhada ou não da mão apodrecida. *Quanto vale um espadachim sem a sua mão da espada? Metade do ouro de Rochedo Casterly? Trezentos dragões? Ou nada?* O pai nunca se deixara influenciar indevidamente pelo sentimento. O pai de Tywin Lannister, o Lorde Tytos, aprisionara uma vez um vassalo indisciplinado, o Lorde Tarbeck. A temível Senhora Tarbeck respondera aprisionando três Lannister, incluindo o jovem Stafford, cuja irmã estava prometida ao primo Tywin.

— Enviai-me o meu senhor e amor, senão estes três responderão por qualquer mal que lhe aconteça — escrevera a mulher para o Rochedo Casterly. O jovem Tywin sugerira que o pai lhe fizesse a vontade mandando de volta o Lorde Tarbeck em três bocados. Mas o Lorde Tytos era de um tipo mais brando de leão, e a Senhora Tarbeck conquistara mais alguns anos com o seu estúpido senhor, e Stafford casara, gerara prole, e continuara a disparatar até Cruzaboi. Mas Tywin Lannister perdurara, eterno como o Rochedo Casterly. *E agora tendes um filho aleijado a somar ao anão, senhor. Como detestareis esse facto...*

A estrada levou-os a atravessar uma aldeia queimada. Devia ter passado um ano ou mais desde que o sítio fora entregue ao archote. Os casebres estavam enegrecidos e sem telhados, mas as ervas daninhas que cresciam nos campos em volta davam pela cintura. O Pernas d'Aço fez alto para permitir que dessem água aos cavalos. *Também conheço este lugar,* pensou Jaime enquanto esperava junto do poço. Houvera uma pequena estalagem no local onde apenas se erguiam agora algumas pedras de fundações e uma chaminé, e ele entrara para beber uma cerveja. Uma criada de olhos escuros trouxera-lhe queijo e maçãs, mas o estalajadeiro recusara o seu dinheiro.

— É uma honra ter um cavaleiro da Guarda Real debaixo do meu tecto, sor — dissera o homem. — É uma história que hei-de contar aos meus netos. — Jaime olhou para a chaminé que se projectava por entre as ervas daninhas e perguntou a si próprio se o homem teria arranjado esses

netos. *Ter-lhes-á dito que um dia o Regicida bebeu da sua cerveja e comeu do seu queijo e maçãs, ou terá tido vergonha de admitir que alimentou um homem como eu?* Não que algum dia chegasse a saber; quem quer que tivesse incendiado a estalagem provavelmente matara também os netos.

Sentiu os dedos fantasma apertar-se. Quando o Pernas d'Aço disse que talvez devessem acender uma fogueira e comer um pouco, Jaime abanou a cabeça.

— Não gosto deste lugar. Prosseguimos.

Ao cair da noite tinham deixado o lago para seguir um trilho sulcado através de um bosque de carvalhos e ulmeiros. O coto de Jaime latejava surdamente quando o Pernas d'Aço decidiu acampar. Qyburn trouxera um odre de vinho de sonhos, felizmente. Enquanto Walton distribuía os turnos de vigia, Jaime estendeu-se junto à fogueira e encostou uma pele de urso enrolada a um toco de árvore para servir de almofada. A rapariga ter-lhe-ia dito que tinha de comer antes de dormir, para manter as forças, mas ele sentia mais cansaço do que fome. Fechou os olhos e esperou sonhar com Cersei. Os sonhos febris eram todos tão vívidos...

Achou-se nu e sozinho, rodeado de inimigos, com uma muralha de pedra a toda a volta, deixando-lhe pouco espaço. *O Rochedo*, compreendeu. Sentia o seu imenso peso por cima da cabeça. Estava em casa. Estava em casa e inteiro.

Ergueu a mão direita e flectiu os dedos para sentir a sua força. Era tão bom como sexo. Tão bom como lutar de espada na mão. *Quatro dedos e um polegar*. Sonhara que estava estropiado, mas não era verdade. O alívio entonteceu-o. *A minha mão, a minha mão boa*. Nada lhe faria mal, desde que estivesse inteiro.

À sua volta encontrava-se uma dúzia de vultos altos e escuros, vestidos com togas encapuzadas que lhes escondiam os rostos. Nas mãos transportavam lanças.

— Quem sois vós? — perguntou-lhes em tom de desafio. — Que quereis de Rochedo Casterly?

As sombras não deram resposta, limitando-se a aguilhoá-lo com as pontas das lanças. Não teve alternativa a descer. Seguiram por uma passagem que se encurvava, com degraus estreitos esculpido na rocha viva, para baixo e mais para baixo. *Tenho de ir para cima*, disse a si próprio. *Para cima, não para baixo. Porque estou a descer?* Por baixo da terra esperava a sua perdição, soube-o com a certeza do sonho; algo de escuro e terrível esperava aí, algo que o desejava. Jaime tentou parar, mas as lanças obrigaram-no a prosseguir. *Se ao menos tivesse a espada, nada me poderia fazer mal*.

Os degraus terminaram abruptamente numa escuridão cheia de ecos. Jaime teve a sensação de um vasto espaço à sua frente. Parou de sú-

bito, baloiçando na borda do nada. Uma ponta de lança espetou-se-lhe no fundo das costas, atirando-o para o abismo. Gritou, mas a queda foi curta. Caiu sobre as mãos e joelhos, em areia mole e água pouco profunda. Havia cavernas cheias de água muito por baixo de Rochedo Casterly, mas aquela era-lhe estranha.

— O teu lugar. — A voz ecoou; era uma centena de vozes, um milhar, as vozes de todos os Lannister desde Lann, o Esperto, que vivera na aurora dos dias. Mas acima de tudo era a voz do seu pai, e ao lado do Lorde Tywin encontrava-se a irmã, pálida e bela, com um archote a arder na mão. Joffrey, o filho que tinham feito juntos, também lá se encontrava, e atrás deles havia mais uma dúzia de silhuetas escuras com cabelo dourado.

— Irmã, porque foi que o pai nos trouxe para aqui?

— “Nos”? Este lugar é teu, irmão. Esta escuridão é tua. — O archote dela era a única luz na caverna. O archote dela era a única luz no mundo. Virou-se para se ir embora.

— Fica comigo — suplicou Jaime. — Não me deixes aqui sozinho. — Mas eles estavam a partir. — *Não me deixeis no escuro!* — Algo terrível vivia lá em baixo. — Dai-me ao menos uma espada.

— Eu dei-te uma espada — disse o Lorde Tywin.

Estava a seus pés. Jaime procurou às apalpadelas por baixo de água até que a mão se lhe fechou em torno do cabo. *Nada me pode fazer mal desde que tenha uma espada.* Ao erguer a arma, um dedo de uma chama pálida tremeluziu na ponta e avançou ao longo do gume, parando a uma mão travessa do cabo. O fogo tomara a cor do próprio aço, por isso ardia com uma luz azul-prateada, e as sombras afastaram-se. Inclinando-se, à escuta, Jaime descreveu um círculo, pronto para qualquer coisa que pudesse saltar das trevas. A água entrou-lhe nas botas até aos tornozelos, terrivelmente fria. *Cuidado com a água,* disse a si próprio. *Podem haver criaturas a viver nela, poços escondidos...*

De trás veio um grande chapão. Jaime rodopiou para o som... mas a ténue luz revelou apenas Brienne de Tarth, com as mãos presas por pesadas correntes.

— Jurei manter-vos a salvo — disse teimosamente a rapariga. — Fiz um juramento. — Nua, ergueu as mãos para Jaime. — Sor. Por favor. Se tivésseis a bondade.

Os elos de aço rasgaram-se como seda.

— Uma espada — suplicou Brienne, e ali estava ela, com bainha, cinto e tudo. Afivelou-o em torno da sua grossa cintura. A luz era tão ténue que Jaime quase não a conseguia ver, embora não estivessem afastados mais do que escassas dezenas de centímetros. *A esta luz, ela podia quase ser uma bel-dade,* pensou. *A esta luz, ela podia quase ser um cavaleiro.* A espada de Brienne

também se incendiou, ardendo com um azul-prateado. As trevas recuaram um pouco mais.

— As chamas arderão enquanto viveres — ouviu ele Cersei gritar. — Quando morrerem, tu também terás de morrer.

— *Irmã!* — gritou. — Fica comigo. *Fica!* — Não houve resposta além do som suave de passos que se afastavam.

Brienne moveu a sua espada de um lado para o outro, observando as chamas prateadas a tremular e cintilar. Sob os seus pés, um reflexo da lâmina em chamas brilhava na superfície da água negra e lisa. Ela era tão alta e forte como a recordava, mas pareceu a Jaime que agora tinha mais formas de mulher.

— Eles têm um urso lá em baixo? — Brienne estava em andamento lento e cuidadoso, de espada na mão; um passo, virar e escutar. Cada passo fazia um pequeno esparrinhar. — Um leão das cavernas? Lobos gigantes? Um urso? Dizei-me, Jaime. O que vive aqui? O que vive nas trevas?

— A perdição. — *Não é um urso*, soube ele. *Não é um leão*. — Só a perdição.

À fria luz azul-prateada das espadas, a grande rapariga parecia pálida e feroz.

— Não gosto deste sítio.

— Eu próprio não o aprecio. — As lâminas criavam pequenas ilhas de luz, mas em volta estendia-se um mar de escuridão, sem fim. — Tenho os pés molhados.

— Podíamos regressar pelo caminho por onde nos trouxeram. Se trepásseis para os meus ombros, não teríeis dificuldade em alcançar a abertura do túnel.

Então poderia encontrar Cersei. Sentiu-se a endurecer com aquele pensamento, e virou-se para que Brienne não reparasse.

— Escutai. — Ela pousou uma mão no seu ombro e ele estremeceu com o súbito toque. *Ela está quente*. — Vem aí alguma coisa. — Brienne ergueu a espada para apontar para a esquerda. — Ali.

Jaime espreitou as sombras até que também ele conseguiu ver. Algo se movia pelas trevas, mas não conseguia distinguir o que seria...

— Um homem a cavalo. Não, dois. Dois cavaleiros, lado a lado.

— Aqui, por baixo do Rochedo? — Não fazia sentido. E no entanto ali vinham dois cavaleiros, montados em cavalos de cor clara, tanto os homens como as montadas revestidos de armaduras. Os cavalos de batalha emergiram do negrume a passo lento. *Eles não fizeram nenhum som*, apercebeu-se Jaime. *Nenhum esparrinhar, nenhum tinir de malha ou ruído de casco*. Recordou Eddard Stark, a percorrer a cavalo todo o comprimento da sala

do trono de Aerys, envolto em silêncio. Só os seus olhos tinham falado; uns olhos de senhor, frios, cinzentos e cheios de julgamento.

— És tu, Stark? — gritou Jaime. — Vem daí. Nunca te temi vivo, não te temo morto.

Brienne tocou-lhe o braço.

— Há mais.

Ele também os viu. Parecia-lhe que estavam todos couraçados de neve, e farrapos de névoa fluíam em torvelinhos dos seus ombros. As viseiras dos seus elmos estavam fechadas, mas Jaime Lannister não precisava de contemplar os seus rostos para os reconhecer.

Cinco tinham sido seus irmãos. Oswell Whent e Jon Darry. Lewyn Martell, um príncipe de Dorne. O Touro Branco, Gerold Hightower. Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. E junto a eles, coroado em névoa e desgosto com o seu longo cabelo a fluir-lhe pelas costas, seguia Rhaegar Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão e legítimo herdeiro do Trono de Ferro.

— Não me assustais. — Gritou, girando, quando eles se dividiram e o rodearam por dois lados. Não sabia para que lado se virar. — Lutarei convosco um por um ou todos ao mesmo tempo. Mas com quem há-de a rapariga duelar? Ela zanga-se quando é posta de lado.

— Prestei o juramento de o manter em segurança — disse ela à sombra de Rhaegar. — Prestei um juramento sagrado.

— Todos nós prestámos juramentos — disse Sor Arthur Dayne, num tom tristíssimo.

As sombras desmontaram dos seus fantasmagóricos cavalos. Quando puxaram pelas espadas, não fizeram um som.

— Ele ia queimar a cidade — disse Jaime. — Para não deixar a Robert nada além de cinzas.

— Ele era o vosso rei — disse Darry.

— Jurastes mantê-lo a salvo — disse Whent.

— E às crianças, a elas também — disse o Príncipe Lewyn.

O Príncipe Rhaegar ardia com uma luz fria, ora branca, ora vermelha, ora escura.

— Eu deixei a minha esposa e filhos nas vossas mãos.

— Nunca pensei que ele lhes fizesse mal. — A espada de Jaime emitia agora menos luz. — Eu estava com o rei...

— A matar o rei — disse Sor Arthur.

— A cortar-lhe a garganta — disse o Príncipe Lewyn.

— O rei por quem tínheis jurado morrer — disse o Touro Branco.

Os fogos que corriam ao longo da lâmina estavam a apagar-se, e Jaime lembrou-se daquilo que Cersei dissera. *Não*. O terror cerrou-lhe uma

mão em volta da garganta. Então a sua espada escureceu, e só a de Brienne continuava a arder enquanto os fantasmas o atacaram.

— Não — disse —, não, não, não. *Nããããããããã!*

Com o coração aos saltos, acordou de chofre e deu por si no meio da escuridão estrelada, no interior de um grupo de árvores. Sentia o sabor de bÍlis na boca, e tremia, encharcado em suor, ao mesmo tempo quente e frio. Quando olhou para a mão da espada, viu que o punho terminava em couro e linho, bem apertado em volta de um coto feio. Sentiu que súbitas lágrimas lhe subiam aos olhos. *Senti, senti a força nos meus dedos e o couro áspero do cabo da espada. A minha mão...*

— Senhor. — Qyburn ajoelhou ao seu lado, com a cara paternal toda enrugada de preocupação. — Que se passa? Ouvi-vos gritar.

O Walton Pernas d'Aço estava em pé por cima deles, alto e severo.

— Que se passa? Porque foi que gritastes?

— Um sonho... só um sonho. — Jaime fitou o acampamento que o rodeava, momentaneamente desorientado. — Estava no escuro, mas tinha a minha mão de volta. — Olhou para o coto e sentiu-se de novo doente. *Não há um lugar como aquele por baixo do Rochedo*, pensou. Sentia o estômago dorido e vazio, e a cabeça latejava no local onde a encostara ao toco de árvore.

Qyburn pôs-lhe a mão na testa.

— Ainda tendes um pouco de febre.

— Um sonho febril. — Jaime estendeu a mão para cima. — Ajudai-me. — O Pernas d'Aço pegou-lhe na mão boa e pô-lo em pé.

— Outra taça de vinho de sonhos? — perguntou Qyburn.

— Não. Já sonhei quanto baste por esta noite. — Perguntou a si próprio quanto tempo faltaria até à alvorada. De algum modo sabia que se fechasse os olhos, voltaria àquele lugar escuro e húmido.

— Então leite da papoila? E alguma coisa para a febre? Ainda estais fraco, senhor. Tendes de dormir. De descansar.

Isso é a última coisa que tenciono fazer. O luar cintilava, pálido, no toco de árvore sobre o qual Jaime descansara a cabeça. O musgo cobria-o de tal forma que antes não notara, mas via agora que a madeira era branca. Fê-lo pensar em Winterfell, e na árvore-coração de Ned Stark. *Não era ele*, pensou. *Nunca foi ele.* Mas o toco estava morto, e o Stark também, bem como todos os outros, o Príncipe Rhaegar, Sor Arthur e as crianças. *E Aerys. Aerys é o mais morto de todos.*

— Acreditais em fantasmas, Mestre? — perguntou a Qyburn.

A cara do homem adoptou uma expressão estranha.

— Uma vez, na Cidadela, entrei numa sala vazia e vi uma cadeira vazia. E no entanto sabia que uma mulher tinha aí estado só um momento

antes. A almofada estava comprimida onde ela se sentara, o tecido ainda estava quente e o seu cheiro permanecia no ar. Se deixamos os nossos cheiros atrás de nós quando saímos de uma sala, decerto que parte das nossas almas deve permanecer quando deixamos esta vida? — Qyburn estendeu as mãos. — Mas os arquimeistres não gostavam da minha forma de pensar. Bem, Marwyn gostava, mas era o único.

Jaime passou os dedos pelo cabelo.

— Walton — disse —, sela os cavalos. Quero voltar.

— Voltar? — O Pernas d'Aço olhou-o com uma expressão de dúvida.

Ele julga que enlouqueci. E talvez tenha enlouquecido.

— Deixei uma coisa em Harrenhal.

— É o Lorde Vargo quem detém agora o castelo. Ele e os seus Saltimbancos Sangrentos.

— Tens o dobro dos homens que ele tem.

— Se não vos entregar ao vosso pai conforme ordenado, o Lorde Bolton arranca-me a pele. Continuamos para Porto Real.

Em tempos, Jaime poderia ter replicado com um sorriso e uma ameaça, mas aleijados manetas não inspiram muito medo. Perguntou a si próprio o que o irmão faria. *Tyrion encontraria uma saída.*

— Os Lannister mentem, Pernas d'Aço. O Lorde Bolton não te disse isso?

O homem franziu o sobrolho, desconfiado.

— E se tivesse dito?

— Se não me levores de volta a Harrenhal, a canção que vou cantar ao meu pai poderá não ser aquela que o Senhor do Forte do Pavor gostaria de ouvir. Posso até dizer que foi Bolton quem ordenou que a minha mão fosse cortada, e o Walton Pernas d'Aço quem manejou a lâmina.

Walton olhou-o de boca aberta.

— Isso não é verdade.

— Pois não, mas o meu pai acreditará em quem? — Jaime obrigou-se a sorrir, da maneira como costumava sorrir quando nada no mundo o podia assustar. — Seria tão mais fácil se voltássemos simplesmente para trás. Estaríamos bem depressa de novo a caminho, e eu cantaria uma canção tão simpática em Porto Real que nem acreditarias nos teus ouvidos. Ficarias com a rapariga, e uma bela e gorda bolsa de ouro como agradecimento.

— Ouro? — Walton gostou bastante dessa ideia. — Quanto ouro?

É meu.

— Ora, quanto queres?

E quando o valor foi acordado, já estavam a meio caminho de Harrenhal.

Jaime puxou muito mais pelo cavalo do que no dia anterior, e o Pernas d'Aço e os nortenhos foram obrigados a acompanhar-lhe o ritmo. Mesmo assim, passou-se o meio-dia antes de chegarem ao castelo que se debruçava sobre o lago. Sob um céu que escurecia e ameaçava chuva, as imensas muralhas e as cinco grandes torres mostravam-se negras e sinistras. *Parece tão morto*. As muralhas estavam vazias, os portões fechados e trancados. Mas bem alto, acima da barbacã, um único estandarte pendia, enrolado sobre si próprio. *A cabra negra de Qohor*, soube Jaime. Pôs as mãos em volta da boca para gritar.

— Vós aí! Abri os portões, senão deito-os abaixo ao pontapé!

Foi só quando Qyburn e o Pernas d'Aço somaram as vozes à sua que uma cabeça finalmente surgiu nas ameias lá em cima. O homem arregalou-lhe os olhos, e depois desapareceu. Pouco tempo depois, ouviram a porta levadiça a ser içada. Os portões abriram-se, e Jaime Lannister espo-reou o cavalo para atravessar a muralha, quase sem deitar um relance aos alçapões enquanto passava por baixo. Tinha-se vindo a preocupar com a possibilidade de o bode não os deixar entrar, mas parecia que os Bravos Companheiros ainda pensavam neles como aliados. *Idiotas*.

O pátio exterior encontrava-se deserto; só os longos estábulos com telhados de lousa mostravam sinais de vida, e o que interessava a Jaime naquele momento não eram cavalos. Puxou as rédeas e olhou em volta. Ouvia ruídos vindos de algures atrás da Torre dos Fantasmas, e homens a gritar em meia dúzia de línguas. O Pernas d'Aço e Qyburn aproximaram-se e pararam junto a Jaime, um de cada lado.

— Ide buscar o que viestes buscar, e vamo-nos de novo embora — disse Walton. — Não quero sarilhos com os Saltimbancos.

— Diz aos teus homens para manter as mãos nos cabos das espadas, e os Saltimbancos não quererão sarilhos contigo. Dois para um, lembra-te? — A cabeça de Jaime virou-se vivamente ao ouvir um rugido distante, ténue mas feroz. Ecoou nas muralhas de Harrenhal, e as gargalhadas subiram como o mar. De súbito, compreendeu o que estava a acontecer. *Teremos chegado tarde de mais?* O seu estômago deu um solavanco, e ele espetou com força as esporas no cavalo, atravessando a galope o pátio exterior, passando sob uma ponte de pedra em arco, rodeando a Torre dos Lamentos e cruzando o Pátio das Lâminas.

Tinham-na na arena dos ursos.

O Rei Harren, o Negro, quisera fazer até as lutas de ursos em estilo sumptuoso. A arena tinha dez metros de diâmetro e cinco de profundidade, era fechada por muros de pedra, possuía um chão de areia e era rodeada por seis fileiras de bancos de mármore. Ao desmontar desajeitadamente do cavalo, Jaime viu que os Bravos Companheiros enchiam apenas um quarto

dos lugares. Os mercenários estavam tão absorvidos pelo espectáculo, lá em baixo, que só aqueles que se encontravam do outro lado da arena notaram a sua chegada.

Brienne usava o mesmo vestido que usara para jantar com Roose Bolton e que tão mal lhe ficava. Nada de escudo, nada de placa de peito, nada de cota de malha, nem mesmo couro fervido, só cetim cor-de-rosa e renda de Myr. O bode talvez pensasse que era mais divertida quando estava vestida de mulher. Metade do vestido pendia em farrapos, e o braço esquerdo sangrava onde o urso a arranhara.

Pelo menos deram-lhe uma espada. A rapariga pegava-lhe com uma mão, movendo-se de lado, tentando colocar alguma distância entre si e o urso. *Não resultará, a arena é pequena de mais.* Ela tinha de atacar, de pôr rapidamente fim àquilo. Bom aço era adversário à altura para qualquer urso. Mas a rapariga parecia com medo de se aproximar. Os Saltimbancos faziam chover sobre ela insultos e sugestões obscenas.

— Isto não nos diz respeito — preveniu o Pernas d'Aço a Jaime. — O Lorde Bolton disse que a rapariga era deles para fazerem com ela o que lhes apetecesse.

— O nome dela é Brienne. — Jaime desceu os degraus, passando por uma dúzia de mercenários surpreendidos. Vargo Hoat ocupara o camarote do senhor, na fila de baixo. — Lorde Vargo — chamou por sobre os gritos.

O qohorik quase cuspiu o vinho.

— *Regifida?* — Tinha uma ligadura desajeitada no lado esquerdo da cara e o linho que lhe cobria a orelha estava manchado de sangue.

— Tirai-a dali.

— Não vof metaif nifto, Regifida, a menof que queiraif outro coto. — Brandiu uma taça de vinho. — O voffo alfe fêmea arrancou-me uma orelha à dentada. Pouco admira que o pai não queira refgatar um monftrengo deftes.

Um rugido fez Jaime virar-se. O urso tinha dois metros e quarenta de altura. *Gregor Clegane com pelagem,* pensou, *embora provavelmente mais esperto.* O animal não tinha o alcance da Montanha com aquela sua monstruosa espada, porém.

Berrando de fúria, o urso mostrou uma boca cheia de grandes dentes amarelos, e depois voltou a cair de quatro e arremeteu directamente contra Brienne. *Aí está a tua oportunidade,* pensou Jaime. *Ataca! Agora!*

Mas em vez disso, ela picou-o ineficazmente com a ponta da espada. O urso recuou, e avançou logo de seguida, urrando. Brienne deslizou para a esquerda e voltou a lançar uma estocada à cara do urso. Desta vez, ele ergueu uma pata para afastar a espada com uma pancada.

Ele está cauteloso, apercebeu-se Jaime. *Já foi posto a defrontar outros ho-*

mens. Sabe que espadas e lanças podem feri-lo. Mas isso não o manterá afastado dela por muito tempo.

— Mata-o! — gritou, mas a sua voz perdeu-se no meio de todos os outros gritos. Se Brienne ouviu, não deu sinal. Moveu-se em volta da arena, mantendo as costas viradas para o muro. *Perto de mais. Se o urso a encurralar contra o muro...*

O animal virou-se desajeitadamente, demasiado longe e depressa de mais. Rápida como uma gata, Brienne mudou de direcção. *Aí está a rapariga de que me lembro.* Deu um salto em frente para atirar um golpe às costas do urso. Rugindo, a fera voltou a erguer-se nas patas traseiras. Brienne afastou-se precipitadamente. *Onde está o sangue?* Então, de súbito, compreendeu.

— Deste-lhe uma espada de torneio.

O bode zurrou uma gargalhada, fazendo chover sobre Jaime vinho e cuspo.

— Claro que fim.

— *Eu pago o maldito resgate dela. Ouro, safiras, o que quiseres. Tira-a dali.*

— Querei-la? Ide bufcá-la.

E foi o que ele fez.

Jaime pôs a mão boa no parapeito de mármore e saltou por cima, rolando ao atingir a areia. O urso virou-se ao ouvir o *bonc*, farejando, observando este novo intruso com precaução. Jaime apoiou-se num joelho. *Bem, e o que é que, com os sete infernos, eu faço agora?* Encheu o punho de areia.

— Regicida? — ouviu Brienne a dizer, estupefacta.

— Jaime. — Desdobrou-se, atirando a areia à cara do urso. O animal atirou uma sapatada ao ar e rugiu como brasas.

— Que estais vós a fazer aqui?

— Uma estupidez. Põe-te atrás de mim. — Descreveu um círculo na direcção dela, colocando-se entre Brienne e o urso.

— Ponde-vos vós atrás. Eu tenho a espada.

— Uma espada sem ponta e sem gume. *Põe-te atrás de mim!* — Viu uma coisa meio enterrada na areia e apanhou-a com a mão boa. O objecto revelou ser um maxilar humano, ainda com um pouco de carne esverdeada agarrada ao osso, repleto de larvas. *Encantador*, pensou, perguntando a si próprio de quem seria a cara que tinha na mão. O urso aproximava-se lentamente, e Jaime deu um sacão com o braço e atirou osso, carne e larvas à cabeça do urso. Falhou por um bom metro. *Devia cortar também a mão esquerda, de tão útil que ela me é.*

Brienne tentou precipitar-se em volta dele, mas Jaime deu-lhe um pontapé nas pernas e fê-la desequilibrar-se. A rapariga caiu na areia, agarra-

da à espada inútil. Jaime escarrapachou-se em cima dela, e o urso carregou sobre ambos.

Ouviu-se um profundo *tuang*, e uma haste com penas brotou de súbito de sob o olho esquerdo da fera. Sangue e saliva escorreram-lhe da boca aberta, e outro dardo acertou-lhe na pata. O urso rugiu, empinou-se. Voltou a ver Jaime e Brienne e voltou a arrastar-se na direcção deles. Mais bestas dispararam, rasgando pelagem e carne com os seus dardos. A tão curta distância, os besteiros dificilmente falhariam. Os dardos atingiam o urso com a força de maçãs, mas o animal deu outro passo. *Pobre, estúpido, corajoso bruto*. Quando a fera o tentou atingir com uma sapatada, afastou-se a dançar, gritando, fazendo voar areia. O urso virou-se para seguir o homem que o atormentava, e apanhou com mais dois dardos no dorso. Deu um último rosido trovejante, sentou-se sobre os quartos traseiros, estendeu-se na areia manchada de sangue, e morreu.

Brienne pôs-se de joelhos, agarrando-se à espada, e respirando rápida e irregularmente. Os besteiros do Pernas d'Aço estavam a esticar as cordas das suas bestas e a recarregá-las enquanto os Saltimbancos Sangrentos gritavam-lhes pragas e ameaças. Jaime viu que Rorge e o Três Dedos tinham espadas desembainhadas, e Zollo estava a desenrolar o chicote.

— Mataftef o meu urfo! — guinchou Vargo Hoat.

— E sirvo-te o mesmo prato se me causares sarilhos — atirou o Pernas d'Aço em resposta. — Vamos levar a rapariga.

— O nome dela é Brienne — disse Jaime. — Brienne, a donzela de Tarth. Ainda és donzela, espero?

A larga cara grosseira da rapariga pôs-se vermelha.

— Sim.

— Oh, óptimo — disse Jaime. — Só salvo donzelas. — Dirigindo-se a Hoat, disse: — Terás o teu resgate. Por nós ambos. Um Lannister paga as suas dívidas. Agora vai buscar cordas e tira-nos daqui.

— Foda-se o resgate — rosou Rorge. — Mata-os, Hoat. Senão hás-de acabar por desejar teres acabado com eles!

O qohorik hesitou. Metade dos seus homens estavam bêbados, os nortenhos sóbrios como pedras, e eram duas vezes mais. Alguns dos besteiros já tinham recarregado por aquela altura.

— Pufai-os p'ra fora — disse Hoat e depois, para Jaime: — Defidi fer misericordiofo. Difei ao fenhor voffo pai.

— Direi, senhor. — *Não que isso te sirva para alguma coisa*.

Foi só depois de estarem a meia légua de Harrenhal e fora do alcance dos arqueiros nas muralhas que Walton Pernas d'Aço mostrou a sua ira.

— Estais *louco*, Regicida? Tencionáveis morrer? Nenhum homem pode lutar com um urso de mãos vazias!

— Uma mão vazia e um coto vazio — corrigiu Jaime. — Mas eu tinha esperança que matasses o animal antes que o animal me matasse a mim. De outra forma, o Lorde Bolton descascar-te-ia como a uma laranja, não é verdade?

O Pernas d'Aço amaldiçoou-o e chamou-lhe idiota de Lannister, esporeou o cavalo, e galopou ao longo da coluna.

— Sor Jaime? — Mesmo com cetim cor-de-rosa e sujo e renda rasgada, Brienne parecia-se mais com um homem de vestido do que com uma mulher. — Sinto-me grata, mas... vós estáveis bem longe. Porque voltastes?

Veio-lhe à mente uma dúzia de ditos de espírito, cada um mais cruel do que o anterior, mas Jaime limitou-se a encolher os ombros.

— Sonhei contigo — disse.

CATELYN

Robb despediu-se três vezes da sua jovem rainha. Uma vez no bosque sagrado perante a árvore-coração, à vista dos deuses e dos homens. A segunda vez por baixo da porta levadiça, onde Jeyne o deixou partir com um longo abraço e um beijo ainda mais longo. E por fim uma hora depois de atravessar o Pedregoso, quando a rapariga chegou a galope num cavalo coberto de espuma para suplicar ao seu jovem rei que a levasse consigo.

Catelyn viu que Robb ficou tocado por aquele gesto, mas também envergonhado. O dia estava húmido e cinzento, começara a cair uma chuva miudinha e a última coisa que queria era interromper a marcha para ficar no meio da humidade a consolar uma jovem esposa chorosa no meio de metade do seu exército. *Ele fala-lhe com gentileza, pensou ao vê-los juntos, mas por baixo existe irritação.*

Todo o tempo que o rei e a rainha passaram a conversar foi passado pelo Vento Cinzento a caminhar em redor deles, parando apenas para sacudir a chuva do pêlo e mostrar os dentes à chuva. Quando Robb deu por fim um último beijo a Jeyne, despachou uma dúzia de homens para a levar de volta para Correrrio, e voltou a montar a cavalo, o lobo gigante correu em frente com a rapidez de uma seta disparada de um grande arco.

— Vejo que a Rainha Jeyne tem um coração amoroso — disse a Catelyn o Lothar Coxo Frey. — Tal como as minhas irmãs. Ora, era capaz de apostar que neste mesmo instante Roslin anda a dançar pelas Gémeas cantarolando “Senhora *Tully*, Senhora *Tully*, Senhora *Roslin Tully*.” De manhã, passá-la-á a levar ao rosto tecidos do vermelho e azul de Correrrio para imaginar o aspecto que terá com o manto nupcial. — Virou-se na sela para sorrir a Edmure. — Mas vós estais estranhamente silencioso, Lorde Tully. Pergunto a mim próprio como vós vos sentis.

— Sinto algo bastante semelhante ao que senti no Moinho de Pedra logo antes de os cornos de guerra soarem — disse Edmure, só em parte brincando.

Lothar soltou uma gargalhada cheia de bonomia.

— Rezemos para que o vosso casamento termine de forma igualmente feliz, senhor.

E que os deuses nos protejam se não terminar. Catelyn encostou os calcanhares ao cavalo, deixando o irmão e o Lothar Coxo na companhia um do outro.

Fora ela quem insistira para que Jeyne permanecesse em Correrrio, enquanto Robb preferiria mantê-la a seu lado. O Lorde Walder podia perfeitamente interpretar a ausência da rainha no casamento como outra desfeita, mas a sua presença seria outro tipo de insulto, sal nas feridas do velho.

— Walder Frey tem uma língua afiada e uma longa memória — prevenira o filho. — Não duvido de que sejas suficientemente forte para aturar as reprimendas do velho como preço a pagar pela sua aliança, mas tens em ti demasiado do teu pai para ficares simplesmente sentado enquanto ele lança insultos à cara de Jeyne.

Robb não podia negar a sensatez daquilo. *Mas ao mesmo tempo nutre ressentimento contra mim, e parte de si culpa-me pela ausência dela, embora sabia que foi um bom conselho.*

Dos seis Westerling que tinham vindo do Despenhadeiro com o filho, só um permanecia a seu lado; Sor Raynald, irmão de Jeyne, o porta-estandartes real. Robb enviara o tio de Jeyne, Rolph Spicer, para entregar o jovem Martyn Lannister ao Dente Dourado, no próprio dia em que recebera o acordo de Lorde Tywin relativamente à troca de cativos. Fora um gesto hábil. O filho ficava aliviado dos seus receios quanto à segurança de Martyn, Galbart Glover ficava aliviado por saber que o irmão Robett fora posto num navio em Valdocaso, Sor Rolph tinha uma tarefa importante e honrosa... e o Vento Cinzento estava de novo ao lado do rei. *Onde é o seu lugar.*

A Senhora Westerling permanecera em Correrrio com os filhos; Jeyne, a irmã mais nova Eleya, e o jovem Rollam, escudeiro de Robb, que protestou amargamente por ser deixado para trás. E, no entanto, também isso era sensato. Olyvar Frey fora antes escudeiro de Robb, e estaria sem dúvida presente no casamento da irmã; exibir o seu substituto à sua frente seria tão insensato como grosseiro. Quanto a Sor Raynald, era um alegre jovem cavaleiro que jurara que nenhum insulto de Walder Frey conseguiria provocá-lo. *E rezemos para que só tenhamos de lidar com insultos.*

Mas Catelyn tinha os seus temores a esse respeito. O senhor seu pai nunca voltara a confiar em Walder Frey após o Tridente, e ela tinha isso sempre em mente. A Rainha Jeyne estaria mais segura atrás das altas e fortes muralhas de Correrrio, com o Peixe Negro a protegê-la. Robb até criara para ele um novo título, Protector das Marcas Meridionais. Se algum homem conseguia defender o Tridente, esse homem era Sor Brynden.

Fosse como fosse, Catelyn teria saudades do rosto escarpado do tio, e Robb sentiria a falta dos seus conselhos. Sor Brynden desempenhara um papel em todas as vitórias que o filho conquistara. Galbart Glover tomara o seu lugar ao comando dos batedores e da guarda-avançada; um bom homem, leal e firme, mas sem o brilhantismo do Peixe Negro.

Atrás da grelha de batedores de Glover, a linha de marcha de Robb estendia-se por várias milhas. O Grande-Jon liderava a vanguarda. Catelyn viajava na coluna principal, rodeada por pesados cavalos de guerra com homens revestidos de aço sobre os dorsos. Atrás, vinha o comboio da bagagem, uma procissão de carroças carregadas de comida, forragem, material para acampar, presentes de casamento e os feridos que estavam fracos de mais para caminhar, vigiados de perto por Sor Wendel Manderly e os seus cavaleiros de Porto Branco. Manadas de ovelhas, cabras e gado vacum descarnado seguiam atrás, e depois vinha uma pequena comitiva de seguidoras de acampamentos, de pés doridos. Ainda mais para trás avançava Robin Flint e a retaguarda. Não havia inimigos atrás deles ao longo de centenas de milhas, mas Robb não queria correr riscos.

Eram três mil e quinhentos; três mil e quinhentos que tinham tido o baptismo de sangue no Bosque dos Murmúrios, que tinham ruborizado as espadas na Batalha dos Acampamentos, em Cruzaboi, em Cinzamarca, no Despenhadeiro, e ao longo dos montes ricos em ouro do Ocidente Lan-nister. À exceção da pequena comitiva de amigos do Lorde Edmure, os senhores do Tridente tinham ficado para trás, a fim de defender as terras fluviais enquanto o rei recuperava o Norte. Em frente esperavam a noiva de Edmure e a batalha seguinte de Robb... *e para mim dois filhos mortos, uma cama vazia, e um castelo cheio de fantasmas.* Era uma perspectiva desprovida de alegria. *Brienne, onde estás? Devolve-me as minhas meninas, Brienne. Devolve-as em segurança.*

A chuva miudinha que os tinha acompanhado à partida de Correrio transformou-se numa chuva suave e constante pelo meio-dia, e prosseguiu até bem depois do ocaso. No dia seguinte, os nortenhos não chegaram a ver o Sol, avançando sob céus de chumbo com os capuzes erguidos a fim de manter a água afastada dos olhos. Era uma chuva pesada que transformava estradas em lama e campos em atoleiros, enchendo os rios e desnudando as árvores das suas folhas. O bater constante das gotas tornava a conversa miúda demasiado difícil para aquilo que dela se obtinha, e por isso os homens falavam apenas quando tinham algo a dizer, o que era bastante raro.

— Somos mais fortes do que parecemos, senhora — disse a Senhora Maege Mormont enquanto avançavam. Catelyn começara a nutrir amizade pela Senhora Maege e pela sua filha mais velha, Dacey; descobrira que eram mais compreensivas do que a maioria no que dizia respeito a Jaime Lannister. A filha era alta e esguia, a mãe baixa e robusta, mas vestiam-se de forma semelhante, com cota de malha e couro, com o urso negro da Casa Mormont desenhado nos escudos e nos sobretudos. Aos olhos de Catelyn, era um vestuário bizarro para uma senhora, mas Dacey e a Senhora Maege

pareciam mais confortáveis, como guerreiras e como mulheres, do que a rapariga de Tarth alguma vez estivera.

— Lutei ao lado do Jovem Lobo em todas as batalhas — disse alegremente Dacey Mormont. — Ainda não perdeu nenhuma.

Não, mas perdeu tudo o mais, pensou Catelyn, mas não seria bom dizê-lo em voz alta. Aos nortenhos não faltava coragem, mas estavam longe de casa, com pouco que os sustentasse além da fé no seu jovem rei. Essa fé tinha de ser protegida, a todo o custo. *Tenho de ser mais forte*, disse a si própria. *Tenho de ser forte por Robb. Se desesperar, a dor consumir-me-á*. Tudo dependia daquele casamento. Se Edmure e Roslin estivessem felizes um com o outro, se o Atrasado Lorde Frey pudesse ser apaziguado e o seu poderio de novo casado com o de Robb... *Mesmo assim, que hipótese teremos, encurralados entre os Lannister e os Greyjoy?* Era uma questão em que Catelyn não se atrevia a mergulhar, embora Robb em pouco mais pensasse. Ela via como ele estudava os seus mapas sempre que montavam o acampamento, em busca de um plano que lhe pudesse reconquistar o Norte.

O irmão Edmure tinha outras preocupações.

— Não vos parece que *todas* as filhas do Lorde Walder se parecem com ele, pois não? — perguntou, ao sentar-se no seu grande pavilhão às riscas, com Catelyn e os amigos.

— Com tantas mães diferentes, algumas das donzelas têm necessariamente de sair agradáveis à vista — disse o Sor Marq Piper — mas porque haveria o velho patife de vos dar uma das bonitas?

— Por absolutamente nada — disse Edmure, deprimido.

Aquilo foi mais do que Catelyn podia suportar.

— Cersei Lannister é agradável à vista — disse, num tom penetrante. — Serias mais sensato em rezar para que Roslin seja forte e saudável, com uma boa cabeça e um coração leal. — E com aquilo, deixou-os.

Edmure não acolheu bem aquela atitude. Na marcha do dia seguinte evitou-a por completo, preferindo a companhia de Marq Piper, Lymond Goodbrook, Patrek Mallister e dos jovens Vance. *Eles só o repreendem a brincar*, disse Catelyn a si própria quando passaram por si a grande velocidade, naquela tarde, quase sem uma palavra. *Sempre fui dura de mais com Edmure, e agora o desgosto aguça todas as minhas palavras*. Arrependeu-se da censura. Já havia chuva suficiente a cair do céu sem que ela fizesse mais. E seria mesmo assim tão terrível desejar uma esposa bonita? Lembrava-se do desapontamento infantil que sofrera da primeira vez que pousara os olhos em Eddard Stark. Imaginara-o como uma versão mais nova do irmão Brandon, mas enganara-se. Ned era mais baixo e tinha uma cara mais simples, e era muito melancólico. Falava de forma bastante cortês, mas por baixo das palavras, Catelyn sentia uma frieza que não ligava bem com Brandon, cujos

júbilos tinham sido tão violentos como as iras. Mesmo quando lhe tomou a virgindade, o amor tivera mais de dever do que de paixão. *Mas fizemos Robb naquela noite, fizemos juntos um rei. E depois da guerra, em Winterfell, tive amor suficiente para qualquer mulher, depois de encontrar o coração bom e doce que batia por baixo da cara solene de Ned. Não há motivo para que Edmure não encontre a mesma coisa, com a sua Roslin.*

Segundo a vontade dos deuses, o caminho levou-os a atravessar o Bosque dos Murmúrios, onde Robb conquistara a sua primeira grande vitória. Seguiram o leito do ribeiro serpenteante no fundo daquele vale apertado e estreito, tal como os homens de Jaime Lannister tinham feito naquela noite fatídica. *Nessa época estava mais calor, recordou Catelyn, as árvores ainda se mantinham verdes, e o ribeiro não tinha transbordado das margens.* Folhas caídas afogavam agora o curso de água e estendiam-se em emaranhados encharcados por entre as pedras e raízes, e as árvores que tinham escondido o exército de Robb haviam trocado os seus trajes verdes por folhas de ouro baço, salpicadas de castanho e de um vermelho que lhe fazia lembrar ferrugem e sangue seco. Só os abetos e os pinheiros marciais ainda mostravam verde, espetando-se na barriga das nuvens como grandes lanças escuras.

Foi mais do que árvores o que morreu desde então, reflectiu. Na noite do Bosque dos Murmúrios, Ned ainda estava vivo na sua cela por baixo da Colina de Aegon, Bran e Rickon encontravam-se a salvo atrás das muralhas de Winterfell. *E Theon Greyjoy lutava ao lado de Robb, e gabava-se de como quase cruzara espadas com o Regicida. Seria bom que o tivesse feito. Se Theon tivesse morrido em vez dos filhos do Lorde Karstark, quanto mal teria sido desfeito?*

Ao passarem pelo campo de batalha, Catelyn viu sinais da carnificina que ali tivera lugar; um elmo virado ao contrário que se enchia de chuva, uma lança estilhaçada, os ossos de um cavalo. Mamoas de pedra tinham sido erguidas sobre alguns dos homens que ali tinham tombado, mas os assaltantes de túmulos já tinham caído sobre elas. Por entre os montes de pedra, vislumbrou tecidos brilhantemente coloridos e bocados de metal brilhante. Uma vez viu uma cara a olhá-la, com o contorno do crânio a emergir de debaixo da carne castanha em putrefacção.

Isso fê-la interrogar-se sobre o local onde Ned acabara por descansar. As irmãs silenciosas tinham levado os seus ossos para Norte, escoltados por Hallis Mollen e por uma pequena guarda de honra. Teria Ned conseguido chegar a Winterfell, para ser enterrado ao lado do irmão Brandon nas criptas escuras por baixo do castelo? Ou ter-se-ia a porta fechado em Fosso Cailin antes de Hal e das irmãs conseguirem passar?

Três mil e quinhentos cavaleiros seguiam o seu caminho sinuoso pelo fundo do vale, através do coração do Bosque dos Murmúrios, mas Catelyn Stark raramente se sentira mais só. Cada légua que vencia levava-a para

mais longe de Correrrio, e deu por si a perguntar-se se alguma vez voltaria a ver o castelo. Ou estaria perdido para sempre, como tantas outras coisas?

Cinco dias mais tarde, os batedores regressaram para os prevenir de que as águas da enchente tinham arrastado a ponte de madeira em Feirajusta. Galbart Glover e dois dos seus homens mais ousados tentaram levar as montadas a passar a nado o turbulento Ramo Azul em Vaucarneiro. Dois dos cavalos tinham sido arrastados e afogados, juntamente com um dos cavaleiros; o próprio Glover conseguira agarrar-se a um rochedo até que o puxassem para a margem.

— O rio não corre tão alto desde a Primavera — disse Edmure. — E se esta chuva continuar a cair, ainda subirá mais.

— Há uma ponte mais para montante, perto de Pedravelhas — recordou Catelyn, que atravessara aquelas terras com frequência com o pai. — É mais antiga e mais pequena, mas se ainda estiver em pé...

— Desapareceu, senhora — disse Galbart Glover. — Foi levada antes mesmo da de Feirajusta.

Robb olhou para Catelyn.

— Há mais alguma ponte?

— Não. E os vaus estarão intransitáveis. — Tentou vasculhar a memória. — Se não conseguirmos atravessar o Ramo Azul, teremos de o rodear, por Seterrios e pelo Atoleiro da Bruxa.

— Pauis e más estradas, quando existem de todo — preveniu Edmure. — O avanço será lento, mas suponho que acabaremos por chegar.

— Estou certo de que o Lorde Walder esperará — disse Robb. — Lorthar enviou-lhe uma ave de Correrrio, ele sabe que vamos a caminho.

— Sim, mas o homem é susceptível e desconfiado por natureza — disse Catelyn. — Pode tomar este atraso como um insulto deliberado.

— Muito bem, pedir-lhe-ei perdão também pela nossa indolência. Serei um rei desolado, desculpando-me a cada duas inspirações. — Robb torceu a cara. — Espero que Bolton tenha atravessado o Tridente antes de as chuvas começarem. A Estrada de Rei segue directamente para norte, deverá ter uma marcha fácil. Mesmo a pé, deve chegar às Gémeas antes de nós.

— E quando tiveres juntado os teus homens aos dele e casado o meu irmão, segue-se o quê? — perguntou-lhe Catelyn.

— Para norte. — Robb coçou o Vento Cinzento atrás de uma orelha.

— Pelo talude? Contra Fosso Cailin?

Ele fez-lhe um sorriso enigmático.

— Essa é uma forma de ir — disse, e ela compreendeu pelo seu tom de voz que nada mais diria. *Um rei sensato guarda coisas para si*, lembrou a si própria.

Chegaram a Pedravelhas depois de mais oito dias de chuva contínua, e acamparam sobre a colina com vista para o Ramo Azul, dentro de um forte arruinado dos antigos cavaleiros do rio. As suas fundações resistiam entre as ervas daninhas, para mostrar onde se tinham erguido as muralhas e as fortalezas, mas o povo local tinha-se há muito apropriado da maior parte das pedras para erguer os seus celeiros, septos e castros. No entanto, no centro daquilo que em tempos teria sido o pátio do castelo, ainda se erguia um grande sepulcro esculpido, meio escondido por ervas castanhas que chegavam à cintura, no meio de um grupo de freixos.

A tampa do sepulcro tinha sido esculpida para retratar o homem cujos ossos jaziam lá dentro, mas as chuvas e os ventos tinham desempenhado o seu papel. Conseguiam ver que o rei usara uma barba, mas, fora isso, a sua cara era lisa e sem traços, com apenas vagas sugestões de uma boca, um nariz, olhos e da coroa em volta das têmporas. As suas mãos fechavam-se no cabo de um martelo de guerra em pedra que lhe jazia sobre o peito. Em tempos, o machado de guerra teria tido gravadas runas que revelavam o nome e a história do morto, mas os séculos tinham-nas levado por completo. A própria pedra estava rachada e a desagregar-se nos cantos, descolorida aqui e ali por nódoas brancas de líquenes em crescimento, ao passo que rosas selvagens trepavam pelos pés do rei e lhe chegavam quase ao peito.

Foi ali que Catelyn encontrou Robb, em pé e melancólico no crepúsculo que se aprofundava, acompanhado apenas por Vento Cinzento. A chuva parara, para variar, e ele trazia a cabeça destapada.

— Este castelo tem um nome? — perguntou em voz baixa quando Catelyn se aproximou.

— Todo o povo lhe chamava Pedravelhas quando eu era rapariga, mas sem dúvida que teve outro nome quando ainda era uma sede de reis. — Acampara ali uma vez com o pai, a caminho de Guardamar. *Petyr também estava connosco...*

— Há uma canção — recordou Robb. — “Jenny de Pedravelhas, com as flores no cabelo”.

— No fim somos todos só canções. Se tivermos sorte. — Naquele dia brincara a ser Jenny, chegara até a entrançar flores no cabelo. E Petyr fingira ser o seu Príncipe das Libélulas. Catelyn não podia ter tido mais de doze anos, Petyr era apenas um rapazinho.

Robb estudou o sepulcro.

— De quem é esta sepultura?

— Aqui jaz Tristifer, o Quarto do Seu Nome, Rei dos Rios e dos Montes. — O pai contara-lhe em tempos a sua história. — Governou do Tridente ao Gargalo, milhares de anos antes de Jenny e do seu príncipe, nos dias

em que os reinos dos Primeiros Homens caíam um atrás do outro perante o avanço dos ândalos. Chamavam-lhe o Martelo da Justiça. Lutou uma centena de batalhas e venceu noventa e nove, ou pelo menos é isso que os cantores dizem, e quando ergueu este castelo, era o mais forte de Westeros. — Pousou uma mão no ombro do filho. — Morreu na sua centésima batalha, quando sete reis ândalos juntaram forças contra si. O quinto Tristifer não se lhe comparava, e em breve o reino estava perdido, e depois o castelo, e por fim a linhagem. Com Tristifer Quinto morreu a Casa Mudd, que governara as terras fluviais durante os mil anos anteriores à chegada dos ândalos.

— O herdeiro falhou-lhe. — Robb fez correr uma mão sobre a pedra áspera e desgastada. — Tive esperança de deixar Jeyne à espera de bebé... tentámos com bastante frequência, mas não tenho a certeza...

— Nem sempre acontece à primeira vez. — *Embora tenha acontecido contigo.* — Nem mesmo à centésima. És muito novo.

— Novo, e um rei — disse ele. — Um rei tem de ter um herdeiro. Se morrer na minha próxima batalha, o reino não pode morrer comigo. Pela lei, Sansa é a seguinte na linha de sucessão, portanto Winterfell e o Norte devem passar para ela. — A boca dele apertou-se. — Para ela, e para o senhor seu esposo. Tyrion Lannister. Não posso permitir que tal coisa aconteça. *Não o permitirei.* Esse anão não pode nunca possuir o Norte.

— Pois não — concordou Catelyn. — Tens de nomear outro herdeiro, até ao momento em que Jeyne te dê um filho. — Reflectiu por um momento. — O pai do teu pai não tinha irmãos, mas o pai dele tinha uma irmã que casou com um filho mais novo do Lorde Raymar Royce, do ramo menor da Casa. Eles tiveram três filhas, tendo todas casado com fidalgos do Vale. Um Waynwood e um Corbray de certeza. A mais nova... pode ter sido um Templeton, mas...

— Mãe. — Havia um certo gume no tom de Robb. — Estais a esquecer-vos. O meu pai teve quatro filhos.

Catelyn não se esquecera; Não quisera ver o facto, mas ali estava.

— Um Snow não é um Stark.

— Jon é mais Stark do que uns fidalgos quaisquer do Vale que nunca sequer puseram os olhos em Winterfell.

— Jon é um irmão da Patrulha da Noite, e jurou não tomar esposa nem deter terras. Aqueles que vestem o negro servem para a vida.

— O mesmo acontece com os cavaleiros da Guarda Real. Isso não impediu os Lannister de arrancar os mantos brancos a Sor Barristan Selmy e Sor Boros Blount quando deixaram de ter utilidade para eles. Se eu enviar à patrulha uma centena de homens para o lugar de Jon, aposto que hão-de encontrar alguma maneira de o libertar dos seus votos.

Ele está decidido a fazer isto. Catelyn sabia como o filho podia ser teimoso.

— Um bastardo não pode herdar.

— É verdade, a menos que seja legitimado por decreto real — disse Robb. — Há mais precedentes para isso do que para libertar um Irmão Ajuramentado dos seus votos.

— Precedentes — disse ela com amargura. — Sim, Aegon IV legitimou todos os seus bastardos no leito de morte. E quanta dor, desgosto, guerra e assassinio nasceram daí? Sei que confias em Jon. Mas podes confiar nos seus filhos? Ou nos filhos *deles*? Os pretendentes Blackfyre atormentaram os Targaryen ao longo de cinco gerações, até que Barristan, o Ousado, matou os últimos nos Degraus. Se legitimares Jon, não há maneira de voltar a torná-lo bastardo. Se ele se casar e tiver filhos, os filhos que tiveres com Jeyne nunca estarão a salvo.

— Jon nunca faria mal a um filho meu.

— Tal como Theon Greyjoy nunca faria mal a Bran e Rickon?

Vento Cinzento saltou para cima da cripta do Rei Tristifer, com os dentes à mostra. A cara de Robb estava fria.

— Isso é tão cruel como injusto. Jon não é nenhum Theon.

— Rezas para que não o seja. Já pensaste nas tuas irmãs? E os direitos *delas*? Concordo que não podemos permitir que o Norte passe para o Duende, mas e Arya? Por lei, ela vem a seguir a Sansa... a tua própria irmã, legítima...

— ...e morta. Ninguém viu ou ouviu falar de Arya desde que cortaram a cabeça ao pai. Porque mentis a vós própria? Arya partiu, tal como Bran e Rickon, e matarão também Sansa assim que o anão consiga dela um filho. Jon é o único irmão que me resta. Se eu morrer sem descendência, quero que ele me suceda como Rei no Norte. Tive a esperança de que apoiásseis a minha escolha.

— Não posso — disse ela. — Em tudo o mais, Robb. Em tudo. Mas não nesta... nesta loucura. Não mo peças.

— Não tenho de pedir. Sou o rei. — Robb virou-se e afastou-se, com o Vento Cinzento a saltar de cima da tumba e a pular atrás dele.

Que fiz?, pensou Catelyn, fatigadamente, quando ficou só junto do sepulcro de pedra de Tristifer. *Primeiro irritado Edmure, e agora Robb, mas tudo o que fiz foi dizer a verdade. Serão os homens tão frágeis que não consigam suportar ouvi-la?* Podia ter chorado nesse momento, se o céu não estivesse a fazê-lo por ela. Tudo o que pôde fazer foi regressar à tenda e sentar-se aí em silêncio.

Nos dias que se seguiram, Robb esteve por todo o lado; a cavalgar à cabeça da vanguarda com o Grande-Jon, a bater terreno com Vento Cin-

zento, correndo para trás para se juntar a Robin Flint e à retaguarda. Os homens diziam com orgulho que o Jovem Lobo era o primeiro a levantar-se todas as madrugadas e o último a adormecer à noite, mas Catelyn perguntava a si própria se ele dormia de todo. *Está a tornar-se tão magro e esfomeado como o seu lobo selvagem.*

— Senhora — disse-lhe Maegh Mormont uma manhã enquanto atravessavam uma chuva constante — pareceis tão triste. Há algo de errado?

O senhor meu esposo está morto e o meu pai também. Dois dos meus filhos foram assassinados, a minha filha foi dada a um anão sem fé para lhe dar à luz filhos nojentos, a minha outra filha anda desaparecida e é provável que esteja morta, e o meu último filho e o meu único irmão estão ambos zangados comigo. O que é que pode haver de errado? No entanto aquilo era mais verdade do que a Senhora Maegh queria ouvir.

— Isto é uma chuva maligna — disse, em vez da verdade. — Sofremos muito, e há mais perigos e desgostos adiante. Precisamos de enfrentá-los com ousadia, com cornos a soar e estandartes a adejar cheios de bravura. Mas esta chuva abate-nos. Os estandartes pendem, encharcados, e os homens aconchegam-se debaixo dos seus mantos e quase não conversam uns com os outros. Só uma chuva maligna nos enregelaria os corações quando mais precisamos que eles ardam bem quentes.

Dacey Mormont olhou para o céu.

— Gosto mais de ter água a chover sobre mim do que setas.

Catelyn sorriu a contragosto.

— Temo que sejais mais brava do que eu. Todas as mulheres da Ilha dos Ursos são assim guerreiras?

— Ursas, sim — disse a Senhora Maegh. — Temos necessitado de o ser. Nos dias de antanho, os homens de ferro faziam incursões com os seus dracares, ou se não eram eles, eram os selvagens vindos da Costa Gelada. Os homens o mais provável era estarem longe, na pesca. As esposas que eles deixavam para trás tinham de se defender e aos filhos para não serem levadas.

— Há uma imagem esculpida no nosso portão — disse Dacey. — Uma mulher vestida com uma pele de urso, com um bebé sobre um braço, a mamar. Na outra mão tem um machado de batalha. Não é uma senhora como deve ser, essa, mas sempre gostei dela.

— Uma vez, o meu sobrinho Jorah trouxe para casa uma senhora como deve ser — disse a Senhora Maegh. — Conquistou-a num torneio. Como ela odiava aquela imagem.

— Pois, e tudo o resto também — disse Dacey. — Tinha um cabelo que era como fio de ouro, aquela Lynesse. A pele era como creme. Mas as suas mãos suaves não tinham sido feitas para machados.

— Nem as tetas para dar de mamar — disse a mãe, sem rodeios.

Catelyn sabia de quem falavam; Jorah Mormont trouxera a sua segunda esposa a Winterfell para festas, e uma vez tinham ficado durante uma quinzena. Lembrava-se de como a Senhora Lynesse era jovem, bela e infeliz. Uma noite, após várias taças de vinho, confessara a Catelyn que o Norte não era lugar para uma Hightower de Vilavelha.

— Houve uma Tully de Correrrio que sentiu o mesmo em tempos — respondera-lhe com gentileza, tentando consolá-la — mas, com o tempo, encontrou aqui muitas coisas que podia amar.

Tudo agora perdido, reflectiu. Winterfell e Ned, Bran e Rickon, Sansa, Arya, tudo perdido. Só resta Robb. Teria havido nela demasiado de Lynesse Hightower, no fim de contas, e pouco dos Stark? Gostaria de ter sabido como manejar um machado, talvez tivesse sido capaz de os proteger melhor.

Os dias seguiram-se aos dias, e a chuva continuava a cair. Cavalgaram ao longo de toda a extensão do Ramo Azul, passando por Seterrios onde o rio se desdobrava numa confusão de ribeiros e riachos, e depois atravessando o Atoleiro da Bruxa, onde lagoas de um verde reluzente esperavam para engolir os incautos e o terreno mole sugava os cascos dos cavalos como um bebé faminto o peito da mãe. O avanço era mais do que lento. Metade das carroças tiveram de ser abandonadas ao lodaçal, e as suas cargas distribuídas por mulas e cavalos de tracção.

O Lorde Jason Mallister apanhou-os nos pauis do Atoleiro da Bruxa. Restava ainda mais de uma hora de luz do dia quando ele se aproximou com a sua coluna, mas Robb fez alto de imediato, e Sor Raynald Westerling veio escoltar Catelyn à tenda do rei. Encontrou o filho sentado ao lado de um braseiro, com um mapa sobre as pernas. Vento Cinzento dormia a seus pés. O Grande-Jon acompanhava-o, bem como Galbart Glover, Maegh Mormont, Edmure, e um homem que Catelyn não reconheceu, um homem carnudo e a perder o cabelo, de aspecto servil. *Este não é fidalgo nenhum, compreendeu no momento em que pousou os olhos no estranho. Nem sequer é um guerreiro.*

Jason Mallister ergueu-se para oferecer a Catelyn a cadeira. No cabelo, tinha quase tanto branco como castanho, mas o Senhor de Guardamar ainda era um homem bem-parecido; alto e esguio, com uma cara bem cinzelada e escanhoadada, malares salientes e uns ferozes olhos azuis-acinzentados.

— Senhora Stark, é sempre um prazer. Trago boas novas, espero.

— Temos grande falta de um pouco de boas novas, senhor. — Sentou-se, ouvindo a chuva a tamborilar ruidosamente na tela por cima da sua cabeça.

Robb esperou que Sor Raynald fechasse a aba da tenda.

— Os deuses ouviram as nossas preces, senhores. O Lorde Jason

trouxe-nos o capitão do *Myraham*, um navio mercante de Vilavelha. Capitão, contai-lhes o que me haveis dito.

— Sim, Vossa Graça. — O homem lambeu nervosamente os lábios. — O último porto a que aportei antes de Guardamar foi Fidalporto, em Pyke. Os homens de ferro não me deixaram sair daí durante mais de meio ano, ah pois não. Ordens do Rei Balon. Só que, bom, p'ra despachar uma história comprida, ele 'tá morto.

— Balon Greyjoy? — O coração de Catelyn falhou uma batida. — Estais a dizer-nos que Balon Greyjoy está morto?

O pequeno capitão maltrapilho confirmou com a cabeça.

— Sabeis como Pyke 'tá construída num promontório, e parte do castelo 'tá em rochedos e ilhas ao largo, com pontes entre elas? Pois, segundo me contaram em Fidalporto, veio um golpe de vento de oeste, com chuva e trovões, e o velho Rei Balon 'tava a atravessar uma das pontes quando o vento a agarrou e fez a coisa em pedaços. Deu à costa dois dias depois, todo inchado e partido. Ouvei dizer que os caranguejos comeram-lhe os olhos.

O Grande-Jon soltou uma gargalhada.

— Caranguejos reais, espero eu, para jantar essa geleia real, hã?

O capitão balançou afirmativamente a cabeça.

— Pois, mas isso não é tudo, ah não! — Inclinou-se para a frente. — O irmão voltou.

— Victarion? — perguntou Galbart Glover, surpreendido.

— Euron. Chamam-lhe Olho de Corvo, um pirata tão negro como qualquer outro que tenha içado uma vela. Desapareceu há anos, mas ainda mal o Lorde Balon tinha arrefecido, aí 'tava ele, a entrar em Fidalporto com o seu *Silêncio*. Velas pretas e um casco vermelho, e tripulado por mudos. Ouvei dizer que foi a Asshai e voltou. Mas onde quer que 'tivesse, agora 'tá em casa, e marchou direitinho p'ra Pyke e sentou o rabo na Cadeira de Pedra do Mar, e afogou o Lorde Botley numa barrica de água do mar quando ele protestou. Foi nessa altura que eu fugi de volta p'ró *Myraham* e icei a âncora, esperando conseguir ir-me embora enquanto as coisas 'tivessem confusas. E foi o que fiz, e aqui 'tou.

— Capitão — disse Robb quando o homem terminou —, tendes os meus agradecimentos, e não partireis sem uma recompensa. O Lorde Jason levar-vos-á de volta ao vosso navio quando nos despacharmos. Por obséquio, esperai lá fora.

— Lá isso espero, Vossa Graça. Lá isso espero.

Assim que o homem saiu do pavilhão real, o Grande-Jon desatou a rir, mas Robb silenciou-o com um olhar.

— Euron Greyjoy não é a ideia de ninguém para um rei, se metade daquilo que Theon disse dele for verdade. Theon é o legítimo herdeiro, a

menos que esteja morto... mas Victarion comanda a Frota de Ferro. Não posso crer que permaneça em Fosso Cailin enquanto Euron Olho de Corvo chama sua à Cadeira de Pedra do Mar. Ele *tem* de regressar.

— Também há uma filha — lembrou-lhe Galbart Glover. — Aquela que tem em seu poder Bosque Profundo, e a esposa e filho de Robett.

— Se ficar em Bosque Profundo, isso é *tudo* o que pode esperar manter — disse Robb. — O que é verdade para os irmãos ainda é mais verdade para ela. Terá de zarpar para casa para expulsar Euron e promover a sua pretensão. — O filho de Catelyn virou-se para o Lorde Jason Mallister. — Tendes uma frota em Guardamar?

— Uma frota, Vossa Graça? Meia dúzia de dracares e duas galés de guerra. O suficiente para defender as minhas costas contra corsários, mas não posso ter esperança de enfrentar a Frota de Ferro em batalha.

— Nem vo-lo pediria. Os homens de ferro irão rumar a Pyke, espero. Theon disse-me como a sua gente pensa. Cada capitão é um rei no seu convés. Todos quererão ter voz na sucessão. Senhor, preciso que dois dos vossos dracares contornem o Cabo das Águias e subam o Gargalo até à Atalaia da Água Cinzenta.

O Lorde Jason hesitou.

— A floresta húmida é drenada por uma dúzia de cursos de água, todos eles pouco profundos, sedimentosos e por mapear. Nem lhes chamaria rios. Os canais andam sempre a derivar e a alterar-se. Há um sem-fim de bancos de areia, troncos caídos e emaranhados de árvores em putrefacção. E a Atalaia da Água Cinzenta *desloca-se*. Como irão os meus navios encontrá-la?

— Subi o rio exibindo o meu estandarte. Os cranogmanos encontrar-vos-ão a vós. Quero dois navios para duplicar as hipóteses de a minha mensagem chegar a Howland Reed. A Senhora Maege irá num deles, Galbart no segundo. — Virou-se para os dois que indicara. — Levareis cartas para os meus senhores que permanecem no Norte, mas todas as ordens nelas contidas serão falsas, para o caso de terdes o azar de serdes capturados. Se isso acontecer, deveis dizer-lhes que vos dirigíeis ao norte. De volta à Ilha dos Ursos, ou na direcção da Costa Pedregosa. — Bateu com um dedo no mapa. — A chave é Fosso Cailin. O Lorde Balon sabia-o, e foi por sabê-lo que enviou para lá o irmão Victarion com o coração endurecido das forças Greyjoy.

— Com disputas de sucessão ou sem elas, os homens de ferro não são estúpidos ao ponto de abandonarem Fosso Cailin — disse a Senhora Maege.

— Pois não — admitiu Robb. — Victarion deixará para trás a melhor parte da sua guarnição, suponho. No entanto, cada homem que leve consigo será um homem a menos com que teremos de lutar. E ele *irá* levar

muitos dos seus capitães, contai com isso. Os líderes. Precisaré desses homens para falarem por ele se quiser ter esperança de se sentar na Cadeira da Pedra do Mar.

— Não podeis querer atacar pelo talude, Vossa Graça — disse Galbart Glover. — As aproximações são demasiado estreitas. Não há maneira de desdobrar em linha. Nunca ninguém tomou o Fosso.

— A partir do Sul — disse Robb. — Mas se pudermos atacar ao mesmo tempo a partir de norte e de oeste, e apanhar os homens de ferro pela retaguarda enquanto eles afastam aquilo que julgam ser o ataque principal ao longo do talude, então temos uma hipótese. Depois de me unir ao Lorde Bolton e aos Frey, terei mais de doze mil homens. Tenciono dividi-los em três batalhões e fazê-los avançar pelo talude com meio dia de intervalo. Se os Greyjoy têm olhos a Sul do Gargalo, verão todas as minhas forças a correr precipitadamente contra Fosso Cailin.

»Roose Bolton ficará ao comando da retaguarda, enquanto eu comandarei o centro. Grande-Jon, vós liderareis a vanguarda contra Fosso Cailin. O vosso ataque deverá ser tão violento que os homens de ferro não tenham tempo para se interrogar sobre se alguém estará a aproximar-se deles à socapa, a partir do norte.

O Grande-Jon soltou um risinho.

— É melhor que os vossos homens à socapa cheguem depressa, senão os meus homens assaltam aquelas muralhas e conquistam Fosso Cailin antes que mostreis a cara. Dar-vos-ei o castelo de presente quando chegardes do passeio.

— Esse é um presente que ficarei feliz por aceitar — disse Robb.

Edmure estava a franzir o sobrolho.

— Falais de atacar os homens de ferro pela retaguarda, senhor, mas como planeais passar para norte deles?

— Há caminhos através do Gargalo que não se encontram em nenhum mapa, tio. Caminhos que só os cranogmanos conhecem... estreitos trilhos entre os pauis e estradas aquáticas através dos juncos que só barcos podem seguir. — Virou-se para os dois mensageiros. — Dizei a Howland Reed que deve enviar-me guias, dois dias depois de eu começar a subir o talude. Que os envie para o batalhão central, onde flutua o meu estandarte. Três hostes partirão das Gémeas, mas só duas chegarão a Fosso Cailin. O meu batalhão dissolver-se-á no Gargalo, para voltar a emergir no Febre. Se formos rápidos depois do casamento do meu tio, poderemos estar todos em posição por alturas do fim do ano. Cairemos sobre o Fosso de três lados no primeiro dia do novo século, no momento em que os homens de ferro acordam com martelos a bater nas cabeças do hidromel que hão-de embarcar na noite anterior.

— Gosto deste plano — disse o Grande-Jon. — Gosto bastante dele.

Galbart Glover esfregou a boca.

— Há riscos. Se os cranogmanos vos falharem...

— Não ficaremos pior do que antes. Mas eles não falharão. O meu pai conhecia o valor de Howland Reed. — Robb enrolou o mapa, e só então olhou para Catelyn. — Mãe.

Ficou tensa.

— Tendes algum papel nisto para mim?

— O vosso papel é ficar a salvo. A nossa viagem através do Gargalo será perigosa, e nada nos espera no Norte a não ser batalhas. Mas o Lorde Mallister teve a bondade de se oferecer para vos manter em segurança em Guardamar até a guerra acabar. Sei que lá estareis confortável.

Será esta a minha punição por me opor a ele no assunto de Jon Snow? Ou por ser uma mulher, e, pior, uma mãe? Precisou de um momento para se aperceber de que todos a observavam. Eles já *sabiam*, compreendeu. Catelyn não se devia ter sentido surpreendida. Não conquistara amigos ao libertar o Regicida, e mais de uma vez ouvira o Grande-Jon dizer que um campo de batalha não era lugar para mulheres.

A fúria deve ter relampejado no seu rosto, porque Galbart Glover interveio antes que dissesse uma palavra.

— Senhora, Sua Graça é sensato. É melhor que não venhais conosco.

— Guardamar será iluminada pela vossa presença, Senhora Catelyn — disse o Lorde Jason Mallister.

— Quereis fazer de mim uma prisioneira — disse ela.

— Uma hóspede de honra — insistiu o Lorde Jason.

Catelyn virou-se para o filho.

— Não pretendo ofender o Lorde Jason — disse, rigidamente — mas se não puder prosseguir convosco, preferia regressar a Correrrio.

— Deixei a minha esposa em Correrrio. Quero a minha mãe noutra sítio. Se guardardes todos os vossos tesouros numa bolsa, só estareis a tornar a vida mais fácil para aqueles que vos querem assaltar. Após o casamento, ireis para Guardamar, e isto é a minha ordem régia. — Robb levantou-se, e com igual rapidez o seu destino ficou decidido. Pegou numa folha de pergaminho. — Mais uma coisa. O Lorde Balon deixou o caos atrás de si, esperamos nós. Eu não farei o mesmo. Mas ainda não tenho um filho, os meus irmãos Bran e Rickon estão mortos, e a minha irmã encontra-se casada com um Lannister. Reflecti longa e duramente sobre quem poderá seguir-se a mim. Ordeno-vos agora, como meus senhores legítimos e leais, que aponhais os vossos selos a este documento como testemunhas da minha decisão.

Deveras um rei, pensou Catelyn, derrotada. Só podia esperar que a armadilha que planeara para Fosso Cailin funcionasse tão bem como aquela em que acabara de prendê-la.

SAMWELL

Brancarbor, pensou Sam. *Por favor, que isto seja Brancarbor*. Lembrava-se de Brancarbor. Brancarbor ficava nos mapas que desenhara, a caminho para norte. Se aquela aldeia fosse Brancarbor, sabia onde se encontravam. *Por favor, tem de ser*. Desejava-o tanto que se esqueceu dos pés por um bocadinho, esqueceu-se das dores nas barrigas das pernas e nos rins e dos dedos rígidos e gelados que quase não sentia. Até se esqueceu do Lorde Mormont e de Craster e das criaturas e dos Outros. *Brancarbor*, rezou Sam, a qualquer deus que pudesse estar à escuta.

Mas todas as aldeias selvagens se pareciam muito umas com as outras. Um enorme represeiro crescia no centro daquela... mas uma árvore branca não queria necessariamente dizer Brancarbor. O represeiro em Brancarbor não era maior do que aquele? Talvez estivesse a lembrar-se mal. A cara esculpida no tronco branco como osso era longa e triste; lágrimas vermelhas de seiva seca derramavam-se dos seus olhos. *Era esse o seu aspecto quando viemos para norte?* Sam não se conseguia lembrar.

Em volta da árvore erguia-se uma mão-cheia de cabanas de divisão única com telhados de turfa, um edifício comprido feito de troncos e coberto de musgo, um poço de pedra, um curral de ovelhas... mas sem ovelhas, e sem pessoas. Os selvagens tinham partido para se juntarem a Mance Rayder nos Colmilhos de Gelo, levando tudo o que possuíam excepto as suas casas. Sam sentia-se grato por isso. A noite estava a chegar, e seria bom dormir sob um tecto, para variar. Estava tão cansado. Parecia-lhe ter passado metade da vida a caminhar. As suas botas estavam a desagregar-se, e todas as bolhas que tivera nos pés tinham rebentado e transformado em calos, mas agora tinha bolhas novas *debaixo* dos calos e os dedos dos pés estavam a ficar queimados pelo frio.

Mas era caminhar ou morrer, e Sam sabia-o. Gilly ainda estava fraco do parto e além disso transportava o bebé; precisava mais do cavalo do que ele. O segundo cavalo morrera três dias depois de partirem da Fortaleza de Craster. Era um milagre que tivesse durado tanto, pobre animal meio esfaimado. O peso de Sam tinha provavelmente acabado com ele. Podiam ter tentado montar ambos no mesmo cavalo, mas Sam temia que a mesma coisa pudesse voltar a acontecer. *É melhor que eu caminhe*.

Sam deixou Gilly no edifício comprido a fazer uma fogueira, enquanto ele enfiava a cabeça nas cabanas. Ela era melhor a fazer fogueiras; ele

nunca parecia ser capaz de incendiar as acendalhas, e da última vez que tentara fazer saltar uma faísca de pederneira e aço, conseguira cortar-se na faca. Gilly ligara-lhe o golpe, mas tinha a mão rígida e dorida, ainda mais desajeitada do que fora antes. Sabia que devia lavar o ferimento e mudar a ligadura, mas tinha medo de olhar para ele. Além disso, estava tanto frio que detestava descalçar as luvas.

Sam não sabia o que esperava encontrar nas casas vazias. Os selvagens talvez tivessem deixado para trás alguma comida. Tinha de ir ver. Jon passara uma busca às choupanas em Brancarbor, a caminho do Norte. Dentro de uma das cabanas, Sam ouviu uma restolhada de ratazanas vinda de um canto escuro, mas fora isso nada havia em nenhuma delas além de poalha velha, cheiros antigos, e algumas cinzas sob os buracos para o fumo.

Virou-se para o represeiro e estudou por um momento a cara nele esculpida. *Não é a cara que vimos*, admitiu para si próprio. *A árvore não tem nem metade do tamanho daquela de Brancarbor*. Os olhos vermelhos choravam sangue, e também não se lembrava disso. Desajeitadamente, Sam afundou-se nos joelhos.

— Deuses antigos, escutai as minhas preces. Os Sete eram os deuses do meu pai mas eu proferi as palavras perante vós quando me juntei à Patrulha. Ajudai-nos agora. Temo que possamos estar perdidos. Também temos fome, e tanto frio. Não sei em que deuses acredito agora, mas... por favor, se estiverdes aí, ajudai-nos. Gilly tem um filhinho. — Aquilo foi tudo em que conseguiu pensar para dizer. O ocaso aprofundava-se, as folhas do represeiro restolhavam suavemente, ondulando como mil mãos vermelhas de sangue. Se os deuses de Jon o tinham ouvido ou não, não saberia dizer.

Quando regressou ao salão, Gilly tinha o fogo a arder. Estava sentada junto a ele, com as peles abertas e o bebé ao peito. *Tem tanta fome como nós*, pensou Sam. A velha dera-lhes à socapa alguma da comida de Craster, mas já tinham comido a maior parte. Sam fora incapaz como caçador até em Monte Chifre, onde a caça era abundante e tinha cães de caça e caçadores para o ajudar; ali, naquela floresta vazia sem fim, as hipóteses de apanhar alguma coisa eram remotas. As suas tentativas de pescar em lagos e ribeiros meio congelados também tinham resultado em tristes falhanços.

— Quanto tempo mais, Sam? — perguntou Gilly. — Ainda é longe?

— Não muito. Não tanto como era. — Sam encolheu-se para fora das alças da mochila, deixou-se cair desajeitadamente no chão e tentou cruzar as pernas. Tinha uma dor tão abominável nas costas devido à caminhada que teria gostado de se encostar a um dos pilares esculpido de madeira que suportavam o telhado, mas a fogueira estava no centro da sala sob o buraco para o fumo e ansiava ainda mais por calor do que por conforto. — Mais alguns dias e devemos chegar lá.

Sam tinha os seus mapas, mas se aquilo não era Brancarbor, então os mapas não lhe iam servir de muito. *Fomos demasiado para leste para rodear aquele lago, afligiu-se, ou talvez demasiado para oeste quando tentei voltar para trás.* Começava a odiar lagos e rios. Ali nunca havia botes ou pontes, o que implicava fazer a pé o percurso inteiro em volta dos lagos e procurar locais onde fosse possível passar os rios a vau. Era mais fácil seguir um trilho de caça do que lutar por abrir caminho através da vegetação rasteira, era mais fácil rodear uma serrania do que subi-la. *Se Bannen ou Dywen estivessem connosco, estaríamos em Castelo Negro por esta altura, aquecendo os pés na sala comum.* Mas Bannen estava morto, e Dywen fora-se embora com Grenn, Edd Doloroso e os outros.

A Muralha tem trezentas milhas de comprimento e duzentos metros de altura, lembrou Sam a si próprio. Se continuassem a seguir para Sul, tinham de a encontrar, mais tarde ou mais cedo. E ele estava certo de que se dirigiam para Sul. De dia orientava-se pelo Sol, e nas noites limpas podiam seguir a cauda do Dragão de Gelo, se bem que não tivessem viajado muito de noite desde que o segundo cavalo morrera. Até quando a Lua estava cheia, a escuridão era demasiada debaixo das árvores, e teria sido muito fácil que Sam ou o último garrano partissem uma perna. *Temos de estar bem para Sul por esta altura, temos mesmo.*

Aquilo de que não tinha grande certeza era quanto poderiam ter derivado para leste ou oeste. Sim, chegariam à Muralha... dentro de um dia ou de uma quinzena, decerto não poderia estar mais longe do que isso, decerto que não... mas *onde?* Aquilo que tinham de encontrar era o portão em Castelo Negro; a única passagem através da Muralha ao longo de uma centena de léguas.

— A Muralha é tão grande como Craster dizia? — perguntou Gilly.

— Maior. — Sam tentou parecer alegre. — É tão grande que nem sequer se conseguem ver os castelos que estão escondidos por detrás. A Muralha é toda feita de gelo, mas os castelos são de pedra e madeira. Há torres altas e caves fundas e um salão enorme com um grande fogo a arder na lareira, de noite e de dia. Faz tanto calor lá dentro, Gilly, que nem vais acreditar.

— Podia ficar junto do fogo? Eu e o rapaz? Não por muito tempo, só até ficarmos bem quentinhos?

— Poderás ficar junto do fogo todo o tempo que quiseres. Vais ter também o que comer e beber. Vinho aquecido com açúcar, canela e outras coisas e uma tigela de veado guisado com cebolas, e o pão do Hobb, acabado de sair do forno, tão quente que te queimará os dedos. — Sam descalçou uma luva para agitar os seus perto das chamas, e rapidamente se arrependeu. Tinham estado adormecidos devido ao frio, mas quando as sensações regressaram, doeram-lhe tanto que quase gritou. — Às vezes um dos ir-

mãos canta — disse, para afastar a mente da dor. — Daeron era quem cantava melhor, mas mandaram-no para Atalaialeste. Mas ainda temos o Halder. E o Sapo. O nome verdadeiro dele é Todder, mas parece-se com um sapo, e chamamos-lhe assim. Ele gosta de cantar, mas tem uma voz horrível.

— Tu cantas? — Gilly mudou a posição das suas peles, e passou o bebé de um seio para o outro.

Sam corou.

— Eu... eu conheço algumas canções. Quando era pequeno, gostava de cantar. E também dançava, mas o senhor meu pai nunca gostou que o fizesse. Ele dizia que se eu queria fazer cabriolas, devia fazê-las no pátio com uma espada na mão.

— Podes cantar uma canção do Sul? Para o bebé?

— Se quiseres. — Sam pensou por um momento. — Há uma canção que o nosso septão costumava cantar para mim e para as minhas irmãs, quando éramos pequenos e era tempo de irmos para a cama. Chama-se “A Canção dos Sete”. — Limpou a garganta e cantou em voz baixa:

*A face do Pai é severa e forte,
entre o bem e o mal determina um corte.
Pesa a vida, do nascimento à morte,
e adora os seus filhinhos.*

*A Mãe concede a dádiva da vida,
prás esposas é apoio e guarida.
Um sorriso e pra tudo há saída,
e ela ama os seus filhinhos.*

*O Guerreiro enfrenta o inimigo,
e é sempre para todos um abrigo.
Com espada e lança e com arco e espigo,
protege os seus filhinhos.*

*A Velha é tão sabedora e antiga,
que de todos o destino lobriga.
Uma candeia de ouro ergue e liga,
orienta os seus filhinhos.*

*O Ferreiro trabalha noite e dia,
pra devolver ao mundo a harmonia.
Com martelo, arado, fogo e mestria,
constrói para os filhinhos.*

*A Donzela anda p'lo céu a dançar,
vive quando um amante suspirar.
Sorri e as aves aprendem a voar,
e dá sonhos aos filhinhos.*

*Os Sete Deuses que a todos criaram,
sempre ouviram aqueles que os chamaram.
Podeis adormecer, não caireis,
eles vigiam-vos, filhinhos.
Fechai só os olhos, não caireis,
eles vigiam-vos, filhinhos.*

Sam lembrou-se da última vez que cantara a canção com a mãe, para embalar o bebé Dickon. O pai ouvira-lhes as vozes e arremetera pelo quarto adentro, furioso.

— Não quero voltar a ver isto — dissera o Lorde Randyll à mulher num tom duro. — Estragastes um rapaz com essas canções moles de septão, quereis fazer o mesmo a este bebé? — Depois olhara para Sam e dissera: — Vai cantar com as tuas irmãs, se tens mesmo de cantar. Não te quero perto do meu filho.

O bebé de Gilly adormecera. Era uma coisinha tão minúscula e estava tão quieto que Sam temeu por ele. Nem sequer tinha nome. Interrogara Gilly acerca disso, mas ela dissera que dava azar dar nome a uma criança antes de ela fazer dois anos. Eram muitas as que morriam.

Voltou a aconchegar o mamilo dentro das peles.

— Isso foi bonito, Sam. Cantas bem.

— Devas ouvir o Dareon. Tem uma voz doce como hidromel.

— Bebemos o hidromel mais doce que já provei no dia em que Craster fez de mim uma esposa. Nessa altura era Verão, e não estava tanto frio. — Gilly deitou-lhe um olhar de dúvida. — Só cantaste sobre seis deuses? O Craster sempre nos disse que vós, no Sul, tínheis sete.

— Sete — concordou ele — mas ninguém canta sobre o Estranho. — O rosto do Estranho era o rosto da morte. Até falar dele deixava Sam desconfortável. — Devíamos comer qualquer coisa. Uma dentada ou duas.

Nada restava além de algumas morcelas, duras como madeira. Sam serrou algumas fatias finas para ambos. O esforço fez-lhe doer o pulso, mas tinha fome suficiente para persistir. Se se mastigasse as fatias o suficiente, elas amoleciam e sabiam bem. As esposas de Craster condimentavam-nas com alho.

Depois de terminarem, Sam desculpou-se e saiu para se aliviar e cuidar do cavalo. Soprava um vento mordente de norte, e as folhas das árvores

crepitaram-lhe ao passar. Teve de quebrar a fina película de gelo que cobria o ribeiro para que o cavalo pudesse beber. *Era melhor que o levasse para dentro.* Não queria acordar ao romper da aurora e descobrir que o cavalo tinha morrido congelado durante a noite. *Gilly prosseguiria mesmo se isso acontecesse.* A rapariga era muito corajosa, ao contrário dele. Desejou saber o que faria com ela quando regressasse a Castelo Negro. A rapariga andava sempre a dizer que seria sua esposa se ele quisesse, mas os irmãos negros não tinham esposas; e além disso, ele era um Tarly de Monte Chifre, nunca poderia casar com uma selvagem. *Terei de pensar em algo. Desde que chegemos vivos à Muralha, o resto não importa, não importa nem um bocadinho.*

Levar o cavalo até ao casarão foi bastante simples. Fazê-lo atravessar a porta não foi, mas Sam persistiu. Gilly já dormitava quando conseguiu obrigar o garrano a entrar. Prendeu o cavalo a um canto, deitou um pouco de lenha na fogueira, tirou o seu manto pesado e torceu-se para baixo das peles, ao lado da selvagem. O seu manto era suficientemente grande para os cobrir aos três e manter o calor dos seus corpos.

Gilly cheirava a leite, alho e pêlo velho e bolorento, mas já se tinha acostumado a isso. Para Sam, eram cheiros bons. Gostava de dormir ao lado dela. Fazia-o lembrar-se de tempos passados há muito, quando partilhara uma enorme cama em Monte Chifre com duas das irmãs. Aquilo terminara quando o Lorde Randyll decidira que o estava a tornar mole como uma rapariga. *Mas dormir sozinho na minha cela fria não me tornou mais duro ou corajoso.* Perguntou a si próprio o que diria o pai se o visse agora. *Matei um dos Outros, senhor, imaginava-se a dizer. Apunhalei-o com um punhal de obsidiana, e os meus Irmãos Ajuramentados chamam-me agora Sam, o Matador.* Mas mesmo em imaginação, o Lorde Tarly limitava-se a franzir o sobrolho, descrente.

Os sonhos que teve nessa noite foram estranhos. Estava de volta a Monte Chifre, ao castelo, mas o pai não se encontrava presente. O castelo era agora de Sam. Jon Snow estava com ele. O Lorde Mormont, o Velho Urso, também, bem como Grenn, o Edd Doloroso, Pyp e o Sapo e todos os outros Irmãos da Patrulha, mas usavam cores vivas em vez de negro. Sam sentou-se à mesa e banqueteu-os a todos, cortando grossas fatias de um assado com a espada longa do pai, Veneno do Coração. Havia bolos doces para comer e vinho com mel para beber, havia canto e dança, e toda a gente estava aquecida. Quando o banquete terminou, subiu para dormir; não até ao quarto do senhor onde a mãe e o pai viviam, mas para o quarto que outrora partilhara com as irmãs. Só que em vez das irmãs era Gilly quem esperava na enorme cama mole, sem nada vestido a não ser uma grande pele hirsuta, com leite a escorrer-lhe dos seios.

Acordou de súbito, cheio de frio e de terror.

A fogueira reduzira-se a brasas rubras. O próprio ar parecia congelado, de tal maneira o frio era intenso. Ao canto, o garrano relinchava e escoiceava as vigas. Gilly estava sentada ao lado da fogueira, abraçada ao bebê. Sam sentou-se, atordoado, com o hálito a sair em nuvens brancas da sua boca. O salão encontrava-se escuro, cheio de sombras, negras e mais negras ainda. Tinha os pêlos dos braços em pé.

Não é nada, disse a si próprio. *Tenho frio, é só isso.*

Então, junto à porta, uma das sombras moveu-se. Uma sombra grande.

Isto é ainda um sonho, rezou Sam. *Oh, fazei com que eu continue a dormir, fazei com que isto seja um pesadelo. Ele está morto, ele está morto, eu vi-o morrer.*

— Ele veio buscar o bebê — chorou Gilly. — Sente-lhe o cheiro. Um bebê recém-nascido fede a vida. Ele veio buscar a vida.

A enorme silhueta escura curvou-se sob o lintel, entrou no salão e aproximou-se deles arrastando os pés. À luz ténue da fogueira, a sombra transformou-se no Paul Pequeno.

— Vai-te embora — coaxou Sam. — Não te queremos aqui.

As mãos de Paul eram carvão, o seu rosto leite, os olhos brilhavam com um azul amargo. Geada encanecia-lhe a barba, e sobre um ombro empoleirava-se um corvo, debicando-lhe o rosto, comendo a carne morta e branca. A bexiga de Sam largou-se, e sentiu o calor que lhe corria pelas pernas abaixo.

— Gilly, acalma o cavalo e leva-o lá para fora. Faz o que te digo.

— Tu... — começou ela.

— Eu tenho a faca. O punhal de vidro de dragão. — Puxou por ele às apalpadelas enquanto se punha em pé. Dera a primeira faca a Grenn, mas felizmente lembrara-se de trazer o punhal do Lorde Mormont antes de fugir da Fortaleza de Craster. Agarrou-o bem, afastando-se da fogueira, afastando-se de Gilly e do bebê. — Paul? — Pretendera soar bravo, mas a palavra saíra como um guincho. — Paul Pequeno. Reconheces-me? Sou o Sam, o gordo Sam, Sam o Assustado, salvaste-me na floresta. Transportaste-me quando não consegui dar nem mais um passo. Ninguém mais poderia ter feito isso, mas tu fizeste. — Sam recuou, de faca na mão, fungando. *Sou um covarde tão grande.* — Não nos faças mal, Paul. Por favor. Porque haverias de nos querer fazer mal?

Gilly pôs-se a gatinhar, de costas, pelo chão de terra batida. A criatura virou a cabeça para a ver, mas Sam gritou “NÃO!”, e o outro voltou a virar-se. O corvo no seu ombro arrancou-lhe uma tira de carne da bochecha pálida e arruinada. Sam ergueu o punhal à sua frente, respirando como um fole de ferreiro. Do outro lado do salão, Gilly chegou junto do garrano. *Deuses,*

dai-me coragem, rezou Sam. *Por uma vez, dai-me um pouco de coragem. Só durante tempo suficiente para ela sair.*

O Paul Pequeno dirigiu-se a ele. Sam recuou até se encostar a uma rude parede de troncos. Agarrou o punhal com ambas as mãos para o manter firme. A criatura não pareceu temer o vidro de dragão. Talvez não soubesse o que era. Movia-se lentamente, mas o Paul Pequeno nunca fora rápido, mesmo em vida. Atrás dele, Gilly murmurou para acalmar o garrao e tentar levá-lo a dirigir-se para a porta. Mas o cavalo deve ter sentido um pouco do odor estranho e frio da criatura. De súbito recuou, empinando-se, golpeando com os cascos o ar glacial. Paul girou na direcção do som, e pareceu perder todo o interesse em Sam.

Não houve tempo para pensar, rezar ou ter medo. Samwell Tarly atirou-se em frente e mergulhou o punhal nas costas do Paul Pequeno. Meio virada, a criatura não chegou a vê-lo. O corvo soltou um guincho e levantou voo.

— *Estás morto!* — gritou Sam enquanto apunhalava. — *Estás morto, estás morto.* — Apunhalava e gritava, uma vez, e outra, e outra, rasgando enormes buracos no pesado manto negro de Paul. Cacos de vidro de dragão voaram por todo o lado quando a lâmina se estilhaçou na malha de ferro por baixo da lã.

O gemido de Sam criou uma névoa branca no ar negro. Deixou cair o cabo agora inútil e deu um passo apressado para trás enquanto o Paul Pequeno se virava. Antes de conseguir puxar pela outra faca, a faca de aço que todos os Irmãos usavam, as mãos negras da criatura fecharam-se sob os seus queixos. Os dedos de Paul estavam tão frios que pareciam queimar. Enterraram-se profundamente na carne mole da garganta de Sam. *Foge, Gilly, foge*, quis gritar, mas quando abriu a boca, apenas surgiu um ruído afogado.

Os seus dedos atropalhados finalmente encontraram o punhal, mas quando o empurrou contra a barriga da criatura, a ponta resvalou nos elos de ferro, e a lâmina saltou a rodopiar da mão de Sam. Os dedos de Paul apertaram inexoravelmente, e começaram a torcer. *Ele vai arrancar-me a cabeça*, pensou Sam em desespero. Sentia a garganta gelada, tinha os pulmões em fogo. Esmurrou e puxou os pulsos da criatura, inutilmente. O mundo reduziu-se a duas estrelas azuis, a uma terrível dor esmagadora e a um frio tão forte que as lágrimas congelaram sobre os seus olhos. Sam torceu-se e puxou-se, desesperado... e então inclinou-se para a frente.

O Paul Pequeno era grande e poderoso, mas Sam ainda pesava mais do que ele, e as criaturas eram desajeitadas, ele vira-o no Punho. A súbita mudança de equilíbrio levou Paul a dar um passo cambaleante para trás, e o homem vivo e o morto estatelaram-se juntos. O impacto arrancou uma

mão da garganta de Sam, e este conseguiu encher rapidamente os pulmões de ar antes que os dedos gelados e negros regressassem. O sabor do sangue encheu-lhe a boca. Torceu o pescoço, em busca da faca, e viu um ténue clarão cor-de-laranja. *A fogueira!* Só restavam brasas e cinzas, mas mesmo assim... não conseguia respirar, nem pensar... Sam contorceu-se para o lado, puxando Paul consigo... os seus braços malharam no chão de terra, às apalpadelas, esticando-se, espalhando as cinzas, até por fim encontrarem algo quente... um bocado de madeira carbonizada, em brasa vermelha e cor-de-laranja dentro da parte negra... os dedos fecharam-se em volta dela e enfiou-a na boca de Paul, com tanta força que sentiu os dentes a partir-se.

Mas mesmo assim, o apertar da criatura não fraquejou. Os últimos pensamentos de Sam dirigiram-se à mãe que o amara e ao pai que desiludira. O salão já girava à sua volta quando viu o fio de fumo que se erguia de entre os dentes quebrados de Paul. Então a cara do morto rebentou em chamas, e as mãos afastaram-se.

Sam bebeu o ar, e rolou debilmente para longe. A criatura ardia, com geada a escorrer, pingando, da sua barba enquanto a pele, por baixo, enegrecia. Sam ouviu o corvo guinchar, mas Paul não soltou um som. Quando a boca se abriu, só saíram chamas. E os seus olhos... *Desapareceu, o brilho azul desapareceu.*

Arrastou-se para a porta. O ar estava tão frio que respirar doía, mas era uma dor tão boa e doce. Baixou-se para sair do salão.

— Gilly? — chamou. — Gilly, matei-o. Gil...

Ela estava em pé, de costas encostadas ao represeiro, com o menino nos braços. As criaturas rodeavam-na. Eram uma dúzia, uma vintena, mais... algumas tinham em tempos sido selvagens, e ainda usavam peles... mas eram mais as que tinham sido Irmãos de Sam. Viu Lark, o homem das Irmãs, o Pé-Leve, Ryles. O quisto no pescoço de Chett estava negro, e as borbulhas estavam cobertas por uma fina película de gelo. E aquele parecia-se com Hake, embora fosse difícil ter a certeza com metade da cabeça em falta. Tinham desfeito o pobre garrano, e estavam a arrancar-lhe as entranhas com mãos que pingavam vermelho. Vapor esbranquiçado erguia-se-lhe da barriga.

Sam soltou um gemido.

— Não é justo...

"Justo." O corvo pousou no seu ombro. *"Justo, justo, justo."* Bateu as asas e acompanhou o grito de Gilly. As criaturas estavam quase em cima dela. Sam ouviu as folhas vermelhas-escuras do represeiro a restolhar, sussurrando umas para as outras numa língua que não conhecia. A própria luz das estrelas parecia agitar-se, e a toda a volta deles as árvores gemiam e estalavam. Sam Tarly tomou a cor do leite coalhado, e os seus olhos esbu-

galharam-se. *Corvos!* Estavam no represeiro, às centenas, aos milhares, empoleirados em ramos brancos como ossos, espreitando através das folhas. Viu os seus bicos abrirem-se quando gritaram, viu-os abrirem as suas asas negras. Guinchando, batendo as asas, caíram sobre as criaturas em nuvens furiosas. Um enxame deles rodeou a cara de Chett e lançou-lhe bicadas aos olhos azuis, cobriram o homem das Irmãs como moscas, arrancaram bocados de carne crua de dentro da cabeça desfeita de Hake. Havia tantos que, quando Sam olhou para cima, não conseguiu ver a Lua.

“*Vai*”, disse a ave que se empoleirava no seu ombro. “*Vai, vai, vai*”

Sam correu, com nuvenzinhas de geada a explodir da sua boca. A toda a volta, as criaturas brandiam os braços contra as asas negras e bicos aguçados que as atacavam, caindo num silêncio arrepiante sem soltar um grunhido ou um grito. Mas os corvos ignoravam Sam. Pegou na mão de Gilly e puxou-a para longe do represeiro.

— Temos de ir.

— Mas para onde? — Gilly apressou-se a segui-lo, trazendo o bebé.
— Eles mataram o cavalo, como vamos nós...

— *Irmão!* — O grito trespassou a noite, trespassou os guinchos de um milhar de corvos. Sob as árvores, um homem, envolto da cabeça aos pés numa confusão de negros e cinzentos, montava um alce. — *Aqui* — gritou o cavaleiro. Um capuz engolia-lhe o rosto.

Ele veste negro. Sam empurrou Gilly na direcção do homem. O alce era enorme, um alce gigante, com três metros de altura no garrote, e com um par de hastes que tinham quase outros tantos metros de largura. O animal caiu de joelhos para lhes permitir montar.

— Agarra — disse o cavaleiro, estendendo para baixo uma mão enluvada para puxar Gilly para trás de si. Então foi a vez de Sam.

— Muito obrigado — bufou. Só quando agarrou a mão que lhe era oferecida se apercebeu de que o cavaleiro não usava luvas. A mão era negra e fria, com dedos duros como pedra.

Quando atingiram o topo do espinhaço e viram o rio, Sandor Clegane puxou as rédeas com força e praguejou.

A chuva caía de um céu negro de ferro, espicaçando a torrente verde e castanha com dez mil espadas. *Deve ter uma milha de largura*, pensou Arya. As copas de meia centena de árvores projectavam-se das águas rodopiantes, com ramos que se tentavam agarrar ao céu como os braços de homens arrastados pela corrente. Espessos tapetes de folhas encharcadas afogavam a margem, e mais para o interior do canal vislumbrou algo de claro e inchado, um veado ou talvez um cavalo morto, deslocando-se rapidamente para jusante. E também se ouvia um som, um rumor surdo no limite da audição, como o som que um cão solta logo antes de rosar.

Arya contorceu-se na sela e sentiu os elos da cota de malha do Cão de Caça a enterrar-se nas suas costas. Os braços dele rodeavam-na; no esquerdo, no braço queimado, colocara um braçal de aço para o proteger, mas vira-o a mudar as ligaduras e o braço por baixo continuava em carne viva e cheio de pus. Mas se as queimaduras o magoavam, Sandor Clegane não o mostrava.

— Isto é a Torrente da Água Negra? — Tinham cavalgado tanto pela chuva e na escuridão, através de bosques sem trilhos e aldeias sem nome, que Arya perdera toda a noção de onde se encontravam.

— É um rio que temos de atravessar, isso é tudo o que tu precisas de saber. — Clegane respondia-lhe de vez em quando, mas prevenira-a para não lhe dar troco. Dera-lhe um monte de conselhos naquele primeiro dia. — Da próxima vez que me bateres, ato-te as mãos atrás das costas — dissera. — Da próxima vez que tentes fugir, ato-te os pés um ao outro. Chora, grita ou volta a morder-me, e amordaço-te. Podemos seguir montados atrás um do outro, ou posso-te atirar para a garupa do cavalo, enfeixada como uma porca a caminho da matança. Quem escolhe és tu.

Ela escolhera ir montada, mas da primeira vez que tinham acampado esperara até julgar que ele dormia e arranjava uma grande pedra irregular para lhe esmagar a cabeça. *Silenciosa como uma sombra*, dissera a si própria enquanto se aproximava dele, pé ante pé, mas o silêncio não fora suficiente. Afinal, o Cão de Caça não estava a dormir. Ou talvez tivesse acordado. Fosse como fosse, os olhos abriram-se-lhe, a boca torceu-se e tirou-lhe a

pedra como se ela fosse um bebé. A única coisa que conseguiu fazer foi pontapeá-lo.

— Por esta passa — dissera ele quando atirara a pedra para o meio dos arbustos. — Mas se fores suficientemente estúpida para voltar a tentar, magoo-te.

— Porque é que não me *matas*, como fizeste com o Mycah? — gritara-lhe Arya. Nessa altura ainda estava desafiadora, mais zangada do que assustada.

Ele respondera-lhe agarrando na parte da frente da sua túnica e punhando-a até ficar encostada à sua cara queimada.

— Da próxima vez que disseres esse nome, dou-te uma sova tão grande que vais *desejar* que te tivesse matado.

Depois disso enrolava-a na manta do cavalo todas as noites quando ia dormir, e atava-lhe cordas em volta da parte de cima e da parte de baixo do corpo, deixando-a tão bem atada como se fosse um bebé enfaixado.

Tem de ser a Água Negra, decidiu Arya enquanto observava a chuva a vergastar o rio. O Cão de Caça era o cão de Joffrey; estava a levá-la de volta para a Fortaleza Vermelha, para a entregar a Joffrey e à rainha. Desejou que o Sol surgisse para poder ver em que direcção seguiam. Quanto mais olhava para o musgo nas árvores, mais confusa ficava. *A Água Negra não era tão larga em Porto Real, mas isso foi antes das chuvas.*

— Os vaus vão estar todos impossíveis — disse Sandor Clegane — e também não me apetece tentar atravessar a nado.

Não há maneira de atravessar, pensou ela. *O Lorde Beric vai apanhar-nos de certeza.* Clegane forçara bastante o seu grande garanhão negro, voltando três vezes para trás, a fim de despistar os perseguidores, chegando até uma vez a avançar ao longo de meia milha pelo centro de um ribeiro em cheia... mas Arya ainda esperava ver os foras-da-lei sempre que olhava para trás. Tentara ajudá-los arranhando o nome nos troncos de árvores quando ia para o meio dos arbustos verter águas, mas da quarta vez que o fizera, ele apanhara-a, e pusera fim à tentativa. *Não importa*, dissera Arya a si própria, *Thoros encontrar-me-á nas suas chamas.* Só que não o tinha feito. Ainda não, pelo menos, e depois de atravessarem o rio...

— A vila de Harroway não deve estar longe — disse o Cão de Caça. — Onde o Lorde Roote alberga o cavalo de água de duas cabeças do Velho Rei Andahar. Talvez atravessemos nele.

Arya nunca ouvira falar do Velho Rei Andahar. Também nunca vira um cavalo com duas cabeças, particularmente um que fosse capaz de correr sobre água, mas sabia que não era boa ideia fazer perguntas. Controlou a língua e ficou rígida sobre a sela enquanto o Cão de Caça virava a cabeça do garanhão e trotava ao longo do espinhaço, seguindo o rio para jusante.

Pelo menos, naquela direcção tinham a chuva nas costas. Já se fartara de ter a chuva a picar-lhe os olhos, deixando-a quase cega, e a correr-lhe pelo rosto como se estivesse a chorar. *Os lobos nunca choram*, voltou a lembrar a si própria.

Não podia passar muito do meio-dia, mas o céu estava escuro como no ocaso. Arya já perdera a conta aos dias em que não viam o Sol. Estava ensopada até aos ossos, esfolada pela sela, tinha o nariz entupido e sentia-se dorida. Também tinha febre, e por vezes tremia descontroladamente, mas quando dissera ao Cão de Caça que estava doente, ele limitara-se a rosnar-lhe.

— Limpa o nariz e fecha a boca — dissera-lhe. Ele passava agora metade do tempo a dormir na sela, confiando que o garanhão seguisse o caminho rural sulcado ou o trilho de caça em que se encontrassem. O cavalo era um corcel pesado, quase tão grande como um cavalo de batalha mas muito mais rápido. O Cão de Caça chamava-lhe *Estranho*. Arya tentara roubá-lo uma vez, no momento em que Clegane urinava contra uma árvore, pensando que talvez conseguisse afastar-se antes de ele a apanhar. O Estranho quase lhe arrancara a cara à dentada. Era gentil como um velho castrado com o dono, mas com outras pessoas tinha um temperamento tão negro como o pêlo. Nunca vira um cavalo tão lesto a morder ou a escoicear.

Seguiram ao lado do rio durante horas, passando a vau dois afluentes lamacentos antes de chegarem ao lugar de que Sandor Clegane falara.

— A Vila de Lorde Harroway — dissera, e depois, quando a vira: — *Sete infernos!* — A vila estava submersa e desolada. As águas da enchente tinham galgado as margens do rio. Tudo o que restava da vila de Harroway era o andar superior de uma estalagem de taipa, a cúpula de sete lados de um septo afundado, dois terços de uma torre redonda de pedra, alguns telhados de colmo bolorentos e uma floresta de chaminés.

Mas Arya viu que saía fumo da torre, e um barco largo de fundo achatado encontrava-se bem amarrado por baixo de uma janela em arco. O barco tinha uma dúzia de toletes e um par de grandes esculturas de cabeças de cavalo, montadas à proa e à popa. *O cavalo de duas cabeças*, compreendeu. Havia uma casa de madeira com telhado de turfa mesmo no meio do convés, e quando o Cão de Caça pôs as mãos à volta da boca e gritou, dois homens precipitaram-se para fora. Um terceiro surgiu na janela da torre, trazendo uma besta engatilhada.

— *Que quereis?* — gritou por sobre as rodopiantes águas castanhas.

— *Leva-nos para o outro lado* — gritou o Cão de Caça em resposta.

Os homens no barco conferenciaram um com o outro. Um deles, um homem grisalho com braços fortes e costas arqueadas, aproximou-se da amurada.

— *Vai custar-vos dinheiro.*

— *Então pagarei.*

Com o quê?, perguntou Arya a si própria. Os foras-da-lei tinham levado o ouro de Clegane, mas talvez o Lorde Beric lhe tivesse deixado alguma prata e cobre. Uma travessia de barco não devia custar mais do que alguns cobres...

Os barqueiros estavam de novo a conversar. Por fim, o das costas arqueadas virou-se e soltou um grito. Surgiram mais seis homens, puxando capuzes para cima das cabeças para se protegerem da chuva. Mais ainda torceram-se para fora da janela da torre e saltaram para o convés. Metade deles eram suficientemente parecidos com o homem corcovado para serem da sua família. Alguns desataram as correntes e pegaram em longas varas, enquanto os outros encaixaram pesados remos de lâmina larga nos toletes. O barco girou sobre si próprio e começou a aproximar-se lentamente dos baixios, com os remos a bater regularmente na água de ambos os lados. Sandor Clegane desceu a colina para ir ao seu encontro.

Quando a ré do barco colidiu com a encosta da colina, os barqueiros abriram uma porta larga que havia por baixo da cabeça esculpida do cavalo, e estenderam uma pesada prancha de carvalho. O Estranho fez uma negaça à borda de água, mas o Cão de Caça enterrou os calcanhares no flanco do corcel e incitou-o a subir a prancha. O homem corcovado esperava-os no convés.

— Está suficiente humidade para vós, sor? — perguntou, sorrindo.

A boca do Cão de Caça torceu-se.

— Preciso do teu barco, não das tuas gracinhas. — Desmontou, e puxou Arya para baixo. Um dos barqueiros estendeu a mão para o freio do Estranho. — Eu não fazia isso — disse Clegane, no momento em que o cavalo escoiceava. O homem saltou para trás, escorregou no convés tornado traiçoeiro pela chuva, e estatelou-se sobre o traseiro, praguejando.

O barqueiro com as costas arqueadas já não estava a sorrir.

— Podemos levar-vos para o outro lado — disse ele num tom irritado. — Irá custar-vos uma peça de ouro. Outra pelo cavalo. Uma terceira pelo rapaz.

— Três dragões? — Clegane latiu uma gargalhada. — Por três dragões devia tornar-me dono da porcaria do barco.

— No ano passado, talvez vos tornásseis. Mas com este rio, vou precisar de mãos extra nas varas e nos remos só para tratar de não sermos arrastados cem milhas até ao mar. As vossas opções são estas. Três dragões, ou então ensinar esse vosso cavalo infernal a caminhar sobre a água.

— Gosto de um salteador honesto. Que seja como pretendes. Três dragões... quando nos puseres a salvo na margem norte.

— Quero-os agora, senão não vamos. — O homem apresentou uma mão grossa e cheia de calos, com a palma para cima.

Clegane sacudiu a espada para que a lâmina se soltasse dentro da bainha.

— Aqui tens as *tuas* opções. Ouro na margem norte, ou aço na margem Sul.

O barqueiro ergueu os olhos para a cara do Cão de Caça. Arya observou que o homem não gostou do que aí viu. Tinha uma dúzia de homens atrás de si, homens fortes com remos e varas de madeira dura nas mãos, mas nenhum deles estava a acorrer para o ajudar. Juntos, poderiam dominar Sandor Clegane, embora ele provavelmente matasse três ou quatro antes de o derrubarem.

— Como é que eu sei que tendes o dinheiro? — perguntou o corcovado após um momento.

Não tem, quis ela gritar. Em vez disso, mordeu o lábio.

— Honra de cavaleiro — disse o Cão de Caça, sem sorrir.

Ele nem sequer é um cavaleiro. Também não o disse.

— Serve. — O barqueiro cuspiu. — Então vinde, podemos levar-vos para a outra margem antes de escurecer. Amarrai o cavalo, não o quero espantado quando estivermos a caminho. Há um braseiro na cabina se vós e o vosso filho vos quiserdes aquecer.

— *Não sou o estúpido filho dele!* — disse Arya, furiosa. Aquilo ainda era pior do que ser confundida com um rapaz. Estava tão zangada que lhes poderia ter dito quem *realmente* era, mas Sandor Clegane agarrou-lhe pela parte de trás do colarinho e ergueu-a do convés só com uma mão.

— Quantas vezes tenho de te dizer para *fechares a merda dessa boca?* — Abanou-a com tanta força que os dentes castanholaram, e depois deixou-a cair. — Vai lá para dentro e seca-te, como o homem disse.

Arya fez o que lhe foi ordenado. O grande braseiro de ferro brilhava, vermelho, enchendo a sala com um calor carregado e sufocante. Era agradável estar junto a ele, aquecer as mãos e secar um pouco, mas assim que sentiu o convés mover-se debaixo dos pés, voltou a deslizar pela porta da frente.

O cavalo de duas cabeças deslocava-se lentamente pelos baixios, abrindo caminho por entre as chaminés e os telhados da submersa Harroway. Uma dúzia de homens afadigava-se aos remos, enquanto outros quatro usavam as longas varas para empurrar o barco sempre que se aproximassem de uma pedra, uma árvore ou uma casa afundada. O homem corcovado manejava o leme. A chuva tamborilava nas tábuas lisas do convés e ressaltava nas grandes cabeças de cavalo esculpidas da proa e da popa. Arya estava de novo a ficar ensopada, mas não se importava. Queria ver. Viu que

o homem com a besta ainda se encontrava à janela da torre. Os seus olhos seguiram-na enquanto o barco deslizava por baixo. Perguntou a si própria se seria ele o tal Lorde Roote que o Cão de Caça mencionara. *Não se parece muito com um senhor.* Mas a verdade era que ela também não se parecia muito com uma senhora.

Depois de estarem fora da vila e no rio propriamente dito, a corrente ficou muito mais forte. Através da neblina cinzenta da chuva, Arya conseguiu distinguir um alto pilar de pedra na outra margem, que certamente assinalava o cais para o barco, mas assim que o vira, compreendeu que estavam a ser empurrados para longe dele, para jusante. Os remadores estavam agora a remar com mais vigor, lutando contra a fúria do rio. Folhas e ramos partidos passaram pelo barco a rodopiar, tão depressa como se tivessem sido disparados de uma balista. Os homens das varas inclinavam-se para fora e empurravam para longe qualquer coisa que se aproximasse demasiado. Ali também fazia mais vento. Sempre que se virava para olhar para montante, Arya ficava com a cara cheia de chuva soprada pelo vento. O Estranho relinchava e escoiceava enquanto o convés se movia por baixo das suas patas.

Se eu saltasse borda fora, o rio levar-me-ia antes mesmo de o Cão de Caça dar pela minha falta. Olhou para trás por sobre um ombro, e viu Sandor Clegane a lutar com o cavalo assustado, tentando acalmá-lo. Nunca teria uma oportunidade melhor de se ver livre dele. *Mas podia afogar-me.* Jon costumava dizer que ela nadava como um peixe, mas até um peixe podia sentir problemas naquele rio. Mesmo assim, o afogamento podia ser melhor do que Porto Real. Pensou em Joffrey e aproximou-se lentamente da proa. O rio estava de um castanho-escuro devido à lama e era açoitado pela chuva, parecendo-se mais com sopa do que com água. Arya perguntou a si própria se a água estaria muito fria. *Não posso ficar muito mais molhada do que estou agora.* Pousou uma mão na amurada.

Mas um súbito grito fê-la voltar a cabeça antes de ter tempo de saltar. Os barqueiros corriam em frente, de varas na mão. Por um momento, não compreendeu o que estava a acontecer. Então viu: uma árvore desenraizada, enorme e escura, que vinha direita a eles. Um emaranhado de raízes e ramos projectava-se da água como os braços estendidos de uma grande lula gigante. Os remadores remavam freneticamente para trás, tentando evitar uma colisão que poderia voltar o barco ou abrir-lhes um rombo no casco. O velho virara o leme por completo, e o cavalo da proa estava a virar para jusante, mas muito devagar. Cintilando em castanho e negro, a árvore corria para eles como um ariete.

Não podia estar a mais de três metros da proa quando dois dos barqueiros lograram encostar-lhe as suas longas varas. Uma partiu-se, e o lon-

go *craaac* do estilhaçamento fez com que parecesse que o barco se estava a desfazer por baixo deles. Mas o segundo homem conseguiu dar um forte empurrão ao tronco, apenas o suficiente para o afastar. A árvore passou a grande velocidade pelo barco, separada apenas por centímetros, com os ramos a arranhar a cabeça de cavalo como se fossem garras. No momento em que pareciam estar a salvo, um dos ramos superiores do monstro deu-lhes uma pancada de raspão. O barco pareceu estremecer, e Arya escorregou, aterrando dolorosamente sobre um joelho. O homem com a vara partida não teve tanta sorte. Arya ouviu-o gritar quando tropeçou na amurada. Depois, as furiosas águas castanhas fecharam-se sobre ele, e o barqueiro desapareceu no tempo que Arya demorou a voltar a pôr-se em pé. Um dos outros homens pegou num rolo de corda, mas não havia ninguém a quem atirá-la.

Talvez vá dar a algum sítio, mais abaixo, tentou Arya dizer a si própria, mas o pensamento soava a oco. Perdera todo o desejo de ir nadar. Quando Sandor Clegane lhe gritou para voltar para dentro antes que lhe desse uma surra, obedeceu docilmente. Nessa altura, o barco lutava por voltar à rota, contra um rio que só desejava levá-lo para o mar.

Quando por fim acostaram, foi a um bom par de milhas a jusante do embarcadouro habitual. O barco bateu com tanta força na margem que outra vara se partiu, e Arya quase se desequilibrou mais uma vez. Sandor Clegane pô-la ao dorso do Estranho como se não fosse mais pesada do que uma boneca. Os barqueiros fitaram-nos com olhos baços e exaustos, todos menos o corcovado, que estendeu a mão.

— Seis dragões — exigiu. — Três pela passagem, e três pelo homem que perdi.

Sandor Clegane esquadrinhou a bolsa e atirou para a palma da mão do homem um maço amarrotado de pergaminho.

— Toma. Fica com dez.

— Dez? — O barqueiro estava confuso. — O que é isto agora?

— Uma nota de um morto, que vale nove mil dragões, ou por aí. — O Cão de Caça saltou para a sela atrás de Arya e fez um sorriso desagradável ao homem. — Dez são teus. Um dia voltarei para vir buscar o resto, por isso vê lá se não te pões a gastá-lo.

O homem semicerrou os olhos para o pergaminho.

— Escrita. De que vale a escrita? Prometestes ouro. Honra de cavaleiro, dissestes.

— Os cavaleiros não têm honra nenhuma. Já é tempo que aprendas isso, velho. — O Cão de Caça esporeou o Estranho e afastou-se a galope através da chuva. Os barqueiros atiraram pragas às suas costas, e um ou dois arremessaram pedras. Clegane ignorou quer as pedras quer as pala-

vas, e pouco tempo depois estavam perdidos na sombra das árvores, com o rio reduzido a um rugido minguinte atrás deles. — O barco não voltará a atravessar até amanhã — disse — e aqueles tipos não aceitarão promessas de papel dos próximos palermas que aparecerem. Se os teus amigos vierem atrás de nós, vão ter de ser uns nadadores fortes como o raio.

Arya encolheu-se e ficou calada. *Valar morghulis*, pensou, de mau humor. *Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei. Dunsen, Polliver, Raff, o Querido, Sor Gregor e o Cócegas. E o Cão de Caça, o Cão de Caça, o Cão de Caça.*

Quando a chuva parou e as nuvens se abriram, estava a tremer e a espirrar tanto que Clegane fez alto para a noite e até tentou acender uma fogueira. Mas a madeira que reuniram revelou-se demasiado molhada. Nada que fizesse era suficiente para que a centelha pegasse. Por fim, desfez o monte de lenha ao pontapé, irritado.

— Sete malditos infernos — praguejou. — Detesto fogueiras.

Sentaram-se em pedras molhadas por baixo de um carvalho, escutando o lento bater de água que pingava das folhas enquanto comiam um jantar frio de pão duro, queijo bolorento e salsicha fumada. O Cão de Caça cortava a carne com o punhal, e semicerrou os olhos quando apanhou Arya a olhar para a faca.

— Nem penses nisso.

— Não estava a pensar — mentiu ela.

Ele fungou, para mostrar o que pensava daquilo, mas deu-lhe uma grossa fatia de salsicha. Arya pôs-se a roê-la, observando-o enquanto comia.

— Nunca bati na tua irmã — disse o Cão de Caça. — Mas a ti bato, se me lewares a isso. Pára de tentar pensar em maneiras de me matar. Nenhuma te servirá de alguma coisa.

Ela nada tinha a responder àquilo. Continuou a roer a salsicha e fitou-o friamente. *Dura como pedra*, pensou.

— Ao menos olhas para a minha cara. Lá isso admito, pequena loba. Gostas dela?

— Não. Está toda queimada e é feia.

Clegane ofereceu-lhe um bocado de queijo com a ponta do punhal.

— És uma palerminha. De que te servia se *conseguisses* fugir? Acabas só por ser apanhada por alguém pior.

— Não acabava *nada* — insistiu ela. — Não há ninguém pior.

— Não conhecestes o meu irmão. Gregor uma vez matou um homem por rressonar. Um dos seus próprios homens. — Quando sorriu, o lado queimado da cara retesou-se, torcendo-lhe a boca de uma maneira estranha e desagradável. Ele não tinha lábios desse lado, e a orelha não passava de um resto.

— Conheci o teu irmão, sim senhor. — A Montanha talvez fosse pior, agora que Arya pensava nisso. — Conheci-o a ele e a Dunsen, Polliver, Raff, o Querido, e ao Cócegas.

O Cão de Caça pareceu surpreendido.

— E como é que a preciosa filhinha de Ned Stark se arranjou para conhecer gente como essa? Gregor nunca traz as suas ratazanas de estimação à corte.

— Conheço-os da aldeia. — Comeu o queijo, e estendeu a mão para um naco de pão duro. — A aldeia junto ao lago onde nos apanharam, ao Gendry, a mim e ao Tarte Quente. Também apanharam o Lommy Mãos-Verdes, mas Raff, o Querido, matou-o porque tinha a perna ferida.

A boca de Clegane torceu-se.

— Apanhou-te? O meu irmão *apanhou-te*? — Isso fê-lo rir, um som amargo, em parte trovão, em parte rosnido. — O Gregor nunca soube o que tinha nas mãos, pois não? Não podia ter sabido, senão tinha-te arrastado, a espernear e aos gritos, para Porto Real, e tinha-te despejado no colo de Cersei. Oh, que maravilha. Não me posso esquecer de lhe dizer, antes de lhe arrancar o coração.

Não era a primeira vez que ele falava de matar a Montanha.

— Mas ele é teu irmão — disse Arya, num tom hesitante.

— Nunca tiveste um irmão que quisesses matar? — Voltou a rir-se. — Ou talvez uma irmã? — Então deve ter visto qualquer coisa na sua cara, porque se debruçou para mais perto. — Sansa. É isso, não é? A loba quer matar o passarinho.

— Não — cuspiu-lhe Arya em resposta. — Quero matar-te a ti.

— Porque cortei ao meio o teu amiguinho? Matei muitos mais do que ele, garanto. Achas que isso faz de mim um monstro qualquer. Bem, se calhar faz, mas também salvei a vida da tua irmã. No dia em que a turba a puxou de cima do cavalo, abri caminho pelo meio deles à espadeirada e trouxe-a de volta ao castelo. Se não, tinham-lhe dado o mesmo que deram à Lollys Stokeworth. E cantou para mim. Não sabias disso, pois não? A tua irmã cantou-me uma cançãozinha doce.

— Estás a mentir — disse ela de imediato.

— Não sabes nem metade do que julgas que sabes. A *Água Negra*? Onde, com os sete infernos, julgas tu que nós estamos? Para onde achas tu que vamos?

O escárnio na voz dele fê-la hesitar.

— De volta a Porto Real — disse. — Vais levar-me a Joffrey e à rainha. — De repente, só pelo modo como ele colocava as questões, compreendeu que se enganava. Mas tinha de dizer qualquer coisa.

— Lobinha estúpida e cega. — A voz dele era áspera e dura como um

raspar de ferro. — Que se lixe o Joffrey, que se lixe a rainha, e que se lixe aquela gargulazinha retorcida a que ela chama irmão. Estou farto da cidade deles, farto da sua Guarda Real, farto de Lannisters. O que faz um cão com leões, pergunto-te? — Estendeu a mão para o odre da água e bebeu um longo trago. Enquanto limpava a boca, ofereceu o odre a Arya e disse: — O rio era o Tridente, rapariga. O *Tridente*, não a Água Negra. Faz o mapa na cabeça, se fores capaz. Amanhã devemos chegar à Estrada de Rei. Havemos de avançar a bom ritmo depois disso, direitinhos às Gémeas. Vou ser eu quem te há-de entregar àquela tua mãe. Não o nobre senhor do relâmpago ou a fraude flamejante daquele sacerdote, o monstro. — Sorriu ao ver a expressão do seu rosto. — Achas que os teus amigos fora-da-lei são os únicos capazes de farejar um resgate? O Dondarrion ficou-me com o ouro, portanto eu fiquei contigo. Diria que vales o dobro daquilo que me roubaram. Talvez até valesse mais se te vendesse de volta aos Lannister, como temes, mas não o farei. Até um cão se farta de levar pontapés. Se este Jovem Lobo tiver a esperteza que os deuses concederam a um sapo, há-de fazer de mim fidalgo e há-de suplicar-me para entrar ao seu serviço. Ele *precisa* de mim, embora possa não o saber ainda. Talvez chegue mesmo a matar Gregor em seu nome, ele havia de gostar.

— Ele nunca te aceitará — cuspiu ela em resposta. — *A ti não.*

— Nesse caso, aceito tanto ouro quanto consiga carregar, rio-me na sua cara e vou-me embora. Se ele não me aceitar, seria esperto se me matasse, mas não o fará. É demasiado filho do seu pai, segundo tenho ouvido dizer. Por mim tudo bem. Seja como for, quem ganha sou eu. E tu também, loba. Portanto pára de choramingar e de me responder torto, que eu estou farto. Mantém a boca fechada e faz o que te disser, e talvez até cheguemos a tempo do maldito casamento do teu tio.

A égua estava estoirada, mas Jon não podia dar-lhe descanso. Tinha de chegar à Muralha antes do Magnar. Teria dormido na sela se tivesse uma sela; à falta de tal coisa, já era suficientemente difícil manter-se montado enquanto desperto. A perna ferida doía-lhe cada vez mais. Não se atrevia a descansar o tempo suficiente para permitir que sarasse. Em vez disso, reabria a ferida sempre que montava.

Quando chegou ao topo de uma elevação e viu os sulcos castanhos da Estrada de Rei à sua frente, abrindo o seu caminho sinuoso para norte através de montes e planícies, deu palmadinhas no pescoço da égua e disse:

— Agora tudo o que temos de fazer é seguir a estrada, rapariga. Em breve chegaremos à Muralha. — Por essa altura, a perna já se lhe tornara rígida como madeira, e a febre pusera-lhe a cabeça tão leve que dera por si por duas vezes a cavalgar na direcção errada.

Em breve chegaremos à Muralha. Imaginava os amigos a beber vinho temperado na sala comum. Hobb andaria de volta das suas panelas, Donal Noye estaria na sua forja, o Mestre Aemon nos seus aposentos sob a colónia dos corvos. *E o Velho Urso? Sam, Grenn, o Edd Doloroso, Dywen com os seus dentes de madeira...* Jon só podia rezar para que alguns deles tivessem escapado do Punho.

Ygritte também andava muito nos seus pensamentos. Recordava o cheiro do seu cabelo, o calor do seu corpo... e a expressão no seu rosto no momento em que cortava a garganta ao velho. *Fizeste mal em amá-la,* sussurrava uma voz. *Fizeste mal em deixá-la,* insistia uma voz diferente. Perguntava a si próprio se o pai também se sentira assim dilacerado, quando deixara a mãe de Jon para regressar para junto da Senhora Catelyn. *Estava ajuramentado à Senhora Stark, e eu estou ajuramentado à Patrulha da Noite.*

Quando atravessou a Vila Toupeira, estava a tal ponto febril que quase não se apercebeu de onde se encontrava. A maior parte da aldeia escondia-se no subsolo, com não mais de uma mão-cheia de pequenas cabanas à vista, à luz do quarto minguento. O bordel era um casinhoto não maior do que uma latrina, com uma lanterna vermelha a ranger ao vento, um olho injectado de sangue a espreitar o negrume. Jon desmontou no estábulo anexo, quase caindo do cavalo enquanto acordava dois rapazes com um grito.

— Preciso de uma montada fresca, com sela e arreios — disse-lhes,

num tom que não admitia discussões. Trouxeram-lhe o que pediu; e também um odre de vinho e meia fatia de pão castanho. — Acordai a aldeia — disse-lhes. — Preveni-os. Há selvagens a Sul da Muralha. Juntai os vossos bens e dirigi-vos para Castelo Negro. — Içou-se para o dorso do castrado negro que lhe deram, cerrando os dentes devido às dores que a perna lhe causava, e cavalgou rapidamente para norte.

À medida que as estrelas começavam a desvanecer-se no céu oriental, a Muralha foi surgindo à sua frente, erguendo-se acima das árvores e nas névoas da manhã. O luar cintilava, pálido, no gelo. Incentivou o castrado a avançar, seguindo a estrada lamacenta e escorregadia até ver as torres de pedra e edifícios de madeira de Castelo Negro, aninhados como brinquedos partidos sob a grande falésia de gelo. Nessa altura a Muralha brilhava em tons de rosa e púrpura com a primeira luz da alvorada.

Nenhuma sentinela o desafiou ao passar pelos edifícios exteriores. Ninguém surgiu para lhe barrar o caminho. Castelo Negro parecia tanto uma ruína como Guardagrís. Ervas daninhas, castanhas e quebradiças, cresciam entre fendas nas pedras dos pátios. Neve antiga cobria o telhado da Caserna de Pederneira, e encostava-se, em montículos empurrados pelo vento, ao lado norte da Torre de Hardin, onde Jon costumara dormir antes de ser nomeado intendente do Velho Urso. Dedos de fuligem manchavam a Torre do Senhor Comandante, nos locais onde o fumo jorrara das janelas. Mormont mudara-se para a Torre do Rei após o incêndio, mas Jon também não viu luzes aí. Do chão não podia dizer se haveria sentinelas a patrulhar a Muralha duzentos metros mais acima, mas não viu ninguém na enorme escada em ziguezague que trepava a face sul do gelo como se fosse um enorme relâmpago de madeira.

Mas erguia-se fumo da chaminé do armeiro; só um fiapo, quase invisível contra o céu cinzento do Norte, mas era o bastante. Jon desmontou e coxeou para lá. Jorrava calor da porta aberta como se fosse o hálito quente do Verão. Lá dentro, Donal Noye manejava só com um braço os seus foles junto ao fogo. Ergueu o olhar ao ouvir barulho.

— Jon Snow?

— Ele próprio. — Apesar da febre, da exaustão, da perna, do Magnar, do velho, de Ygritte, de Mance, apesar de tudo, Jon sorriu. Era bom estar de volta, era bom ver Noye com a sua grande barriga e a manga arregaçada, com o queixo eriçado de curtos pêlos negros.

O ferreiro largou os foles.

— A tua cara...

Quase se esquecera da cara.

— Um troca-peles tentou arrancar-me o olho.

Noye franziu o sobrolho.

— Marcada ou lisa, é uma cara que eu pensava não voltar a ver. Ouvimos dizer que te tinhas passado para Mance Rayder.

Jon agarrou-se à porta para se manter em pé.

— Quem vos disse isso?

— Jarman Buckwell. Ele regressou há uma quinzena. Os seus batedores dizem que te viram com os seus próprios olhos, a acompanhar a coluna dos selvagens com um manto de pele de ovelha sobre os ombros. — Noye observou-o. — Vejo que a última parte é verdade.

— É tudo verdade — confessou Jon. — Até aí, pelo menos.

— Nesse caso devia pegar numa espada para te esventrar?

— Não. Estava a agir sob ordens. A última ordem de Qhorin Meia-Mão. Noye, onde está a guarnição?

— A defender a Muralha contra os teus amigos selvagens.

— Sim, mas *onde*?

— Por todo o lado. Harma Cabeça-de-Cão foi visto em Atalaiabosque da Lagoa, o Lorigão de Chocalho no Monte Longo, o Chorão perto de Marcagelo. Ao longo de toda a Muralha... estão aqui, estão ali, estão a escalar perto do Portão da Rainha, estão a atacar os portões de Guardagris, estão a reunir-se para atacar Atalaialeste... mas um vislumbre de um manto negro e desaparecem. No dia seguinte, estão noutra sítio qualquer.

Jon engoliu um gemido.

— Simulações. Mance quer-nos muito espalhados, não vês? — *E Bowen Marsh fez-lhe a vontade.* — O portão está aqui. O ataque será aqui.

Noye atravessou a sala.

— Tens a perna ensopada de sangue.

Jon olhou para baixo, entorpecido. Era verdade. A ferida voltara a abrir.

— Um ferimento de seta...

— Uma seta de selvagem. — Não era uma pergunta. Noye só tinha um braço, mas o que tinha era grosso e cheio de músculo. Enfiou-o sob o de Jon para ajudar a suportá-lo. — Estás branco como leite, e a ferver. Vou levar-te a Aemon.

— Não há tempo para isso. Há selvagens a *Sul* da Muralha, subindo de Corodarrainha para abrir o portão.

— Quantos? — Noye quase carregou Jon pela porta fora.

— Cento e vinte, e bem armados para selvagens. Armaduras de bronze, alguns bocados de aço. Quantos homens restam aqui?

— Quarenta e tal — disse Donal Noye. — Os aleijados e os enfermos, e alguns rapazes verdes ainda em treino.

— Se Marsh partiu, quem foi que nomeou como castelão?

O armeiro soltou uma gargalhada.

— Sor Wynton, que os deuses o protejam. O último cavaleiro no castelo, e tal. O problema é que o Stout parece ter-se esquecido e ninguém parece ter pressa de lho lembrar. Suponho que eu sou o melhor que temos agora como comandante. O mais feroz dos aleijados.

Pelo menos isso era bom. O armeiro maneta era obstinado, duro e bem experimentado na guerra. Sor Wynton Stout, por outro lado... bem, ele fora em tempos um bom homem, todos concordavam, mas passara oitenta anos como patrulheiro e tanto as forças como os miolos tinham-lhe fugido. Uma vez adormecera ao jantar e quase se afogara numa tigela de sopa de ervilhas.

— Onde está o teu lobo? — perguntou Noye enquanto atravessavam o pátio.

— O Fantasma. Tive de o abandonar quando escalei a Muralha. Tinha esperança que ele tivesse conseguido chegar cá.

— Lamento, moço. Não houve sinal dele. — Coxearam até à porta do Mestre, no longo edifício de madeira sob a colónia de corvos. O armeiro deu-lhe um pontapé. — *Clydas!*

Após um momento, um homenzinho curvado, de ombros redondos e vestido de negro espreitou para fora. Os seus pequenos olhos cor-de-rosa esbugalharam-se ao ver Jon.

— Deita o moço, eu vou buscar o Mestre.

Ardia um fogo na lareira, e a sala estava quase abafada. O calor deixou Jon sonolento. Assim que Noye o deitou de costas, fechou os olhos para fazer com que o mundo parasse de girar. Ouvia os corvos a *quorcar* e a protestar, na colónia, por cima da sua cabeça. “*Snow*”, estava uma ave a dizer. “*Snow, snow, snow*”. Jon lembrou-se que aquilo fora obra de Sam. Perguntou a si próprio se Samwell Tarly teria chegado a casa em segurança, ou se tinham sido apenas as aves a fazê-lo.

O Mestre Aemon não demorou a chegar. Deslocava-se lentamente, com uma mão manchada apoiada ao braço de Clydas, enquanto avançava com pequenos passos cautelosos. Em volta do seu pescoço fino, a corrente pendia pesadamente, com os elos de ouro e prata a cintilar entre o ferro, chumbo, estanho e outros metais menos nobres.

— Jon Snow — disse ele —, tens de me contar tudo o que viste e fizeste quando estiveres mais forte. Donal, põe uma chaleira de vinho ao lume e os meus ferros também. Vou querê-los em brasa. Clydas, vou precisar daquela tua faca boa e afiada. — O Mestre tinha mais de cem anos; era minguido, frágil, calvo e bem cego. Mas se os seus olhos leitosos nada viam, a sua mente era ainda tão aguçada como sempre fora.

— Há selvagens a caminho — disse-lhe Jon, enquanto Clydas lhe abria as bragas com uma faca, cortando o pesado pano negro, incrustado

de sangue velho e empapado de novo. — Vindos do Sul. Nós escalámos a Muralha...

O Mestre Aemon cheirou a ligadura improvisada de Jon quando Clydas a cortou.

— Nós?

— Eu acompanhava-os. Qhorin Meia-Mão ordenou-me que me juntasse a eles. — Jon estremeceu quando o dedo do Mestre explorou o seu ferimento, espetando e aguilhoando. — O Magnar de Thenn... *aaaaaah*, isso dói. — Cerrou os dentes. — Onde está o Velho Urso?

— Jon... dói-me dizê-lo, mas o Senhor Comandante Mormont foi assassinado na Fortaleza de Craster, às mãos dos seus Irmãos Ajuramentados.

— Irm... *os nossos próprios homens?* — As palavras de Aemon doeram cem vezes mais do que os seus dedos. Jon recordou o Velho Urso como o vira pela última vez, em pé perante a sua tenda com o corvo no braço a crocitar, pedindo milho. *Mormont desaparecido?* Temera-o desde que vira o resultado da batalha no Punho, mas o golpe não era menor por isso. — Quem foi? Quem é que se virou contra ele?

— O Garth de Vilavelha, o Ollo Mão-Cortada, o Adaga... ladrões, cobardes e assassinos, todos eles. Devíamos ter previsto que isso iria acontecer. A Patrulha não é o que já foi. Há homens honestos a menos para manter os patifes na linha. — Donal Noye virou as lâminas do Mestre no fogo. — Uma dúzia de homens leais conseguiu voltar. O Edd Doloroso, o Gigante, o teu amigo Auroque. Soubemos da história por eles.

Só uma dúzia? Tinham saído duzentos homens de Castelo Negro com o Senhor Comandante Mormont, duzentos dos melhores homens da Patrulha.

— Isso quer então dizer que Marsh é o Senhor Comandante? — A Velha Romã era amigável, e um diligente Primeiro Intendente, mas era completamente desadequado para enfrentar uma hoste de selvagens.

— Por enquanto, até organizarmos uma eleição — disse o Mestre Aemon. — Clydas, traz-me o frasco.

Uma eleição. Com Qhorin Meia-Mão e Sor Jaremy Rykker mortos e Ben Stark ainda desaparecido, quem restava? Nem Bowen Marsh, nem Sor Wynton Stout, isso era certo. Teria Thoren Smallwood sobrevivido ao Punho, ou Sor Ottyn Wythers? *Não, será Cotter Pyke ou Sor Denys Mallister.* Mas qual? Os comandantes da Torre das Sombras e de Atalaiaeste eram bons homens, mas muito diferentes; Sor Denys era cortês e cauteloso, tão cavalheiresco como idoso, Pyke era mais jovem, de nascimento bastardo, de língua rude e excessivamente ousado. Pior, os dois homens desprezavam-se mutuamente. O Velho Urso sempre os mantivera afastados, nas extremida-

des opostas da Muralha. Jon sabia que os Mallister possuíam uma desconfiança congénita relativamente aos homens de ferro.

Uma punhalada de dor fez-lhe lembrar os seus próprios infortúnios. O Mestre apertou-lhe a mão.

— Clydas foi buscar leite da papoila.

Jon tentou erguer-se.

— Não preciso...

— Precisas — disse Aemon com firmeza. — Isto vai doer.

Donal Noye atravessou a sala e obrigou Jon a voltar a deitar-se.

— Fica quieto, senão amarro-te. — Mesmo só com um braço, o ferreiro controlava-o como se fosse uma criança. Clydas regressou com um frasco verde e uma taça arredondada de pedra. O Mestre Aemon encheu-a.

— Bebe isto.

Jon mordera o lábio. Sentiu o sabor do sangue misturado com o da grossa poção branca. Quase vomitou.

Clydas trouxe uma bacia de água quente, e o Mestre Aemon lavou-lhe o pus e sangue do ferimento. Por gentil que fosse, até o toque mais leve fazia com que Jon quisesse gritar.

— Os homens do Magnar são disciplinados, e têm armaduras de bronze — disse-lhes. Falar ajudava a manter a mente afastada da perna.

— O Magnar é um senhor em Skagos — disse Noye. — Havia skagositas em Atalaialeste quando cheguei à Muralha, lembro-me de os ouvir a falar dele.

— O Jon está a usar a palavra no seu sentido mais antigo, julgo eu — disse o Mestre Aemon — não como nome de família mas como título. Deriva do Idioma Antigo.

— Significa senhor — concordou Jon. — Styr é o Magnar de um sítio qualquer chamado Thenn, na extremidade norte dos Colmilhos de Gelo. Tem uma centena dos seus homens, e uma vintena de corsários que conhecem a Dádiva quase tão bem como nós. Mas Mance nunca chegou a encontrar o corno, isso vale de alguma coisa. O Corno do Inverno. Era disso que ele andava à procura nas escavações que fez nas nascentes do Guadeleite.

O Mestre Aemon fez uma pausa, com o pano da lavagem na mão.

— O Corno do Inverno é uma lenda antiga. O Rei-para-lá-da-Muralha realmente acredita que tal coisa existe?

— Todos acreditam — disse Jon. — A Ygritte disse que abriram uma centena de tumbas... tumbas de reis e heróis, ao longo de todo o vale do Guadeleite, mas não chegaram...

— Quem é a Ygritte? — perguntou Donal Noye sem rodeios.

— Uma mulher do povo livre. — Como poderia explicar-lhes Ygritte? *Ela é quente, esperta e engraçada, e tanto pode beijar um homem como rasgar-lhe*

a goela. — Ela está com Styr, mas não é... é jovem, só uma rapariga, na verdade, selvagem, mas ela... — *Ela matou um velho por fazer uma fogueira.* Sentiu a língua inchada e desajeitada. O leite da papoila estava a enublar-lhe os pensamentos. — Quebrei os meus votos com ela. Não o queria fazer, mas... — *Foi errado. Foi errado amá-la, foi errado deixá-la...* — Não fui suficientemente forte. O Meia-Mão ordenou-me, cavalga com eles, observa, não posso vacilar, eu... — Sentia a cabeça como se estivesse recheada de lã molhada.

O Mestre Aemon voltou a cheirar o ferimento de Jon. Então voltou a pôr o pano ensanguentado na bacia e disse:

— Donal, a faca quente, por favor. Vou precisar que o mantenha imóvel.

Não gritarei, disse Jon a si próprio quando viu a lâmina a brilhar, rubra. Mas também quebrou esse voto. Donal Noye segurou-o enquanto Clydas ajudava a guiar a mão do Mestre. Jon não se mexeu, salvo para esmurrar a mesa, uma e outra e outra vez. A dor foi tão enormemente violenta que se sentiu pequeno, fraco e impotente dentro dela, uma criança a choramingar no escuro. *Ygritte*, pensou, quando o fedor da carne queimada lhe subiu ao nariz e o som do seu próprio berro lhe ecoou nos ouvidos. *Ygritte, tive de o fazer.* Durante meio segundo, a agonia começou a diminuir. Mas então o ferro voltou a tocá-lo e ele desmaiou.

Quando as pálpebras se lhe abriram, estremecendo, estava envolto em lãs espessas e flutuava. Parecia não ser capaz de se mover, mas não importava. Durante algum tempo, sonhou que *Ygritte* se encontrava consigo, a cuidar dele com mãos suaves. Por fim, fechou os olhos e adormeceu.

A segunda vez que acordou não foi tão branda. O quarto estava escuro, mas sob as mantas a dor regressara, um latejar na perna que se transformava numa faca quente ao menor movimento. Jon ficou a sabê-lo da pior maneira quando tentou ver se ainda tinha a perna. Arquejando, engoliu um grito e voltou a cerrar o punho.

— Jon? — Uma vela surgiu, e uma cara de que se recordava bem estava a olhá-lo, com orelhas grandes e tudo. — Não devias mexer-te.

— Pyp? — Jon estendeu a mão para cima, e o outro rapaz apertou-lha. — Pensava que tinhas ido...

— ...com a Velha Romã? Não, ele acha que eu sou demasiado pequeno e verde. O Grenn também está aqui.

— Também estou aqui. — Grenn aproximou-se do outro lado da cama. — Deixei-me dormir.

Jon tinha a garganta seca.

— Água — arquejou. Grenn trouxe-lha, e levou-lha aos lábios. — Eu vi o Punho — disse depois de beber um longo trago. — O sangue, e os ca-

valos mortos... Noye disse que uma dúzia de homens conseguiu voltar... quem?

— O Dywen conseguiu. O Gigante, o Edd Doloroso, o Doce Donnel Hill, Ulmer, o Lew Mão Esquerda, o Garth Pena-Cinza. Mais quatro ou cinco. Eu.

— Sam?

Grenn afastou o olhar.

— Ele matou um dos Outros, Jon. Eu vi. Apunhalou-o com aquela faca de vidro de dragão que lhe fizeste, e começámos a chamar-lhe Sam, o Matador. Ele detestava.

Sam, o Matador. Jon dificilmente conseguiria imaginar um guerreiro menos provável do que Sam Tarly.

— Que lhe aconteceu?

— Abandonámo-lo. — Grenn soava infeliz. — Abanei-o e gritei-lhe, até lhe dei um estalo na cara. O Gigante tentou puxar por ele para o pôr em pé, mas ele era demasiado pesado. Lembras-te como ele se costumava enrolar no chão durante o treino, e ficar ali a choramingar? Na Fortaleza de Craster nem sequer choramingava. O Adaga e o Ollo andavam a desfazer as paredes à procura de comida, o Garth e o Garth lutavam, alguns dos outros violavam as mulheres de Craster. O Edd Doloroso achou que o grupo do Adaga ia matar todos os homens leais para evitar que contassem o que eles tinham feito, e eram dois para cada um de nós. Abandonámos Sam com o Velho Urso. Ele não se queria *mexer*, Jon.

Eras seu irmão, quase disse. Como pudeste abandoná-lo no meio de selvagens e assassinos?

— Ele pode ainda estar vivo — disse Pyp. — Pode pregar-nos a todos uma surpresa e chegar aí amanhã a cavalo.

— Com a cabeça do Mance Rayder, pois. — Jon via que Grenn estava a tentar parecer alegre. — Sam, o Matador!

Jon voltou a tentar sentar-se. Foi um erro tão grande como da primeira vez. Gritou, praguejando.

— Grenn, vai acordar o Mestre Aemon — disse Pyp. — Diz-lhe que o Jon precisa de mais leite da papoila.

Sim, pensou Jon.

— Não — disse. — O Magnar...

— Nós sabemos — disse Pyp. — As sentinelas na Muralha receberam ordens para manter um olho virado para Sul, e Donal Noye despachou alguns homens para o Espinhaço do Tempo, para vigiar a Estrada de Rei. O Mestre Aemon também enviou aves para Atalaiaeste e a Torre Sombria.

O Mestre Aemon aproximou-se da cama, com uma mão no ombro de Grenn.

— Jon, sê brando contigo. É bom que tenhas acordado, mas tens de dar a ti próprio tempo para sarar. Afogámos o ferimento em vinho a ferver, e fechámo-lo com um cataplasma de urtigas, sementes de mostarda e pão bolorento, mas se não descansares...

— Não posso. — Jon lutou contra a dor para se sentar. — Mance estará aqui em breve... milhares de homens, gigantes, mamutes... já foi enviada a notícia a Winterfell? Ao rei? — Suor pingou-lhe da testa. Fechou os olhos por um momento.

Grenn dirigiu a Pyp um olhar estranho.

— Ele não sabe.

— Jon — disse o Mestre Aemon —, aconteceram muitas coisas enquanto estiveste longe, e poucas foram boas. Balon Greyjoy voltou a coroar-se e mandou os seus dracares contra o Norte. Brotam reis de todos os lados como ervas daninhas, e enviámos apelos a todos eles, mas nenhum virá. Têm usos mais prementes para as suas espadas, e nós estamos longe e esquecidos. E Winterfell... Jon, sê forte... Winterfell já não existe.

— Não existe? — Jon fitou os olhos brancos e a cara enrugada de Aemon. — Os meus irmãos estão em Winterfell. Bran e Rickon...

O Mestre tocou-lhe a testa.

— Lamento tanto, Jon. Os teus irmãos morreram às ordens de Theon Greyjoy, depois de tomar Winterfell em nome do pai. Quando os vassallos do teu pai ameaçaram retomar o castelo, ele entregou-o às chamas.

— Os teus irmãos foram vingados — disse Grenn. — O filho de Bolton matou todos os homens de ferro, e diz-se que está a esfolar Theon Greyjoy centímetro a centímetro pelo que fez.

— Lamento, Jon. — Pyp apertou-lhe o ombro. — Todos lamentamos.

Jon nunca gostara de Theon Greyjoy, mas ele fora protegido do pai. Outro espasmo de dor atacou-lhe a perna e sem saber como viu-se de novo deitado sobre as costas.

— Há algum engano — insistiu. — Em Corodarrainha vi um lobo gigante, um lobo gigante *cinzento*... cinzento... *ele reconheceu-me*. — Se Bran estava morto, poderia uma parte dele sobreviver no seu lobo, tal como Orell vivia no interior da sua águia?

— Bebe isto. — Grenn levou-lhe uma taça aos lábios. Jon bebeu. Tinha a cabeça cheia de lobos e águias e do som dos risos dos irmãos. As caras em volta dele começaram a misturar-se e a desvanecer-se. *Eles não podem estar mortos. Theon nunca faria isso. E Winterfell... granito cinzento, carvalho e ferro, corvos a voar em volta das torres, vapor a erguer-se das lagoas quentes no bosque sagrado, os reis de pedra sentados nos seus tronos... como podia Winterfell ter desaparecido?*

Quando os sonhos o dominaram, deu por si de novo de volta a casa, a chapinhar nas lagoas quentes sob um enorme repeseiro branco que tinha a cara do pai. Ygritte acompanhava-o, rindo-se dele, desembaraçando-se das peles até ficar nua como no dia do seu nome, tentando beijá-lo, mas ele não podia fazê-lo, com o pai a observar, não. Ele era do sangue de Winterfell, um homem da Patrulha da Noite. *Não gerarei um bastardo*, disse-lhe. *Não o farei. Não o farei.*

— Não sabes nada, Jon Snow — sussurrou ela, com a pele a dissolver-se na água quente, e a carne a desprender-se dos ossos até que só restaram o crânio e o esqueleto, e a lagoa borbulhava, espessa e rubra.

CATELYN

Ouviram o Ramo Verde antes de o verem, um sussurro incessante, como o rugido de um grande animal qualquer. O rio era uma torrente fervente, com uma largura vez e meia superior à que tivera no ano anterior, quando Robb dividira o exército ali e jurara tomar uma Frey como noiva, como preço a pagar pela travessia. *Precisava então de Lorde Walder e da sua ponte, e precisa ainda mais deles agora.* O coração de Catelyn estava cheio de desconfianças enquanto observava as escuras águas verdes que passavam por ela a rodopiar. *Não há maneira de vadearmos isto, ou de atravessarmos a nado, e pode passar-se uma volta de Lua até que estas águas voltem a baixar.*

Quando se aproximaram das Gémeas, Robb colocou a coroa e chamou Catelyn e Edmure para cavalgarem a seu lado. Sor Raynald Westerling levava o seu estandarte, o lobo gigante de Stark sobre o seu fundo branco de gelo.

As torres da casa do portão emergiram da chuva como fantasmas, aparições cinzentas e brumosas que iam ficando mais sólidas à medida que se aproximavam. A fortaleza Frey não era um castelo mas sim dois; imagens ao espelho de pedra húmida, erguidas dos lados opostos da água, ligadas por uma grande ponte em arco. No centro dessa ponte erguia-se a Torre da Água, com o rio a correr por baixo, a direito e rápido. Tinham sido abertos canais nas margens, para formar fossos que transformavam cada uma das gémeas numa ilha. As chuvas tinham transformado os fossos em lagos pouco profundos.

Do outro lado das águas turbulentas, Catelyn conseguia ver vários milhares de homens acampados em volta do castelo oriental, com estandartes que pendiam, como outros tantos gatos afogados, das lanças à porta das suas tendas. A chuva tornava impossível distinguir cores e símbolos. A maioria era cinzenta, parecia-lhe, se bem que sob aquele tipo de céu, todo o mundo parecesse cinzento.

— Pisa aqui com cautela, Robb — disse, acautelando o filho. — O Lorde Walder tem uma pele fina e uma língua aguçada, e alguns destes seus filhos deverão sem dúvida ter saído ao pai. Não podes deixar que te provoquem.

— Eu conheço os Frey, mãe. Sei o quanto os desfeiteei, e até que ponto *necessito* deles. Serei doce como um septão.

Catelyn mexeu-se desconfortavelmente na sela.

— Se nos forem oferecidos refrescos à chegada, não recuses sob nenhum pretexto. Aceita o que for oferecido, e come e bebe onde todos possam ver. Se nada for oferecido, pede pão, queijo e uma taça de vinho.

— Estou mais molhado do que faminto...

— Robb, *escuta-me*. Depois de comeres do seu pão e sal, tens os direitos do hóspede, e as leis da hospitalidade protegem-te sob o telhado dele.

Robb pareceu mais divertido do que assustado.

— Tenho um exército para me proteger, mãe, não preciso de confiar em pão e sal. Mas se aprover ao Lorde Walder servir-me corvo guisado recheado de larvas, comê-lo-ei e pedirei uma segunda tigela.

Quatro Frey saíram a cavalo da casa do portão ocidental, envoltos em pesados mantos e espessa lã cinzenta. Catelyn reconheceu Sor Ryman, filho do falecido Sor Stevron, o primogénito do Lorde Walder. Com o pai morto, Ryman era herdeiro das Gémeas. O rosto que viu por baixo do seu capuz era carnudo, largo e estúpido. Os outros três eram provavelmente filhos dele, bisnetos do Lorde Walder.

Edmure confirmou essa suposição.

— Edwyn é o mais velho, o homem pálido e esguio com cara de prisão de ventre. O duro com a barba é o Walder Negro, um tipo bem desagradável. Petyr vem no baio, é o rapaz com a cara destroçada. Os irmãos chamam-lhe Petyr Borbulha. Só é um ano ou dois mais velho do que Robb, mas o Lorde Walder casou-o aos dez anos com uma mulher com o triplo da sua idade. Deuses, espero que Roslin não se pareça com *ele*.

Pararam para permitir que os anfitriões viessem ter com eles. O estandarte de Robb pendia do seu mastro, e o som constante da chuva misturava-se com o estrondo do Ramo Verde em enchente, à direita. Vento Cinzento avançou ligeiramente, de cauda rígida, a observar através de olhos rasgados de um dourado-escuro. Quando os Frey se aproximaram até meia dúzia de metros, Catelyn ouviu-o rosnar, um ribombar profundo que parecia quase unir-se à fúria do rio. Robb pareceu alarmado.

— Vento Cinzento, a mim. A *mim!*

Mas o lobo gigante saltou em frente, rosnando.

O palafrem de Sor Ryman recuou com um relincho de medo, e o de Petyr Borbulha empinou-se e derrubou-o. Só o Walder Negro manteve a montada sob controlo. Estendeu a mão para o cabo da espada.

— *Não!* — estava Robb a gritar. — Vento Cinzento, aqui. *Aqui.* — Catelyn esporeou e interpôs-se entre o lobo gigante e os outros cavalos. Lama jorrou dos cascos da sua égua quando cortou o caminho ao Vento Cinzento. O lobo desviou-se, e só então pareceu ouvir os chamamentos de Robb.

— É assim que um Stark faz as pazes? — gritou o Walder Negro, com

aço nu na mão. — Parece-me pobre saudação mandar o vosso lobo contra nós. Foi para isto que viestes?

Sor Ryman desmontara para ajudar o Petyr Borbulha a pôr-se em pé. O rapaz estava enlameado, mas não se ferira.

— Vim pedir perdão pela desfeita que fiz à vossa Casa, e para assistir ao casamento do meu tio. — Robb saltou da sua sela. — Petyr, levei o meu cavalo. O vosso já quase que chegou ao estábulo.

Petyr olhou para o pai e disse:

— Posso seguir atrás de um dos meus irmãos.

Os Frey não mostraram qualquer sinal de reverência.

— Chegais tarde — declarou Sor Ryman.

— As chuvas atrasaram-nos — disse Robb. — Enviei uma ave.

— Não vejo a mulher.

Por *a mulher*, Sor Ryman referia-se a Jeyne Westerling, e todos o sabiam. A Senhora Catelyn sorriu com uma expressão apologética.

— A Rainha Jeyne estava fatigada após tantas viagens, senhores. Sem dúvida que ficará feliz por vir de visita quando os tempos estiverem mais estáveis.

— O meu avô ficará descontente. — Embora o Walder Negro tivesse embainhado a espada, o tom de voz não era mais amigável. — Falei-lhe muito da senhora, e ele desejava contemplá-la com os seus próprios olhos.

Edwyn limpou a garganta.

— Temos aposentos preparados para vós na Torre da Água, Vossa Graça — disse a Robb com uma cortesia cuidadosa — bem como para o Lorde Tully e a Senhora Stark. Os senhores vossos vassallos também são convidados a abrigar-se sob o nosso tecto e a participar no banquete de casamento.

— E os meus homens? — perguntou Robb.

— O senhor meu avô lamenta não poder alimentar ou albergar uma hoste tão grande. Temos sentido grandes dificuldades para encontrar forragem e mantimentos para os nossos próprios recrutas. Apesar disso, os vossos homens não serão negligenciados. Se atravessarem e montarem o acampamento junto do nosso, levaremos barris de vinho e cerveja em quantidade suficiente para que todos bebam à saúde do Lorde Edmure e da sua noiva. Erguemos três grandes tendas para banquetes na outra margem, para lhes dar algum abrigo das chuvas.

— O senhor vosso pai é muito gentil. Os meus homens agradecer-lhe-ão. Tiveram uma longa e húmida viagem.

Edmure Tully fez avançar o cavalo.

— Quando conhecerei a minha prometida?

— Ela espera-vos lá dentro — prometeu Edwyn Frey. — Eu sei que lhe ireis perdoar se parecer tímida. Tem esperado este dia quase com ansie-

dade, pobre donzela. Mas talvez devamos prosseguir a conversa fora desta chuva?

— Certamente. — Sor Ryman voltou a montar, puxando Petyr Borbulha para trás de si. — Se quiserdes seguir-me, o meu pai espera. — Virou a cabeça do palafrém na direcção das Gémeas.

Edmure pôs-se ao lado de Catelyn.

— O Atrasado Lorde Frey podia ter achado por bem ter-nos vindo receber em pessoa — protestou. — Eu sou o seu suserano e o seu futuro genro, e Robb é o seu rei.

— Quando tiveres noventa e um anos, irmão, verás a vontade que tens de andar a cavalo pela chuva. — Mas perguntou a si própria se aquilo seria a verdade inteira. O Lorde Walder deslocava-se normalmente numa liteira coberta, que teria mantido a maior parte da chuva afastada. *Uma desfeita deliberada?* Se fosse, podia ser a primeira de muitas outras ainda por vir.

Houve mais problemas na casa do portão. Vento Cinzento recusou-se a avançar a meio da ponte levadiça, sacudiu a chuva do pêlo e uivou à porta levadiça. Robb assobiou impacientemente.

— Vento Cinzento. Que se passa? Vento Cinzento, comigo. — Mas o lobo gigante limitou-se a descobrir os dentes. *Ele não gosta deste lugar*, pensou Catelyn. Robb teve de se agachar e falar calmamente ao lobo antes de o animal consentir em passar sob a porta levadiça. Por essa altura já o Lothar Coxo e Walder Rivers se tinham aproximado.

— O que ele teme é o som da água — disse Rivers. — Os animais sabem que devem evitar o rio em cheia.

— Um canil seco e uma perna de carneiro vão pô-lo de novo bom — disse alegremente Lothar. — Deverei chamar o nosso mestre dos cães?

— Ele é um lobo gigante, não um cão — disse Robb — e é perigoso para os homens que não conhece. Sor Raynald, ficai com ele. Não o levarei neste estado para o salão do Lorde Walder.

Foi hábil, decidiu Catelyn. Robb mantém também o Westerling longe da vista do Lorde Walder.

A gota e os ossos quebradiços tinham cobrado o seu preço ao velho Walder Frey. Foram encontrá-lo apoiado no seu cadeirão com uma almofada por baixo e uma veste de arminho sobre as pernas. A cadeira era de carvalho negro, com o espaldar esculpido por forma a assemelhar-se a duas robustas torres, unidas por uma ponte em arco, tão maciças que o seu abraço transformava o velho numa grotesca criança. Havia algo de abutre no Lorde Walder, e bastante mais de doninha. A sua cabeça calva, manchada pela idade, projectava-se dos ombros descarnados no topo de um longo pescoço cor-de-rosa. Pele solta pendia sob o seu queixo recuado, os olhos

eram remelosos e enevoados, e a boca desdentada movia-se constantemente, sugando o ar vazio como um bebê suga o seio da mãe.

A oitava Senhora Frey estava em pé ao lado do cadeirão do Lorde Walder. Aos seus pés sentava-se uma versão algo mais nova de si próprio, um homem corcovado e magro de cinquenta anos, cujo traje dispendioso de lã azul e cetim cinzento era estranhamente realçado por uma coroa e colar ornamentados por minúsculos guizos de latão. A semelhança entre ele e o seu senhor era notável, excepto nos olhos; os do Lorde Walder eram pequenos, sombrios e suspicazes, os do outro grandes, amigáveis e vagos. Catelyn lembrou-se de que um dos filhos do Lorde Walder fora pai de um idiota muitos anos antes. Durante visitas anteriores, o Senhor da Travessia tivera sempre o cuidado de esconder aquele neto. *Terá ele usado sempre uma coroa de bobo, ou terá sido isto pensado como forma de troçar de Robb?* Era uma pergunta que não se atrevia a fazer.

Filhos, filhas, netos, maridos, esposas e criados Frey atulhavam o resto do salão. Mas foi o velho que falou.

— Perdoar-me-eis por não me ajoelhar, eu sei. As minhas pernas já não funcionam como outrora, embora aquilo que pende entre elas trabalhe bastante bem, *heh*. — A boca abriu-se-lhe num sorriso desdentado enquanto examinava a coroa de Robb. — Alguns diriam que o rei que se coroa com bronze é um pobre rei, Vossa Graça.

— O bronze e o ferro são mais fortes do que o ouro e a prata — respondeu Robb. — Os antigos Reis do Inverno usavam uma coroa de espadas como esta.

— De pouco lhes serviu quando os dragões chegaram. *Heh*. — Aquelle *heh* pareceu agradar ao idiota, que balançou a cabeça de um lado para o outro, fazendo tilintar a coroa e o colar. — Senhor — disse o Lorde Walder —, perdoai o barulho do meu Aegon. Ele tem menos miolos do que um cranogmano, e nunca tinha conhecido um rei. É um dos rapazes de Stevron. Chamamos-lhe Guizo.

— O Sor Stevron falou dele, senhor. — Robb sorriu para o idiota. — Prazer em conhecer-vos Aegon. O vosso pai era um homem corajoso.

O Guizo fez soar os guizos. Uma fina linha de cuspo escorreu-lhe de um canto da boca quando sorriu.

— Poupai o vosso real fôlego. Falar com ele é como falar com um pe-nico. — O Lorde Walder transferiu o olhar para os outros. — Bem, Senhora Catelyn, vejo que regressastes até nós. E o jovem Sor Edmure, o vencedor do Moinho de Pedra. Agora o Lorde Tully, terei de me lembrar disso. Sois o quinto Lorde Tully que conheço. Sobrevivi aos outros quatro, *heh*. A vossa noiva anda por aqui, algures. Suponho que quereis dar-lhe uma vista de olhos.

— Gostaria, senhor.

— Então dareis. Mas vestida. Ela é uma rapariga modesta, e donzela. Não a vereis nua até à noite de núpcias. — O Lorde Walder cacarejou. — *Heh*. Em breve, em breve. — Virou a cabeça. — Benfrey, vai buscar a tua irmã. E despacha-te, o Lorde Tully percorreu todo o caminho desde Correrrio. — Um jovem cavaleiro com um sobretudo esquartelado fez uma vénia e retirou-se, e o velho voltou a virar-se para Robb. — E onde está a *vossa* noiva, *Vossa Graça*? A bela Rainha Jeyne. Uma Westerling do Despenhadeiro, segundo me dizem, *heh*.

— Deixei-a em Correrrio, senhor. Ela estava demasiado cansada para mais viagens, conforme expliquei a Sor Ryman.

— Isso deixa-me muito triste. Queria contemplá-la com os meus próprios e fracos olhos. Todos queríamos, *heh*. Não é verdade, minha senhora?

A pálida e delgada Senhora Frey pareceu sobressaltada por lhe ter sido solicitado que falasse.

— S-sim, senhor. Todos nós desejávamos muito prestar homenagem à Rainha Jeyne. Deve ser bela.

— É muito bela, senhora. — Havia uma quietude gelada na voz de Robb que recordou a Catelyn o pai.

Ou o velho não a ouviu ou recusou-se a prestar-lhe atenção.

— Mais bela do que a minha descendência, *heh*? De outro modo, como teria o seu rosto e formas levado a *Graça Real* a esquecer a sua promessa solene?

Robb suportou a censura com dignidade.

— Não há palavras que possam compensar esse facto, bem sei, mas vim dar satisfações pela desfeita que fiz à *vossa Casa*, e suplicar o vosso perdão, senhor.

— Satisfações, *heh*. Sim, jurastes dar satisfação, eu lembro-me. Sou velho, mas não me esqueço dessas coisas. Ao contrário de certos reis, ao que parece. Os jovens não se lembram de nada quando vêem uma cara bonita e um belo e firme par de mamas, não é? Eu era igual. Alguns poderão dizer que ainda sou, *heh heh*. Estariam errados, porém, tão errados como vós. Mas agora aqui estais para fazer as pazes. No entanto, foram as minhas raparigas que desprezastes. Talvez sejam elas quem deve ouvir-vos a suplicar perdão, *Vossa Graça*. As minhas donzelas. Olhai para elas. — Quando sacudiu os dedos, uma chuva de feminilidade abandonou os seus lugares junto das paredes para se alinhar sob o estrado. O Guizo também começou a erguer-se, com os guizos a cantar alegremente, mas a Senhora Frey agarrou na manga do idiota e puxou-o para baixo.

O Lorde Walder foi-as nomeando.

— A minha filha Arwyn — disse ele duma rapariga de catorze anos. — Shirei, a mais nova das minhas filhas legítimas. Ami e Marianne são netas. Casei Ami com Sor Pate de Seterrios, mas a Montanha matou esse palerma, e por isso cá a tenho de volta. Aquela é uma Cersei, mas chamamos-lhe Pequena Abelha, a mãe é uma Beesbury. Mais netas. Uma é uma Walda, e as outras... bem, têm nomes, sejam eles quais forem...

— Eu sou a Merry, Senhor Avô — disse uma rapariga.

— És barulhenta, isso é certo. Ao lado da Barulhenta está a minha filha Tyta. Depois outra Walda. Alyx, Marissa... és tu, Marissa? Bem me parecia. Ela não é sempre careca. O Mestre rapou-lhe o cabelo, mas jura que em breve voltará a crescer. As gémeas são Serra e Sarra. — Semicerrou os olhos na direcção de uma das raparigas mais novas. — *Heh*, tu és outra Walda?

A rapariga não podia ter mais de quatro anos.

— Eu sou a Walda de Sor Aemon Rivers, Senhor Bisavô. — Fez uma vénia.

— Há quanto tempo falas? Não que tenhas alguma coisa sensata a dizer, o teu pai nunca teve. E além do mais é filho de um bastardo, *heh*. Vai-te embora, só queria Freys aqui em cima. O Rei no Norte não se interessa por material ilegítimo. — O Lorde Walder olhou de soslaio para Robb, enquanto o Guizo sacudia a cabeça e tilintava. — Aqui estão elas, todas donzelas. Bem, e uma viúva, mas há quem goste de uma mulher já domada. Podíeis ter escolhido qualquer uma.

— Teria sido uma escolha impossível, senhor — disse Robb com uma cortesia cuidadosa. — São todas demasiado adoráveis.

O Lorde Walder fungou.

— E ainda dizem que os *meus* olhos são maus. Algumas serviriam bastante bem, suponho. Outras... bem, não importa. Não eram suficientemente boas para o Rei no Norte, *heh*. Que tendes agora a dizer?

— Minhas senhoras — Robb parecia desesperadamente desconfortável, mas sabia que aquele momento chegaria e enfrentou-o sem vacilar. — Todos os homens devem cumprir com a palavra dada, e os reis mais do que ninguém. Eu prometi casar-me com uma de vós e quebrei esse juramento. A culpa não vos cabe. Fiz o que fiz não para vos desfeitear, mas sim porque amava outra. Não há palavras que possam corrigir o que foi feito, bem sei, mas venho perante vós para vos pedir perdão, e que os Frey da Travessia e os Stark de Winterfell possam voltar a ser amigos.

As raparigas mais pequenas agitaram-se ansiosamente. As irmãs mais velhas esperaram pelo Lorde Walder, no seu trono negro de carvalho. O Guizo abanou-se de um lado para o outro, com os guizos a tilintar no colar e na coroa.

— Ótimo — disse o Senhor da Travessia. — Isso foi muito bom, Vossa Graça. “Não há palavras que possam corrigir o que foi feito”, *heh*. Bem dito, bem dito. Espero que não vos recuseis a dançar com as minhas filhas no banquete de casamento. Isso satisfaria o coração de um velho, *heh*. — Abanou a sua cabeça enrugada e rosada para cima e para baixo, de uma forma muito semelhante ao que o neto idiota fizera, embora o Lorde Walder não usasse guizos. — E ali está ela, Lorde Edmure. A minha filha Roslin, o meu botãozinho mais precioso, *heh*.

Sor Benfrey introduziu-a no salão. Pareciam-se o suficiente para serem irmãos verdadeiros. Julgando pelas idades, ambos eram filhos da sexta Senhora Frey; uma Rosby, segundo Catelyn julgava recordar.

Roslin era pequena para a idade, com uma pele tão branca como se tivesse acabado de sair de um banho de leite. Tinha um rosto agradável, com um queixo pequeno, nariz delicado e grandes olhos castanhos. Espesso cabelo castanho caía-lhe em ondas soltas até uma cintura tão minúscula que Edmure seria capaz de rodeá-la com as mãos. Por baixo do corpete rendado do seu vestido azul-claro, os seios pareciam pequenos mas bem formados.

— Vossa Graça. — A rapariga caiu de joelhos. — Lorde Edmure, espero não ser um desapontamento para vós.

Longe disso, pensou Catelyn. A cara do irmão iluminara-se ao vê-la.

— Sois para mim um deleite, senhora — disse Edmure. — E sei que o sereis sempre.

Roslin tinha uma pequena fenda entre dois dos seus dentes da frente que a deixava tímida com os sorrisos, mas a falha era quase cativante. *Bastante bonita*, pensou Catelyn, *mas tão pequena, e tem sangue Rosby*. Os Rosby nunca tinham sido robustos. Preferia de longe as constituições de algumas das raparigas mais velhas presentes no salão; filhas ou netas, não podia ter a certeza. Pareciam-se com os Crakehall, e a terceira esposa do Lorde Frey pertencera a essa Casa. *Ancas largas para dar à luz crianças, grandes seios para as criar, braços fortes para as transportar. Os Crakehall sempre foram uma família de ossos grandes e fortes.*

— O senhor é gentil — disse a Senhora Roslin a Edmure.

— A senhora é bela. — Edmure tomou-lhe a mão e ergueu-a. — Mas porque estais a chorar?

— De alegria — disse Roslin. — Choro de alegria, senhor.

— *Basta* — interrompeu o Lorde Walder. — Podes chorar e sussurrar depois de estares casada, *heh*. Benfrey, leva a tua irmã de volta aos seus aposentos, ela tem de se preparar para um casamento. E umas núpcias, *heh*, a melhor parte. Para todos, para todos. — A boca moveu-se para dentro e para fora. — Teremos música, uma música tão doce, e vinho, *heh*, o tinto

correrá, e vamos endireitar algumas coisas tortas. Mas agora estais cansados, e também molhados, a pingar para o meu chão. Há lareiras à vossa espera, e vinho quente com especiarias, e banhos, se os quiserdes. Lothar, leva os nossos hóspedes às suas acomodações.

— Tenho de tratar da travessia dos meus homens para a outra margem, senhor — disse Robb.

— Eles não se perderão — objectou o Lorde Walder. — Já atravessaram uma vez, não foi? Quando viestes do norte. Quisestes atravessar, e eu concedi-vos passagem, e não haveis dito talvez, *heh*. Mas fazei o que quiserdes. Levai todos os homens pela mão, se assim entenderdes, por mim tanto faz.

— *Senhor!* — Catelyn quase esquecera. — Alguns alimentos seriam muito bem-vindos. Percorremos muitas léguas à chuva.

A boca de Walder Frey moveu-se para dentro e para fora.

— Alimentos, *heh*. Um pão, um pouco de queijo, talvez uma salsicha.

— Algum vinho para empurrar para baixo — disse Robb. — E sal.

— Pão e sal. *Heh*. Certamente, certamente. — O velho bateu palmas, e criados entraram no salão, trazendo jarros de vinho e bandejas com pão, queijo e manteiga. O próprio Lorde Walder pegou numa taça de tinto, e ergueu-a com uma mão pintalgada. — Meus hóspedes — disse. — Meus hóspedes de honra. Sede bem-vindos sob o meu tecto e à minha mesa.

— Agradecemos-vos pela vossa hospitalidade, senhor — respondeu Robb. Edmure ecoou as suas palavras, e o mesmo fez o Grande-Jon, Sor Marq Piper e os outros. Beberam do vinho dele, comeram do seu pão e manteiga. Catelyn provou o vinho e mordiscou um pouco de pão, e sentiu-se muito melhor por causa disso. *Agora devemos estar a salvo*, pensou.

Sabendo como o velho podia ser mesquinho, esperara que os aposentos que lhes seriam dados fossem desolados e tristonhos. Mas os Frey pareciam ter feito mais do que amplos preparativos para eles. A câmara nupcial era grande e estava ricamente mobilada, dominada por uma grande cama com colchão de penas e colunas nos cantos, esculpidas como torres de castelos. As colgaduras eram do vermelho e azul Tully, uma cortesia simpática. Tapetes perfumados cobriam um chão de tabuado, e uma janela alta e provida de persianas abria-se para Sul. O quarto de Catelyn era pequeno, mas tinha uma mobília bonita e era confortável, com um fogo a arder na lareira. O Lothar Coxo assegurou-lhes que Robb teria uma suite inteira, como era próprio de um rei.

— Se houver algo que vos faça falta, basta que o digais a um dos guardas. — Fez uma vénia e retirou-se, coxeando pesadamente enquanto descia os degraus em espiral.

— Devíamos colocar os nossos próprios guardas — disse Catelyn ao irmão. Descansaria mais facilmente com homens Stark e Tully à sua porta. A audiência com o Lorde Walder não fora tão penosa como temera, mas mesmo assim ficaria feliz quando aquilo terminasse. *Alguns dias mais, e Robb partirá para a batalha, e eu para um cativo confortável em Guardamar.* Não tinha dúvidas de que o Lorde Jason lhe mostraria todas as cortesias, mas a ideia ainda a deprimia.

Ouvia o som dos cavalos, em baixo, vindo da longa coluna de homens montados que abria caminho através da ponte, de castelo a castelo. As pedras trovejavam com a passagem de carroças muito carregadas. Catelyn foi até à janela e olhou para fora, a fim de ver a hoste de Robb emergir da gémea oriental.

— A chuva parece estar a abrandar.

— Agora que estamos cá dentro. — Edmure estava em pé junto do fogo, deixando-se banhar pelo calor. — Que achaste de Roslin?

Demasiado pequena e delicada. Dar à luz ser-lhe-á duro. Mas o irmão parecia bastante satisfeito com a rapariga, e por isso tudo o que disse foi:

— Doce.

— Creio que ela gostou de mim. Porque estava a chorar?

— É uma donzela na véspera do casamento. São de esperar algumas lágrimas. — Lysa chorara lagos na manhã do casamento de ambas, embora tivesse conseguido estar de olhos secos e radiante quando Jon Arryn lhe pusera o seu manto creme e azul sobre os ombros.

— Ela é mais bonita do que me atrevia a esperar. — Edmure ergueu uma mão antes de Catelyn poder falar. — Eu sei que há coisas mais importantes, poupa-me ao sermão, septã. Mas mesmo assim... viste algumas das outras donzelas que o Frey exibiu? A que tinha o tique? Seria aquilo a doença dos tremores? E aquelas gémeas tinham mais crateras e bicos nas caras do que o Petyr Borbulha. Quando vi aquele bando, soube que Roslin seria careca e zarolha, com a inteligência do Guizo e o temperamento do Walder Negro. Mas ela parece tão gentil como bela. — Fez uma expressão perplexa. — Porque haveria a velha doninha de recusar que eu escolhesse se não tencionava impingir-me qualquer coisa hedionda?

— A tua queda por uma cara bonita é bem conhecida — lembrou-lhe Catelyn. — Talvez o Lorde Walder realmente queira que sejas feliz com a tua noiva. — *Ou, o que é mais provável, talvez não tenha querido que tu recuasses perante um furúnculo e lhe dificultasses os planos.* — Ou pode ser que Roslin seja a favorita do velho. O Senhor de Correrrio é uma união muito melhor do que a maior parte das suas filhas podem esperar.

— Isso é verdade. — Mas o irmão ainda parecia incerto. — Será possível que a rapariga seja estéril?

— O Lorde Walder quer que o neto herde Correrrio. Que objectivo teria em dar-te uma esposa estéril?

— Livra-se de uma filha que ninguém mais aceitaria.

— De pouco lhe serviria. Walder Frey é mesquinho, mas não é estúpido.

— Mesmo assim... *será* possível?

— Sim — concedeu Catelyn com relutância. — Há doenças que uma rapariga pode ter durante a infância que a deixam incapaz de conceber. No entanto, não existe motivo para crer que a Senhora Roslin tenha delas sofrido. — Percorreu o quarto com os olhos. — Os Frey receberam-nos com maior amabilidade do que eu esperava, em boa verdade.

Edmure soltou uma gargalhada.

— Um quantas palavras espinhosas e um pouco de regozijo indecoroso. Vindo dele, é cortesia. Esperava que a velha doninha nos urinasse no vinho e nos obrigasse a elogiar a colheita.

O gracejo deixou Catelyn estranhamente inquieta.

— Se me deres licença, devia ir vestir roupa seca.

— Como queiras. — Edmure bocejou. — Eu talvez vá dormir uma hora.

Ela retirou-se para o seu quarto. A arca de roupa que trouxera de Correrrio tinha sido trazida para cima e posta aos pés da cama. Depois de se despir e de pendurar a roupa molhada perto da lareira, pôs um vestido quente de lã no vermelho e azul dos Tully, lavou e escovou o cabelo, deixou-o secar, e foi em busca dos Frey.

O trono negro de carvalho do Lorde Walder estava vazio quando entrou no salão, mas alguns dos seus filhos estavam a beber perto do fogo. O Lothar Coxo ergueu-se desajeitadamente quando a viu.

— Senhora Catelyn, julguei que estívésseis a descansar. Como posso ser-vos útil?

— Estes são os vossos irmãos? — perguntou ela.

— Irmãos, meios-irmãos, cunhados e sobrinhos. Raymund e eu partilhámos uma mãe. O Lorde Lucias Vypren é esposo da minha meia-irmã Lythene, e Sor Damon é filho deles. Creio que conheceis o meu meio-irmão Sor Hosteen. E este é Sor Leslyn Haigh e os filhos, Sor Harys e Sor Donnel.

— Muito prazer, senhores. Sor Perwyn está no castelo? Ele ajudou a escoltar-me a Ponta Tempestade e de volta a Correrrio, quando Robb me enviou para falar com o Lorde Renly. Estava com vontade de o rever.

— Perwyn não se encontra nas Gémeas — disse o Lothar Coxo. — Dar-lhe-ei os vossos cumprimentos. Sei que ele terá pena de não se encontrar convosco.

— Decerto regressará a tempo do casamento da Senhora Roslin?

— Ele tinha essa esperança — disse o Lothar Coxo — mas com esta chuva... vistes como correm os rios, senhora.

— De facto, vi — disse Catelyn. — Posso pedir-vos que me digais como posso falar com o vosso Mestre?

— Não estais bem, senhora? — perguntou Sor Hosteen, um homem poderoso com um forte maxilar quadrado.

— É uma coisa de mulher. Nada que vos deva preocupar, sor.

Lothar, sempre atencioso, saiu com ela do salão, acompanhou-a por alguns degraus acima e ao longo de uma ponte coberta até outra escada.

— Devereis encontrar o Mestre Brenett no torreão lá em cima, senhora.

Catelyn quase esperara que o Mestre fosse mais um dos filhos de Walder Frey, mas Brenett não tinha parecenças. Era um homem grande e gordo, calvo, com um queixo duplo e não muito asseado, ajuizando pelos excrementos de corvo que manchavam as mangas das suas vestes, mas mostrou-se bastante amigável. Quando lhe falou das preocupações de Edmure a respeito da fertilidade da Senhora Roslin, soltou um risinho.

— O senhor vosso irmão nada tem a temer, Senhora Catelyn. Ela é pequena, admito, e estreita de ancas, mas a mãe era igual, e a Senhora Bethany deu ao Lorde Walder um filho todos os anos.

— Quantos sobreviveram à infância? — perguntou ela sem rodeios.

— Cinco. — Contou-os por dedos gordos como salsichas. — Sor Perwyn. Sor Benfrey. Mestre Willamen, que proferiu os votos no ano passado e agora serve o Lorde Hunter no Vale. Olyvar, que foi escudeiro do vosso filho. E a Senhora Roslin, a mais nova. Quatro rapazes e uma menina. O Lorde Edmure terá tantos filhos que não saberá o que fazer com eles.

— Estou certa de que isso lhe agradará. — Então a rapariga era provavelmente tão fértil como agradável de se ver. *Isso deve descansar a mente de Edmure.* O Lorde Walder não dera ao irmão razões de queixa, tanto quanto Catelyn conseguisse ver.

Não regressou ao seu quarto depois de deixar o Mestre; em vez disso, foi ter com Robb. Encontrou Robin Flint e o Sor Wendel Manderly com ele, bem como o Grande-Jon e o filho, a quem ainda chamavam Pequeno-Jon embora ameaçasse tornar-se mais alto do que o pai. Estavam todos molhados. Outro homem, ainda mais molhado, encontrava-se em pé junto ao fogo com um manto rosa-claro forrado de pele branca.

— Lorde Bolton — disse ela.

— Senhora Catelyn — respondeu ele, com uma voz ténue —, é um prazer voltar a ver-vos, mesmo em tempos tão exigentes.

— É bondade vossa dizê-lo. — Catelyn conseguia sentir sombras so-

bre o aposento. Até o Grande-Jon parecia melancólico e vencido. Olhou para os rostos carregados dos homens e perguntou: — O que aconteceu?

— Lannisters no Tridente — disse Sor Wendel num tom infeliz. — O meu irmão voltou a ser capturado.

— E o Lorde Bolton trouxe-nos mais novidades de Winterfell — acrescentou Robb. — Sor Rodrik não foi o único bom homem a morrer. Cley Cerwyn e Leobald Tallhart foram também mortos.

— Cley Cerwyn não passava de um rapaz — disse ela, entristecida. — Então é verdade? Todos mortos e Winterfell destruído?

Os olhos claros de Bolton encontraram-se com os seus.

— Os homens de ferro queimaram tanto o castelo como a Vila de Inverno. Parte do vosso povo foi levado para o Forte do Pavor pelo meu filho, Ramsay.

— O vosso bastardo foi acusado de graves crimes — lembrou-lhe Catelyn em tom penetrante. — Assassinio, violação e coisas piores.

— Sim — disse Roose Bolton. — O seu sangue está manchado, isso não é possível negar. Mas é um bom guerreiro, tão astucioso como destemido. Quando os homens de ferro abateram Sor Rodrik, e Leobald Tallhard pouco tempo depois, coube a Ramsay liderar a batalha, e foi o que ele fez. Jura que não embainhará a espada enquanto um único Greyjoy permanecer no Norte. Talvez esse serviço possa servir como um pouco de compensação pelos crimes que o seu sangue bastardo o levou a cometer. — Encolheu os ombros. — Ou não. Quando a guerra terminar, Sua Graça deverá avaliar os factos e julgar. Por essa altura, espero que a Senhora Walda já me tenha dado um filho legítimo.

Este homem é frio, compreendeu Catelyn, e não era a primeira vez.

— Ramsay mencionou Theon Greyjoy? — quis saber Robb. — Foi também morto, ou conseguiu fugir?

Roose Bolton tirou uma tira rasgada de couro da bolsa que trazia à cintura.

— O meu filho mandou isto com a carta.

Sor Wendel virou a sua cara gorda para longe. Robin Flint e o Pequeno-Jon Umber trocaram um olhar, e o Grande-Jon resfolegou como um touro.

— Isso é... pele? — disse Robb.

— A pele do mindinho da mão direita de Theon Greyjoy. O meu filho é cruel, confesso. E no entanto... o que é um pouco de pele comparado com as vidas de dois jovens príncipes? Éreis mãe deles, senhora. Posso oferecer-vos este... pequeno penhor de vingança?

Parte de Catelyn desejou levar o macabro troféu ao coração, mas obrigou-se a resistir.

— Guardai-o. Por favor.

— Esfolar Theon não trará os meus irmãos de volta — disse Robb.

— Quero a sua cabeça, não a sua pele.

— Ele é o único filho sobrevivente de Balon Greyjoy — disse suavemente o Lorde Bolton, como se eles o tivessem esquecido — e agora o legítimo Rei das Ilhas de Ferro. Um rei cativo tem grande valor como refém.

— Refém? — A palavra irritou Catelyn. Reféns eram frequentemente trocados. — Lorde Bolton, espero que não estejais a sugerir que *libertemos* o homem que matou os meus filhos.

— Quem quer que conquiste a Cadeira de Pedra do Mar quererá Theon Greyjoy morto — fez notar Bolton. — Até agrilhado tem uma pretensão superior à de qualquer um dos seus tios. Sugiro que o mantenhamos prisioneiro e que exijamos concessões por parte dos homens de ferro como preço a pagar pela sua execução.

Robb pesou relutantemente a ideia, mas por fim anuiu.

— Sim. Muito bem. Assim sendo, mantende-o vivo. Por agora. Mantende-o bem preso no Forte do Pavor até retomarmos o Norte.

Catelyn voltou a virar-se para Roose Bolton.

— Sor Wendel disse algo sobre Lannisters no Tridente?

— Disse, senhora. Culpo-me pelo facto. Atrasei demasiado a partida de Harrenhal. Aenys Frey partiu vários dias antes de mim e atravessou o vau rubi, embora não sem dificuldade. Mas quando nós lá chegámos, o rio era uma torrente. Não tive alternativa a fazer atravessar os meus homens em pequenos barcos, os quais possuíamos em quantidade insuficiente. Dois terços das minhas forças encontravam-se na margem norte quando os Lannister atacaram aqueles que ainda esperavam para atravessar. Homens de Norrey, Locke e Burley, principalmente, com Sor Wylis Manderly e os seus cavaleiros de Porto Branco na retaguarda. Eu estava do lado errado do Tridente, impotente para lhes prestar assistência. Sor Wylis reagrupou os nossos homens o melhor que pôde, mas Gregor Clegane atacou com cavalaria pesada e empurrou-os para o rio. Foram tantos os que se afogaram como os que foram abatidos. A maior parte fugiu, mas os outros foram capturados.

Gregor Clegane era sempre más notícias, pensou Catelyn. Teria Robb de voltar a marchar para Sul para lidar com ele? Ou viria a Montanha a caminho dali?

— Então Clegane atravessou o rio?

— Não. — A voz de Bolton era baixa, mas segura. — Deixei seiscentos homens no vau. Lanceiros dos regatos, das montanhas e da Faca Branca, um cento de arqueiros Hornwood, alguns cavaleiros livres e cavaleiros menores, e uma poderosa força de homens Stout e Cerwyn para lhes dar

apoio. Ronnel Stout e Sor Kyle Condon têm o comando. Sor Kyle era o braço-direito do falecido Lorde Cerwyn, como decerto sabeis, senhora. Os leões não nadam melhor do que os lobos. Enquanto os rios permanecerem em cheia, Sor Gregor não atravessará.

— A última coisa de que necessitamos é a Montanha nas nossas costas quando avançarmos pelo talude — disse Robb. — Fizestes bem, senhor.

— É muita bondade de Vossa Graça. Sofri pesadas perdas no Ramo Verde, e Glover e Tallhart mais ainda em Valdocaso.

— *Valdocaso*. — Robb fez da palavra uma praga. — Robett Glover responderá por isso quando o voltar a ver, garanto.

— Uma loucura — concordou o Lorde Bolton — mas Glover tornou-se imprudente depois de saber que o Bosque Profundo caíra. O desgosto e o medo fazem isso aos homens.

Valdocaso estava feito e era passado; eram as batalhas ainda a travar que preocupavam Catelyn.

— Quantos homens trouxestes ao meu filho? — perguntou a Roose Bolton num tom contundente.

Os estranhos olhos sem cor do homem estudaram-lhe o rosto por um instante antes de responder.

— Cerca de quinhentos homens de cavalaria e três mil de infantaria, senhora. Homens do Forte do Pavor, na sua maior parte, e alguns de Karhold. Com a lealdade dos Karstark agora tão duvidosa, achei melhor mantê-los por perto. Lamento que não sejam mais.

— Deverá bastar — disse Robb. — Ficareis com o comando da minha retaguarda, Lorde Bolton. Pretendo dirigir-me ao Gargalo assim que o meu tio esteja casado. Vamos para casa.

ARYA

Os batedores aproximaram-se deles a uma hora do Ramo Verde, quando a carroça se arrastava ao longo de uma estrada lamacenta.

— Fica com a cabeça baixa e a boca fechada — avisou-a o Cão de Caça quando os três esporearam os cavalos na direcção deles; um cavaleiro e dois escudeiros, com armaduras ligeiras e montados em palafreiros rápidos. Clegane chicoteou a parelha, um par de velhos cavalos de tracção que já tinham conhecido melhores dias. A carroça rangia e oscilava, as suas duas enormes rodas de madeira faziam esguichar lama dos profundos sulcos da estrada a cada curva. O Estranho seguia atrás, atado ao veículo.

O grande corcel de mau temperamento não usava armadura, jaezes ou arnés, e o próprio Cão de Caça seguia vestido de tecido grosseiro, verde e sujo, e uma capa de um cinzento-fuliginoso com um capuz que lhe engolia a cabeça. Desde que mantivesse os olhos em baixo não era possível ver-lhe a cara, via-se apenas o branco dos seus olhos a espreitar para fora. Parecia um agricultor empobrecido. Mas um agricultor grande. E Arya sabia que sob o tecido grosseiro havia couro fervido e cota de malha oleada. Ela parecia um filho de agricultor, ou talvez de um criador de porcos. E atrás deles seguiam quatro barris atafalhados de porco salgado e um de pés de porco em salmoura.

Os homens a cavalo dispersaram-se e rodearam-nos para os observar antes de se aproximarem. Clegane fez parar a carroça e esperou pacientemente. O cavaleiro trazia lança e espada, ao passo que os seus escudeiros usavam arcos. Os símbolos nos seus gibões eram versões mais pequenas daquele que o seu chefe trazia cosido ao sobretudo; uma forquilha negra sobre barra dextra dourada em campo castanho-avermelhado. Arya pensara revelar-se aos primeiros batedores que encontrassem, mas sempre imaginara homens de mantos cinzentos com o lobo gigante ao peito. Até poderia ter arriscado caso tivessem exibido o gigante de Umber ou o punho de Glover, mas não conhecia o cavaleiro da forquilha nem sabia quem ele servia. A coisa mais parecida com uma forquilha que vira em Winterfell fora o tridente na mão do tritão do Lorde Manderly.

— Tendes negócios nas Gémeas? — perguntou o cavaleiro.

— Porco salgado para o banquete de casamento, pela vossa mercê, sor. — O Cão de Caça resmoneou a resposta, de olhos baixos e rosto escondido.

— Porco salgado nunca me agradou. — O cavaleiro da forquilha não deitou a Clegane mais do que o mais apressado dos relances, e não prestou qualquer atenção a Arya, mas olhou longa e duramente para o Estranho. O garanhão não era nenhum cavalo de tracção, isso era claro à primeira vista. Um dos escudeiros quase acabou na lama quando o grande corcel negro deu uma dentada na sua montada. — Como arranjaste este animal? — exigiu saber o cavaleiro da forquilha.

— A s'nhora disse-me para o trazer, sor — disse humildemente Clegane. — É um presente de casamento para o jovem Lorde Tully.

— Que senhora? A quem serves?

— À velha S'nhora Whent, sor.

— Será que ela pensa que pode comprar Harrenhal de volta com um cavalo? — perguntou o cavaleiro. — Deuses, haverá algum tolo maior do que um velho tolo? — Mas fez-lhes sinal para avançar. — Ide-vos lá embora.

— Sim, s'nhor. — O Cão de Caça voltou a fazer estalar o chicote, e os velhos cavalos de carga reataram o seu cansativo rumo. As rodas tinham-se enterrado profundamente na lama durante a pausa, e foi preciso algum tempo para que a parelha voltasse a libertá-los. Por essa altura já os batedores se afastavam. Clegane deitou-lhes um último olhar e fungou. — Sor Donnel Haigh — disse. — Tirei-lhe mais cavalos do que os que sou capaz de contar. E armaduras também. Uma vez quase o matei num corpo a corpo.

— Então como é que ele não te reconheceu? — perguntou Arya.

— Porque os cavaleiros são estúpidos, e olhar duas vezes para um camponês bexigoso qualquer estaria abaixo do nível dele. — Deu aos cavalos um toque com o chicote. — Mantém os olhos baixos e o tom respeitoso, e diz muitas vezes *sor*, que a maior parte dos cavaleiros nem sequer te verão. Prestam mais atenção aos cavalos do que aos plebeus. Ele podia ter reconhecido o Estranho, se me tivesse visto alguma vez montado nele.

Mas teria reconhecido a tua cara. Arya não tinha dúvidas quanto a isso. Não era fácil esquecer as queimaduras de Sandor Clegane depois de as ver. E ele também não podia esconder as cicatrizes atrás de um elmo; pelo menos desde que o elmo tivesse a forma de um cão a rosnar.

Fora por isso que tinham necessitado da carroça e dos pés de porco em salmoura.

— Não vou ser arrastado acorrentado até à presença do teu irmão — dissera-lhe o Cão de Caça — e prefiro não ter de abrir caminho através dos seus homens à espadeirada para chegar até ele. Portanto vamos jogar um pequeno jogo.

Um agricultor encontrado por acaso na Estrada de Rei fornecera-lhes a carroça, os cavalos, o vestuário e os barris, embora não de boa vontade.

O Cão de Caça roubara-lhos na ponta da espada. Quando o agricultor o amaldiçoara chamando-lhe ladrão, ele dissera:

— Não, sou um forrageiro. Fica agradecido por ficares com a roupa de baixo. Agora tira essas botas. Senão corto-te as pernas. A escolha é tua. — O agricultor era tão grande como Clegane, mas mesmo assim preferiu ceder as botas e ficar com as pernas.

O anoitecer foi encontrá-los ainda a arrastar-se na direcção do Ramo Verde e dos castelos gémeos do Lorde Frey. *Estou quase lá*, pensou Arya. Sabia que devia sentir-se excitada, mas tinha um nó apertado na barriga. Talvez fosse só da febre com que tinha vindo a lutar, mas talvez não. Na noite anterior tivera um pesadelo, um pesadelo *terrível*. Agora não se conseguia lembrar do sonho, mas a sensação permanecera ao longo de todo o dia. Se alguma alteração houvera, fora apenas para se tornar mais forte. *O medo golpeia mais profundamente do que as espadas*. Tinha agora de ser forte, como o pai lhe dissera. Nada havia entre ela e a mãe além de um portão de castelo, um rio e um exército... mas era o exército de *Robb*, portanto não havia ali nenhum perigo real. Pois não?

Roose Bolton era um deles, no entanto. O Senhor Sanguessuga, como os foras-da-lei lhe chamavam. Isso deixava-a inquieta. Fugira de Harrenhal tanto para se livrar de Bolton como dos Saltimbancos Sangrentos, e tivera de cortar a garganta de um dos seus guardas para fugir. Saberá ele que ela o fizera? Ou teria culpado Gendry ou o Tarte Quente? Teria contado à mãe? O que faria se a visse? *Provavelmente nem sequer me reconhecerá*. Por aqueles dias, parecia-se mais com uma ratazana afogada do que com a copeira de um senhor. Uma ratazana afogada *macho*. O Cão de Caça cortara-lhe mãos-cheias de cabelo apenas dois dias antes. Era um barbeiro ainda pior do que Yoren, e deixara-a meio careca de um lado. *Robb também não me reconhecerá, apostou. Ou até a mãe*. Era uma rapariguinha da última vez que os vira, no dia em que o Lorde Eddard Stark partira de Winterfell.

Ouviram a música antes de verem o castelo; o matraquear distante de tambores, o estrondo brônzeo de trombetas, os guinchos finos das gaitas soando ténues sob o rugido do rio e do som da chuva a bater-lhes nas cabeças.

— Perdemos a boda — disse o Cão de Caça — mas parece que a festa ainda dura. Em breve, ver-me-ei livre de ti.

Não, eu é que me verei livre de ti, pensou Arya.

A estrada viera correndo principalmente para noroeste, mas agora virava para oeste por entre um pomar de macieiras e um milheiral submerso e derrubado pela chuva. Passaram pela última das macieiras e ultrapassaram uma elevação; e os castelos, rio e acampamentos surgiram de repente. Havia centenas de cavalos e milhares de homens, a maioria dos quais

andando de um lado para o outro em volta das três enormes tendas para banquetes que se erguiam lado a lado, viradas para os portões do castelo, como três grandes salões feitos de tela. Robb montara o seu acampamento bem afastado das muralhas, em terreno mais alto e mais seco, mas o Ramo Verde galgara as margens e até se apoderara de algumas tendas posicionadas de forma descuidada.

A música que vinha dos castelos era ali mais alta. O som dos tambores e trombetas rolava pelo acampamento. Mas os músicos no castelo mais próximo não estavam a tocar a mesma canção dos do castelo da margem oposta, e aquilo parecia mais uma batalha do que uma canção.

— Eles não são lá muito bons — observou Arya.

O Cão de Caça fez um ruído que podia ter sido uma gargalhada.

— Há velhas surdas em Lannisporto a queixar-se da barulheira, aposto. Tinha ouvido dizer que os olhos de Walder Frey andavam a fraquejar, mas ninguém falou da porcaria dos seus ouvidos.

Arya deu por si a desejar que fosse dia. Se o Sol estivesse no céu e soprasse vento, podia ter sido capaz de ver melhor os estandartes. Teria procurado o lobo gigante dos Stark, ou talvez o machado de batalha dos Cerwyn ou o punho dos Glover. Mas nas sombras da noite, todas as cores pareciam cinzento. A chuva intensa reduzira-se a uma chuva miudinha, quase uma névoa, mas uma chuvada anterior deixara os estandartes tão molhados como panos de loiça, encharcados e ilegíveis.

Uma sebe de carros e carroças fora disposta ao longo do perímetro para formar uma muralha rudimentar de madeira contra qualquer ataque que pudesse surgir. Foi aí que os guardas os pararam. A lanterna que o sargento transportava dava luz suficiente para que Arya visse que o seu manto era rosa-claro, pintalgado com lágrimas vermelhas. Os homens sob o seu comando tinham o símbolo do Senhor Sanguessuga cosido sobre os corações, o homem esfolado do Forte do Pavor. Sandor Clegane contou-lhes a mesma história que usara com os batedores, mas o sargento Bolton era uma noz mais dura de quebrar do que Sor Donnel Haigh.

— Porco salgado não é carne própria para o banquete de casamento de um lorde — disse ele com um ar escarninho.

— Também tenho pé de porco em salmoura, sor.

— Para o banquete? Não tens, não. O banquete já está quase no fim. E eu sou um nortenho, não um cavaleiro qualquer do Sul cheio de leite.

— Disseram-me para ir ter com o intendente ou o cozinheiro...

— O castelo está fechado. Os fidalgos não devem ser incomodados.

— O sargento pensou por um momento. — Podes descarregar ali, junto das tendas para banquetes. — Apontou com uma mão revestida de cota de malha. — A cerveja deixa um homem com fome, e o velho Frey não há-de

sentir a falta de uns quantos pés de porco. Seja como for, não tem dentes para eles. Pergunta pelo Sedgekings, ele há-de saber o que se faz convosco. — Ladrrou uma ordem, e os seus homens empurraram uma das carroças para o lado, para os deixar entrar.

O chicote do Cão de Caça incitou a parelha a aproximar-se das tendas. Ninguém pareceu prestar-lhes nenhuma atenção. Passaram a chapinhar por fileiras de pavilhões brilhantemente coloridos, com paredes de seda molhada que eram iluminadas como lanternas mágicas por lâmpadas e braseiros que ardiam lá dentro; brilhavam em tons de rosa, ouro e verde, faixadas, fretadas, xadrezadas, ornamentadas com aves e feras, asnas e estrelas, rodas e armas. Arya vislumbrou uma tenda amarela com seis bolotas nas paredes, três sobre duas sobre uma. *O Lorde Smallwood*, compreendeu, lembrando-se de Solar de Bolotas, tão distante, e da senhora que lhe dissera que era bonita.

Mas por cada cintilante pavilhão de seda havia duas dúzias de feltro ou tela, opacos e escuros. Havia também tendas-casernas, suficientemente grandes para abrigar duas vintenas de soldados de infantaria, embora até essas parecessem anãs ao lado das três grandes tendas para banquetes. Já se bebia havia horas, segundo parecia. Arya ouviu brindes gritados e o bater de taças, misturados com os sons habituais dos acampamentos, cavalos a relinchar e cães a ladrar, carroças a trovejar pela escuridão, risos e pragas, o tinir e ressoar do aço e da madeira. A música ficou ainda mais alta quando se aproximaram do castelo, mas por baixo dela havia um som mais profundo e escuro: o rio, o Ramo Verde em cheia, rugindo como um leão na sua toca.

Arya torceu-se e virou-se, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo, na esperança de um vislumbre de um lobo gigante, de uma tenda decorada em cinzento e branco, de uma cara que conhecesse de Winterfell. Mas apenas viu estranhos. Fitou um homem que se aliviava nos juncos, mas não era o Alebelly. Viu uma rapariga seminua fugir de uma tenda a rir, mas a tenda era azul-clara, e não cinzenta como a princípio julgara, e o homem que se pôs a correr atrás dela usava no gibão um gato das árvores, e não um lobo. Por baixo de uma árvore, quatro arqueiros enfiavam cordas enceradas nos entalhes dos seus arcos, mas não eram arqueiros do pai. Um mestre atravessou-se-lhes no caminho, mas era demasiado novo e magro para ser o Mestre Luwin. Arya fitou as Gémeas, em cujas torres as janelas altas brilhavam onde quer que houvesse uma vela a arder. Através da neblina da chuva, os castelos pareciam assustadores e misteriosos, como algo saído de uma das histórias da Velha Ama, mas não eram Winterfell.

A aglomeração era maior junto das tendas para banquetes. As largas abas estavam atadas, abertas, e os homens entravam e saíam com cornos

e canecas nas mãos, alguns com seguidoras de acampamentos. Arya deitou uma olhadela para dentro quando o Cão de Caça passou pela primeira das três tendas, e viu centenas de homens aglomerados nos bancos e acotovelando-se em volta dos barris de hidromel, cerveja e vinho. Lá dentro quase não havia espaço para as pessoas se moverem, mas ninguém parecia importar-se. Pelo menos estavam quentes e secos. A Arya fria e molhada invejou-os. Alguns até cantavam. A chuvinha fina e brumosa fumegava em volta da porta devido ao calor que se escapava do interior.

— Ao Lorde Edmure e à Senhora Roslin — ouviu uma voz gritar. Todos beberam, e alguém gritou:

— Ao Jovem Lobo e à Rainha Jeyne.

Quem é a Rainha Jeyne?, interrogou-se Arya por um breve momento. A única rainha que conhecia era Cersei.

Covas para fogueiras tinham sido escavadas fora das tendas para banquetes, abrigadas sob rudes dosséis de madeira entretecida e peles que mantinham a chuva afastada, desde que caísse na vertical. Mas o vento soprava do rio, e entrava chuva suficiente para fazer as fogueiras silvar e rodopiar. Criados viravam quartos de carne montados em espetos por cima das chamas. Os cheiros encheram a boca de Arya de água.

— Não devíamos parar? — perguntou a Sandor Clegane. — Há nortenhos nas tendas. — Reconhecia-os pelas barbas, pelas caras, pelos mantos de pele de urso e de foca, pelos brindes parcialmente escutados e pelas canções que cantavam; homens Karstark, Umber e dos clãs de montanha. — Aposto que também há homens de Winterfell. — Homens do pai, homens do Jovem Lobo, os lobos gigantes de Stark.

— O teu irmão está no castelo — disse ele. — A tua mãe também. Queres ir ter com eles ou não?

— Sim — disse ela. — Mas e o Sedgekings? — O sargento dissera-lhes para perguntarem por Sedgekings.

— O Sedgekings pode foder-se com um atiçador quente. — Clegane sacudiu o chicote, e fê-lo assobiar através da chuva suave até ir morder o flanco de um cavalo. — É o teu maldito irmão que eu procuro.

CATELYN

Os tambores retumbavam, retumbavam, retumbavam, e a cabeça de Catelyn retumbava com eles. As gaitas gemiam e as flautas soltavam trindades na galeria dos músicos na extremidade do salão; rabecas guinchavam, trombetas soavam, as gaitas-de-foles gritavam uma melodia animada, mas era a batida dos tambores que dominava tudo. Os sons ecoavam nas vigas, enquanto os convidados comiam, bebiam e gritavam uns aos outros em baixo. *Walder Frey deve ser surdo como uma porta para chamar música a isto.* Catelyn beberricou uma taça de vinho e viu o Guizo pavonear-se ao som de “Alysanne”. Pelo menos julgava que se pretendia que fosse “Alysanne”. Com aqueles músicos, podia perfeitamente ter sido “O Urso e a Bela Donzela”.

Lá fora ainda chovia, mas dentro das Gémeas o ar estava pesado e quente. Um fogo rugia na lareira, e filas de archotes ardiam, fumegando, em arandelas de ferro presas às paredes. Mas a maior parte do calor vinha dos corpos dos convidados do casamento, tão apertados ao longo dos bancos que cada homem que tentava erguer a sua taça acotovelava as costelas do vizinho.

Até no estrado estavam mais próximos do que Catelyn teria desejado. Fora colocada entre Sor Ryman Frey e Roose Bolton, e ficara com o nariz cheio de ambos. Sor Ryman bebia como se o vinho estivesse prestes a acabar-se em Westeros, e suava-o todo pelos sovacos. O homem tomara banho em água de limão, parecia-lhe, mas nenhum limão era capaz de disfarçar tanto suor acre. Roose Bolton tinha um cheiro mais doce, mas que não era mais agradável. Preferia bebericar hipocraz a vinho ou hidromel, e pouco comia.

Catelyn não podia censurá-lo pela falta de apetite. O banquete de casamento começara com uma sopa aguada de alho-porro, seguida por uma salada de feijão-verde, cebola e beterraba, lúcio fervido em leite de amêndoa, montículos de puré de nabo que já estava frio antes de chegar à mesa, geleia de miolos de vitela, e de carne de vaca fibrosa cozinhada em leite. Era um pobre repasto para um rei, e os miolos de vitela deram uma volta ao estômago de Catelyn. Mas Robb comeu sem protestar, e o irmão de Catelyn estava demasiado embevecido pela noiva para prestar muita atenção à comida.

Nunca se imaginaria que Edmure passou todo o caminho de Correrrio até

às Gêmeas a queixar-se de Roslin. Marido e mulher comiam do mesmo prato, bebiam da mesma taça e trocavam castos beijos entre goles. Edmure mandava embora a maior parte dos pratos. Não o podia censurar por isso. Pouco recordava da comida servida no seu banquete de casamento. *Terei chegado a prová-la? Ou será que passei o tempo todo a fitar o rosto de Ned, tentando perceber quem ele era?*

O sorriso da pobre Roslin tinha uma certa fixidez, como se alguém lho tivesse cosido ao rosto. *Bem, é uma donzela casada, mas a noite de núpcias ainda não aconteceu. Sem dúvida que está tão aterrorizada como eu estava.* Robb encontrava-se sentado entre Alyx Frey e a Bela Walda, duas das mais núbéis donzelas Frey.

— Espero que não vos recuseis a dançar com as minhas filhas no banquete de casamento — dissera Walder Frey. — Isso satisfaria o coração de um velho. — Se assim era, o seu coração devia estar bem satisfeito; Robb desempenhara o seu dever como um rei. Dançara com cada uma das raparigas, com a noiva de Edmure e com a oitava Senhora Frey, com a viúva Ami e com a esposa de Roose Bolton, a Walda Gorda, com as gêmeas borbulhentas Serra e Sarra, e até com Shirei, a mais nova das filhas do Lorde Walder, que devia ter uns seis anos. Catelyn perguntou a si própria se o Senhor da Travessia estaria satisfeito, ou se encontraria motivos de queixa em todas as outras filhas e netas que não tiveram a sua vez com o rei.

— As vossas irmãs dançam muito bem — disse a Sor Ryman Frey, tentando ser agradável.

— São tias e primas. — Sor Ryman bebeu um trago de vinho, com o suor a escorrer-lhe pela cara, desaparecendo na barba.

Um homem amargo, e com os copos, pensou Catelyn. O Atrasado Lorde Frey podia ser avaro no que tocava a alimentar os seus convidados, mas não pusera limites à bebida. A cerveja, vinho e hidromel fluíam tão depressa como o rio, lá fora. O Grande-Jon já estava bêbado que nem um cacho. O filho de Lorde Walder, Merrett, estava a competir com ele, taça atrás de taça, mas o Sor Whalen Frey desmaiara tentando manter-se a par dos dois. Catelyn teria preferido que o Lorde Umber tivesse achado por bem permanecer sóbrio, mas dizer ao Grande-Jon para não beber era como dizer-lhe para não respirar durante algumas horas.

O Pequeno-Jon Umber e Robin Flint estavam sentados perto de Robb, depois da Bela Walda e de Alyx, respectivamente. Nenhum dos dois estava a beber; com Patrek Mallister e Dacey Mormont eram naquela noite os guardas do filho de Catelyn. Um banquete de casamento não era uma batalha, mas havia sempre perigo quando os homens se metiam nos copos, e um rei não devia estar nunca sem uma guarda. Catelyn sentia-se satisfeita com isso, e ainda mais com os cintos de espadas que pendiam de cabides

ao longo das paredes. *Nenhum homem precisa de uma espada para lidar com geleia de miolos de vitela.*

— Todos julgavam que o meu senhor escolheria a Bela Walda — disse a Senhora Walda Bolton a Sor Wendel, gritando para ser ouvida por sobre a música. A Walda Gorda era uma rapariga que mais parecia uma bola de sebo redonda e cor-de-rosa, com olhos azuis lacrimejantes, um cabelo louro e sem força e um enorme busto, mas a voz era um chiado palpitante. Era difícil imaginá-la no Forte do Pavor, com a sua renda cor-de-rosa e capa de veiro. — Mas o senhor meu avô ofereceu a Roose o peso da noiva em prata como dote, e o meu senhor de Bolton escolheu-me a mim. — Os queixos da rapariga estremeeceram quando se riu. — Peso mais quarenta quilos do que a Bela Walda, mas foi esta a primeira vez que fiquei feliz por isso. Agora sou a Senhora Bolton, e a minha prima ainda é donzela, e em breve fará *dezanove* anos, pobrezinha.

Catelyn viu que o Senhor do Forte do Pavor não prestava qualquer atenção à tagarelice. Por vezes provava um pouco disto, uma colher daquilo, arrancando bocados de pão com dedos curtos e fortes, mas a refeição não era capaz de o distrair. Bolton fizera um brinde aos netos do Lorde Walder quando o banquete de casamento começara, fazendo questão de mencionar que Walder e Walder se encontravam ao cuidado do seu filho bastardo. Pelo modo como o velho o olhara de viés, com a boca a chupar o ar, Catelyn compreendeu que ele ouvira a ameaça subjacente.

Terá alguma vez havido uma boda menos alegre?, perguntou a si própria até se lembrar da sua pobre Sansa e do casamento com o Duende. *Mãe, apiedai-vos dela. Tem uma alma gentil.* O calor, fumo e barulho estavam a deixá-la doente. Os músicos na galeria podiam ser numerosos e ruidosos, mas não eram particularmente dotados. Catelyn bebeu outro gole de vinho e deixou que um pajem lhe enchesse a taça. *Mais algumas horas, e o pior terá chegado ao fim.* Amanhã por aquela hora, Robb teria partido para outra batalha, desta vez contra os homens de ferro em Fosso Cailin. Era estranho como essa perspectiva parecia quase um alívio. *Ele ganhará a sua batalha. Ele ganha todas as suas batalhas, e os homens de ferro estão sem rei. Além disso, Ned ensinou-o bem.* Os tambores retumbavam. O Guizo voltou a passar por si aos saltos, mas a música era tão alta que quase não conseguiu ouvir os seus guizos.

Por sobre o ruído ouviu-se de súbito um rosnido, quando dois cães se lançaram um contra o outro, lutando por um resto de carne. Rolaram pelo chão, atirando dentadas, enquanto um uivo de divertimento soava. Alguém lhes deu um banho com um jarro de cerveja, e eles separaram-se. Um dos cães dirigiu-se a coxear para o estrado. A boca desdentada do Lorde Walder abriu-se numa gargalhada quando o cão encharcado sacudiu cerveja e pêlos por cima de três dos seus netos.

Ver os cães fez Catelyn desejar uma vez mais que Vento Cinzento ali estivesse, mas o lobo gigante de Robb não se via em parte alguma. O Lorde Walder recusara-se a deixá-lo entrar no salão.

— O vosso animal selvagem tem gosto por carne humana, segundo ouvi dizer, *heh* — dissera o velho. — Rasga-nos as gargantas, pois. Não quero uma tal criatura no banquete da minha Roslin, no meio das mulheres e dos pequenos, todos os meus queridos inocentes.

— O Vento Cinzento não constitui qualquer perigo para eles, senhor — protestara Robb. — Desde que eu esteja presente.

— Mas vós estáveis lá, no meu portão, não estáveis? Quando o lobo atacou os netos que enviei para vos receber? Contaram-me tudo acerca disso, que não julgueis que não, *heh*.

— Nenhum mal foi feito. . .

— Nenhum mal, diz o rei? Nenhum mal? Petyr caiu do cavalo, *caiu*. Perdi uma esposa da mesma forma, numa queda. — A sua boca moveu-se para dentro e para fora. — Ou teria sido só uma rameira qualquer? A mãe do Walder Bastardo, sim, agora me lembro. Caiu do cavalo e rachou a cabeça. O que faria Vossa Graça se Petyr tivesse partido o pescoço, *heh*? Dar-me-ia desculpas no lugar de um neto? Não, não, não. Pode ser que sejas rei, não direi que não, o Rei no Norte, *heh*, mas sob o meu tecto as regras são minhas. O lobo ou a boda, senhor. Ambos, não.

Catelyn vira como Robb estava furioso, mas ele cedera com tanta cortesia quanta conseguira arranjar. *Se aprouver ao Lorde Walder servir-me corvo guisado recheado de larvas*, dissera-lhe, *comê-lo-ei e pedirei uma segunda tigela*. E assim fizera.

O Grande-Jon atirara com mais um dos descendentes do Lorde Walder para baixo da mesa, vencendo-o na bebida. Daquela vez fora o Petyr Borbulha. *O rapaz tinha um terço da capacidade dele, que esperava?* O Lorde Umber limpou a boca, ergueu-se e pôs-se a cantar. *Havia um urso, um urso, um URSO! Preto e castanho e coberto de pêlo!* A voz dele não era má de todo, embora estivesse um pouco pesada da bebida. Infelizmente, os rabequistas, tambores e flautistas lá em cima estavam a tocar “Flores da Primavera”, que combinava tão bem com as palavras de “O Urso e a Bela Donzela” como caracóis combinavam com uma tigela de papas de aveia. Até o pobre do Guizo tapou os ouvidos com aquela cacofonia.

Roose Bolton murmurou algumas palavras numa voz demasiado fraca para ser entendida, e afastou-se em busca de uma latrina. O salão repleto de gente estava em constante ebulição com as idas e vindas de convidados e criados. Catelyn sabia que um segundo banquete, para cavaleiros e senhores de um nível algo inferior, trovejara no outro castelo. O Lorde Walder exilara os seus filhos ilegítimos e os descendentes destes para esse lado do rio, e os

nortenhos de Robb tinham começado a referir-se-lhe como “o banquete bastardo”. Alguns dos convidados estavam sem dúvida a escapulir-se para ver se os bastardos estavam mais divertidos do que eles. Alguns talvez se aventurassem até aos acampamentos. Os Frey tinham fornecido carroças cheias de vinho, cerveja e hidromel, por forma a que os soldados comuns pudessem beber ao casamento de Correrrio e das Gémeas.

Robb sentou-se no lugar deixado vago por Bolton.

— Mais algumas horas e esta farsa terminou, mãe — disse em voz baixa, enquanto o Grande-Jon cantava sobre a donzela com mel no cabelo. — O Walder Negro tem-se mostrado brando como um cordeiro, para variar. E o tio Edmure parece bastante contente com a sua noiva. — Inclinou-se para lá dela. — Sor Ryman?

Sor Ryman Frey pestanejou e disse:

— Senhor. Sim?

— Trazia a esperança de pedir a Olyvar para me servir como escudeiro quando marchássemos para norte — disse Robb — mas não o vejo aqui. Estará no outro banquete?

— Olyvar? — Sor Ryman abanou a cabeça. — Não. Olyvar não. Partiu... partiu dos castelos. Dever.

— Compreendo. — O tom de Robb sugeria o contrário. Quando Sor Ryman nada mais disse, o rei voltou a pôr-se em pé. — Quereis dançar, mãe?

— Obrigada, mas não. — Dançar era a última coisa de que precisava, com a cabeça a latejar como estava. — Sem dúvida que uma das filhas do Lorde Walder ficará contente por ser o vosso par.

— Oh, sem dúvida que sim. — O sorriso dele era resignado.

Os músicos estavam a tocar “Lanças de Ferro” por essa altura, enquanto o Grande-Jon cantava “O Robusto Rapaz”. *Alguém devia apresentá-los uns aos outros, talvez melhorasse a harmonia.* Catelyn voltou a virar-se para Sor Ryman.

— Tinha ouvido dizer que um dos vossos primos era cantor.

— Alesander. Filho de Symond. Alyx é irmã dele. — Ergueu uma taça na direcção do local onde ela dançava com Robin Flint.

— Alesander tocará para nós, esta noite?

Sor Ryman olhou-a de soslaio.

— Ele não. Está longe. — Limpou suor da testa e pôs-se em pé com dificuldade. — Perdão, minha senhora. Perdão. — Catelyn viu-o cambalear para a porta.

Edmure estava a beijar Roslin e a apertar-lhe a mão. Noutros pontos do salão, Sor Marq Piper e Sor Danwell Frey competiam para ver quem bebia mais, o Lothar Coxo dizia qualquer coisa divertida a Sor Hosteen,

um dos Frey mais jovens fazia malabarismo com três punhais perante um grupo de raparigas risonhas, e o Guizo estava sentado no chão, chupando vinho dos dedos. Os serventes traziam enormes bandejas de prata repletas de quartos de cordeiro rosado e sumarento, o prato mais apetitoso que tinham visto toda a noite. E Robb dançava com Dacey Mormont.

Quando usava um vestido em vez de um lorigão, a filha mais velha da Senhora Maege era bastante bonita; alta e esbelta, com um sorriso recatado que lhe iluminava a longa cara. Era agradável ver que sabia ser tão graciosa num salão de dança como no pátio de treinos. Catelyn perguntou a si própria se a Senhora Maege teria já chegado ao Gargalo. Levava consigo as outras filhas, mas, sendo uma das companheiras de batalha de Robb, Dacey preferira permanecer a seu lado. *Ele tem o dom que Ned tinha para inspirar lealdade.* Olyvar Frey também fora devotado ao filho. Não tinha Robb dito que Olyvar quisera permanecer com ele mesmo *depois* do casamento com Jeyne?

Sentado no meio das suas torres negras de carvalho, o Senhor da Travessia bateu as mãos sarapintadas. O ruído que fizeram foi tão ténue que até aqueles que se encontravam no estrado quase não ouviram, mas o Sor Aenys e o Sor Hosteen viram-no e começaram a bater na mesa com as taças. O Lothar Coxo juntou-se-lhes, seguido por Marq Piper, Sor Danwell e Sor Raymund. Em breve metade dos convidados estavam a fazer barulho com as taças. E por fim, até a turba de músicos na galeria reparou. As flautas, tambores e rabecas foram parando de tocar até que se fez silêncio.

— Vossa Graça — disse o Lorde Walder —, o septão rezou as suas preces, algumas palavras foram ditas, e o Lorde Edmure envolveu a minha querida num manto com um peixe, mas eles não são ainda marido e mulher. Uma espada precisa de uma bainha, *heh*, e um casamento precisa de uma noite de núpcias. O que diz o meu senhor? Será próprio que os levemos para a cama?

Uma vintena ou mais dos filhos e netos de Walder Frey desatou a bater de novo com as taças, gritando “Para a cama! Para a cama! *Para a cama com eles!*” Roslin pusera-se branca. Catelyn perguntou a si própria se seria a perspectiva de perder a virgindade que assustava a rapariga, ou a própria tradição das núpcias. Com tantos irmãos, o costume não lhe devia ser estranho, mas era diferente quando se era quem era levado. Na noite de casamento de Catelyn, Jory Cassell rasgara-lhe o vestido na pressa de lho despir, e Desmond Grell, bêbado, não parava de pedir desculpa pelos gracejos lascivos, apenas para fazer outro logo a seguir. Quando o Lorde Dustin a vira nua, dissera a Ned que os seios dela o faziam desejar nunca ter sido desmamado. *Pobre homem*, pensou. Fora para Sul com Ned e não regressara. Catelyn perguntou a si própria quantos dos homens que ali estavam

naquela noite estariam mortos antes de o ano chegar ao fim. *Demasiados, temo bem.*

Robb ergueu uma mão.

— Se achais que a altura é própria, Lorde Walder, com certeza, leve-mo-los para a cama.

Um rugido de aprovação saudou aquela proclamação. Na galeria os músicos voltaram a pegar nas flautas, trombetas e rabecas e começaram a tocar “A Rainha Tirou a Sandália, O Rei Tirou a Coroa”. O Guizo pôs-se a saltitar ora sobre um pé, ora sobre o outro, fazendo tilintar a coroa. “Ouvi dizer que os homens Tully têm trutas entre as pernas no lugar das pichas,” gritou audaciosamente Alyx Frey. “Será que precisam de uma minhoca para se porem em pé?” Ao que Sor Marq Piper retorquiu “*Eu* ouvi dizer que as mulheres Frey têm dois portões em vez de um!”, e Alyx disse, “Sim, mas estão os dois fechados e trancados para coisinhas pequenas como vós!” Seguiu-se uma rajada de gargalhadas, até que Patrek Mallister trepou para cima de uma mesa para propor um brinde ao peixe zarolho de Edmure. “E que poderoso lúcio ele é!”, proclamou. “Ná, aposto que é um saramugo”, gritou a Walda Gorda Bolton do lado de Catelyn. Então, o grito geral de “*Para a cama com eles! Para a cama com eles!*” voltou a soar.

Os convidados invadiram o estrado, com os mais bêbados na frente, como sempre. Os homens e rapazes rodearam Roslin e ergueram-na ao ar enquanto as donzelas e mães presentes no salão puseram Edmure em pé e começaram a puxar-lhe pela roupa. Ele ria e gritava-lhes gracejos lascivos em resposta, embora a música estivesse demasiado alta para que Catelyn os ouvisse. Mas ouvia o Grande-Jon.

— Dai-me esta noivinha a mim — berrou enquanto abria caminho pelos outros homens e punha Roslin ao ombro. — Olhai-me esta coisinha! Não tem carne nenhuma!

Catelyn sentiu pena da rapariga. A maior parte das noivas tentavam devolver os gracejos, ou pelo menos fingiam divertir-se, mas Roslin estava hirta de terror, agarrando-se ao Grande-Jon, como se temesse que ele a deixasse cair. *E também está a chorar*, reparou Catelyn enquanto observava Sor Marq Piper que descalçava um dos sapatos da noiva. *Espero que Edmure seja gentil com a pobre criança*. Música alegre e lasciva ainda jorrava da galeria; a rainha estava agora a tirar a combinação e o rei a túnica.

Sabia que se devia juntar ao aglomerado de mulheres que rodeava o irmão, mas acabaria apenas por lhes estragar o divertimento. A última coisa que se sentia agora era lasciva. Edmure perdoar-lhe-ia a ausência, disso não duvidava; era muito mais divertido ser despido e deitado por uma vintena de voluptuosas e risonhas Frey do que por uma irmã amarga e magoada.

Enquanto o homem e a donzela eram levados do salão, deixando

atrás de si um rasto de roupa, Catelyn viu que Robb também ficara. Walder Frey era suficientemente susceptível para ver nisso algum insulto à filha. *Ele devia juntar-se aos que levam Roslin para a cama, mas caber-me-á dizer-lhe isso?* Sentiu-se invadir pela tensão até reparar que outros tinham também ficado para trás. O Petyr Borbulha e Sor Whalen Frey continuavam a dormir, com as cabeças pousadas na mesa. Merrett Frey servia-se de outra taça de vinho, enquanto o Guizo vagueava pelo salão, roubando bocados de comida dos pratos daqueles que tinham saído. Sor Wendel Manderly atacava com volúpia uma perna de cordeiro. E, claro, o Lorde Walder era fraco de mais para sair do seu lugar sem ajuda. *Mas ele espera que Robb vá.* Quase conseguia ouvir o velho a perguntar por que motivo Sua Graça não queria ver a filha nua. Os tambores estavam de novo a retumbar, a retumbar, retumbar e retumbar.

Dacey Mormont, que parecia ter sido a única mulher a ficar no salão além de Catelyn, aproximou-se por trás de Edwyn Frey e tocou-lhe levemente no braço enquanto lhe dizia qualquer coisa ao ouvido. Edwyn afastou-se dela com uma violência imprópria.

— Não — disse, alto de mais. — Estou farto de danças por agora. — Dacey empalideceu e afastou-se. Catelyn pôs-se lentamente em pé. *O que acabou de acontecer aqui?* A dúvida tomou-lhe o coração, onde um instante antes estivera apenas a fadiga. *Não é nada,* tentou dizer a si própria, *estás a ver gramequins na lenha, transformaste-te numa velha pateta, doente de desgosto e medo.* Mas algo deve ter transparecido no seu rosto. Até Sor Wendel Manderly reparou.

— Há algum problema? — perguntou, com a perna de cordeiro nas mãos.

Catelyn não lhe respondeu. Em vez disso, foi atrás de Edwyn Frey. Os músicos na galeria tinham finalmente vestido tanto o rei como a rainha com os fatos dos dias dos seus nomes. Quase sem um momento de pausa, começaram a tocar um tipo muito diferente de canção. Ninguém cantou a letra, mas Catelyn conhecia “As Chuvas de Castamere” quando a ouvia. Edwyn dirigia-se apressadamente para uma porta. Catelyn apressou-se mais, levada pela música. Seis passos rápidos e apanhou-o. *E quem sois vós, disse o altivo senhor, pra que a vénia seja profunda?* Agarrou Edwyn pelo braço para o virar e ficou gelada quando sentiu os anéis de ferro sob a sua manga de seda.

Catelyn esbofeteou-o com tanta força que lhe abriu o lábio. *Olyvar,* pensou, *e Perwyn, Alesander, todos ausentes. E Roslin chorou...*

Edwyn Frey afastou-a com um empurrão. A música afogava todos os outros sons, ecoando nas paredes, como se as próprias pedras estivessem a tocar. Robb deitou a Edwyn um olhar furioso e foi bloquear-lhe o

caminho... e cambaleou de súbito quando um dardo brotou do seu flanco, logo abaixo do ombro. Se nesse momento gritou, o som foi engolido pelas flautas, trompas e rabecas. Catelyn viu um segundo dardo perfurar a sua perna, viu-o cair. Lá em cima, na galeria, metade dos músicos tinham nas mãos bestas em vez de tambores ou alaúdes. Correu para o filho, até que algo lhe acertou no fundo das costas e o duro chão de pedra a atingiu com força.

— *Robb!* — gritou. Viu o Pequeno-Jon Umber a libertar uma mesa da armação. Dardos de bestas cravaram-se na madeira, um, dois, três, quando ele a atirou para cima do seu rei. Robin Flint estava rodeado por um anel de Freys, cujos punhais subiam e desciam. Sor Wendel Manderly pôs-se imponentemente em pé, agarrado à perna de cordeiro. Um dardo entrou-lhe pela boca aberta e saiu pela parte de trás do pescoço. Sor Wendel estatelou-se para a frente, soltando a mesa da armação e fazendo saltar, derramar e deslizar taças, jarros, bandejas, pratos, nabos, beterrabas e vinho.

Catelyn tinha as costas em fogo. *Tenho de chegar até ele.* O Pequeno-Jon deu uma mocada na cara de Sor Raymund Frey com uma perna de carneiro. Mas quando estendeu a mão para o cinto da espada, um dardo de besta fê-lo cair de joelhos. *Num manto de ouro ou num manto vermelho, suas garras um leão mantém.* Catelyn viu Lucas Blackwood a ser abatido por Sor Hosteen Frey. Um dos Vance foi jarretado pelo Walder Negro enquanto lutava com Sor Harys Haigh. *E as minhas são longas e afiadas, senhor, como vós as tendes também.* As bestas apanharam Donnel Locke, Owen Norrey e mais meia dúzia. O jovem Sor Benfrey tinha apanhado Dacey Mormont pelo braço, mas Catelyn viu-a pegar num jarro de vinho com a outra mão, acertar-lhe com ele em cheio na cara e correr para a porta. Esta escancarou-se antes de ela lograr atingi-la. Sor Ryman Frey entrou no salão, vestido de aço do elmo aos escarpes. Uma dúzia de homens de armas Frey apinharam-se na porta atrás dele. Estavam armados com pesados machados longos.

— *Misericórdia!* — gritou Catelyn, mas trombetas, tambores e o tinir do aço abafaram-lhe o apelo. Sor Ryman enterrou a cabeça do seu machado no estômago de Dacey. Por essa altura, jorravam também homens das outras portas, homens revestidos de cota de malha com hirsutos mantos de peles e com aço nas mãos. *Nortenhos!* Durante meio segundo tomou-os por salvadores, até que um deles cortou a cabeça ao Pequeno-Jon com dois violentíssimos golpes de machado. A esperança apagou-se como uma vela na tempestade.

No meio do massacre, o Senhor da Travessia permanecia sentado no seu trono de carvalho esculpido, observando avidamente.

Havia um punhal no chão a alguns centímetros de distância. Talvez tivesse escorregado até ali quando o Pequeno-Jon arrancara a mesa da ar-

mação, ou talvez tivesse caído da mão de algum moribundo. Catelyn ras-tejou para ele. As pernas e os braços pareciam chumbo e a boca sabia-lhe a sangue. *Matarei o Walder Frey*, disse a si própria. O Guizo estava mais perto da faca, escondido por baixo de uma mesa, mas limitou-se a encolher-se com medo quando ela pegou na lâmina. *Matarei o velho, isso, pelo menos, posso fazer.*

Então o tampo de mesa que o Pequeno-Jon atirara sobre Robb moveu-se, e o filho apoiou-se com dificuldade nos joelhos. Tinha uma seta espetada no flanco, uma segunda na perna, uma terceira no peito. O Lorde Walder ergueu uma mão, e a música parou, toda menos um tambor. Catelyn ouviu o estrondo da batalha distante, e, mais perto, os uivos selvagens de um lobo. *Vento Cinzento*, lembrou-se, tarde de mais.

— *Heh* — cacarejou o Lorde Walder para Robb — o Rei no Norte ergue-se. Parece que matámos alguns dos vossos homens, Vossa Graça. Oh, mas eu dou-vos uma *satisfação* que deixará tudo bem uma vez mais, *heh*.

Catelyn agarrou numa mão-cheia do longo cabelo grisalho do Guizo Frey e arrastou-o para fora do seu esconderijo.

— Lorde Walder! — gritou. — *LORDE WALDER!* — O tambor batia lento e sonoro, *fim bum fim*. — Basta — disse Catelyn. — *Basta*, disse eu. Haveis pago traição com traição, que fique por aqui. — Quando encostou o punhal à garganta do Guizo, a memória do quarto de doente de Bran regressou, com o toque do aço na sua própria garganta. O tambor continuava *bum fim bum fim bum fim bum*. — Por favor — disse. — Ele é meu filho. O meu primeiro filho, e o último. Deixai-o ir. Deixai-o ir, e eu juro que esqueceremos isto... esqueceremos tudo o que haveis feito aqui. Juro pelos deuses antigos e modernos, nós... nós não exerceremos vingança...

O Lorde Walder espreitou-a desconfiado.

— Só um tolo acreditaria nesse paleio. Tomais-me por um tolo, senhora?

— Tomo-vos por um pai. Ficai comigo como refém, e a Edmure também, caso não o tenhais morto. Mas deixai Robb ir.

— Não. — A voz de Robb era ténue como um suspiro. — Mãe, não...

— Sim. Robb, levanta-te. Levanta-te e sai, por favor, *por favor*. Salva-te... se não por mim, então por Jeyne.

— Jeyne? — Robb agarrou a borda da mesa e forçou-se a pôr-se em pé. — Mãe — disse —, o Vento Cinzento...

— Vai ter com ele. Já. Robb, *sai daqui*.

O Lorde Walder resfolegou.

— E porque é que eu permitiria que ele fizesse isso?

Ela encostou mais a lâmina à garganta do Guizo. O idiota rolou os

olhos para ela num apelo mudo. Um forte fedor assaltou-lhe o nariz, mas não lhe prestou mais atenção do que ao soturno e incessante retumbar daquele tambor, *bum fim bum fim bum fim bum*. Sor Ryman e o Walder Negro estavam a rodeá-la pelas costas, mas Catelyn não se importava. Podiam fazer com ela o que quisessem; aprisioná-la, violá-la, matá-la, não interessava. Vivera tempo de mais e tinha Ned à espera. Era por Robb que temia.

— Pela minha honra como Tully — disse a Lorde Walder —, pela minha honra como Stark, trocarei a vida do vosso rapaz pela de Robb. Um filho por um filho. — A mão tremia-lhe tanto que estava a fazer tilintar a cabeça do Guizo.

Bum, soou o tambor, *bum, fim, bum, fim*. Os lábios do velho projectaram-se e retraíram-se. A faca tremeu na mão de Catelyn, escorregadia de suor.

— Um filho por um filho, *heh* — repetiu ele. — Mas esse é um neto... e nunca teve grande utilidade.

Um homem com uma armadura escura e um manto rosa-claro manchado de sangue aproximou-se de Robb.

— Jaime Lannister manda cumprimentos. — E espetou a espada no coração do filho de Catelyn, e torceu.

Robb faltara à palavra, mas Catelyn manteve a sua. Puxou com força o cabelo de Aegon e serrou-lhe o pescoço até a faca começar a raspar em osso. Correu-lhe sangue sobre os dedos. Os pequenos guizos tilintavam, tilintavam, tilintavam, e o tambor retumbava, *bum fim bum*.

Por fim, alguém lhe tirou a faca. As lágrimas ardiam como vinagre ao correrem-lhe pelo rosto. Dez corvos ferozes devastavam-lhe a cara com garras afiadas, rasgando fitas de carne, deixando profundos regos que escorriam, vermelhos de sangue. Sentia o sabor nos lábios.

Dói tanto, pensou. *Os nossos filhos, Ned, todos os nossos queridos bebés. Rickon, Bran, Arya, Sansa, Robb... Robb... por favor, Ned, por favor, faz com que pare, faz com que pare de doer...* As lágrimas brancas e as vermelhas correram juntas até que o seu rosto ficou rasgado e em farrapos, o rosto que Ned amara. Catelyn Stark ergueu as mãos e viu o sangue correr pelos seus longos dedos, pelos pulsos, por baixo das mangas do vestido. Lentos vermes vermelhos rastejavam ao longo dos seus braços e sob a roupa. *Faz cócegas*. Aquilo fê-la rir até gritar.

— Louca — disse alguém —, perdeu o juízo — e outra pessoa disse:

— Dai-lhe um fim — e uma mão agarrou-lhe o cabelo tal como ela fizera com o Guizo, e Catelyn pensou, *Não, isso não, não me corteis o cabelo, Ned adora o meu cabelo*. E então o aço chegou-lhe à garganta, e a sua mordedura era rubra e fria.

As tendas para banquetes estavam agora atrás deles. Chapinharam por sobre barro molhado e erva arrancada, para longe da luz e de regresso às sombras. Em frente erguia-se a casa do portão do castelo. Arya via archotes em movimento nas muralhas, com as chamas a dançar, sopradas pelo vento. A luz brilhava, baça, sobre cota de malha e elmos molhados. Mais archotes moviam-se pela ponte escura de pedra que unia as Gémeas, uma coluna de archotes que corria da margem ocidental para a oriental.

— O castelo não está fechado — disse Arya de súbito. O sargento dissera que estaria, mas enganara-se. A porta levadiça estava a ser içada naquele preciso instante, e a ponte levadiça já tinha sido baixada por sobre o fosso a transbordar de água. Tivera receio de que os guardas do Lorde Frey se recusassem a deixá-los entrar. Durante meio segundo mordeu o lábio, ansiosa de mais para sorrir.

O Cão de Caça refreou os animais tão de repente que ela quase caiu da carroça.

— Sete malditos infernos de merda — ouviu-o praguejar, enquanto a roda esquerda começava a enterrar-se na lama mole. A carroça foi-se inclinando lentamente. — Para o *chão* — rugiu-lhe Clegane, batendo-lhe no ombro com o pulso, fazendo-a cair de lado. Aterrou ligeira, como Syrio lhe ensinara, e pôs-se imediatamente em pé com a cara cheia de lama.

— *Porque é que fizeste isto?* — gritou. O Cão de Caça também saltara para o chão. Arrancou o assento da parte da frente da carroça e estendeu a mão para o cinto da espada que escondera por baixo dele.

Foi só então que Arya ouviu os cavaleiros a jorrar do portão do castelo num rio de aço e fogo, com o trovão que os seus corcéis de batalha faziam ao atravessar a ponte levadiça quase perdido sob os tambores que soavam nos castelos. Homens e montadas usavam armaduras de aço, e um em cada dez trazia um archote. Os outros tinham machados, alabardas e pesadas lâminas capazes de esmagar ossos e rasgar armaduras.

Algures, longe, ouviu um lobo a uivar. Não era um som muito alto, comparado com o ruído do acampamento, a música e o rosar baixo e ameaçador do rio que corria rápido, mas mesmo assim ouviu-o. Só que talvez não tivessem sido os ouvidos a ouvi-lo. O som estremeceu através de Arya como uma faca, aguçada de fúria e desgosto. Mais e mais cavaleiros emergiam do castelo, uma coluna com a largura de quatro homens e sem

fim à vista, cavaleiros, escudeiros e cavaleiros livres, archotes e machados de cabo longo. E também havia barulho vindo de trás.

Quando Arya olhou em volta, viu que só restavam duas das enormes tendas para banquetes onde tinham havido três. A do meio caíra. Por um momento, não compreendeu o que estava a ver. Então, as chamas começaram a lambe a tenda caída, e agora as outras duas caíam também, com o pesado tecido oleado a assentar sobre os homens que se encontravam por baixo. Um bando de setas incendiárias rasgou o ar. A segunda tenda pegou fogo, e logo a terceira. Os gritos tornaram-se tão ruidosos que conseguia ouvir palavras através da música. Silhuetas escuras moviam-se à frente das chamas, com o aço das suas armaduras a brilhar em tons de laranja, visto de longe.

Uma batalha, compreendeu Arya. É uma batalha. E os cavaleiros...

Então ficou sem tempo para observar as tendas. Com o rio a galgar as margens, as águas escuras e rodopiantes na extremidade da ponte levadiça chegavam à barriga dos cavalos, mas os cavaleiros avançaram através delas mesmo assim, incentivados pela música. Por uma vez, a mesma canção vinha de ambos os castelos. *Eu conheço esta canção*, compreendeu Arya de súbito. O Tom das Sete cantara-a, naquela noite chuvosa em que os foras-da-lei se tinham abrigado na cervejaria com os irmãos castanhos. *E quem sois vós, disse o altivo senhor, pra que a vénia seja profunda?*

Os cavaleiros Frey atravessavam com dificuldade a lama e os juncos, mas alguns deles tinham visto a carroça. Arya viu três abandonar a coluna principal, cruzando em tropel os baixios. *Só um gato com um manto diferente, essa é a verdade fecunda.*

Clegane cortou a corda que prendia o Estranho com um único golpe da espada e saltou-lhe para o dorso. O corcel sabia o que se queria dele. Espetou as orelhas e virou na direcção dos corcéis de batalha em carga. *Num manto de ouro ou num manto vermelho, suas garras um leão mantém. E as minhas são longas e afiadas, senhor, como vós as tendes também.* Arya rezara centenas e centenas de vezes para que o Cão de Caça morresse, mas agora... havia uma pedra na sua mão, escorregadia de lama, e nem sequer se lembrava de lhe ter pegado. *Contra quem a atiro?*

Saltou ao ouvir o estrondo do metal, quando Clegane afastou o primeiro machado. Enquanto lutava com o primeiro homem, o segundo deu-lhe a volta por trás e atirou um golpe contra o fundo das suas costas. O Estranho girava, e o Cão de Caça foi atingido por não mais que um golpe de raspão, o bastante para fazer um grande rasgão na sua blusa larga de camponês e expor a cota de malha que tinha por baixo. *É um contra três.* Arya continuava agarrada à sua pedra. *Vão matá-lo com certeza.* Pensou em Mycah, no filho do carneiro que fora seu amigo durante tão pouco tempo.

Então viu o terceiro cavaleiro a vir na sua direcção. Arya pôs-se atrás

da carroça. *O medo golpeia mais profundamente do que as espadas.* Ouvia tambores, cornos de guerra e flautas, garanhões a berrar, o guincho do aço a bater em aço, mas todos os sons pareciam muito distantes. A única coisa que existia era o cavaleiro que se aproximava e o machado que ele tinha na mão. Usava um sobretudo sobre a armadura e ela viu as duas torres que o identificavam como um Frey. Não compreendeu. O tio ia casar com uma filha do Lorde Frey, os Frey eram amigos do seu irmão.

— *Não!* — gritou enquanto ele rodeava a carroça, mas o homem não lhe prestou atenção.

Quando ele carregou, Arya atirou a pedra, da mesma maneira que atirara uma maçã apodrecida a Gendry. Então acertara em Gendry mesmo no meio da testa, mas agora falhou a pontaria, e a pedra carambolou, de lado, na têmpora do homem. Foi o suficiente para lhe interromper a arremetida, mas apenas isso. Arya retirou, correndo nos bicos dos pés pelo terreno lamacento, voltando a pôr a carroça entre ambos. O cavaleiro seguiu-a a trote, sem nada a não ser trevas atrás da fenda para os olhos. Nem sequer lhe amolgara o elmo. Giraram uma, duas vezes, uma terceira. O cavaleiro amaldiçoou-a.

— *Não podes fugir para...*

A cabeça do machado acertou-lhe em cheio na nuca, rasgando-lhe o elmo e o crânio, por baixo, e fazendo-o voar da sela e aterrar de cara no chão. Atrás dele encontrava-se o Cão de Caça, ainda montado no Estranho. *Como foi que arranjaste um machado?*, quase perguntou, antes de compreender. Um dos outros Frey estava encurralado debaixo do seu cavalo moribundo, afogando-se em trinta centímetros de água. O terceiro homem estava estatelado de costas, imóvel. Não usara gorjal, e trinta centímetros de espada partida projectavam-se de debaixo do seu queixo.

— Vai buscar o meu elmo — rosnou-lhe Clegane.

O elmo estava enfiado no fundo de uma saca de maçãs secas, na parte de trás da carroça, escondida por trás dos pés de porco em salmoura. Arya virou a saca ao contrário e atirou-lhe o elmo. Ele apanhou-o no ar só com uma mão e enfiou-o na cabeça, e no local onde estivera o homem, estava apenas um cão de aço, rosnando aos incêndios.

— O meu irmão...

— Morto — gritou-lhe em resposta. — Achas que lhe massacravam os homens e o deixavam vivo? — Virou-lhe a cabeça para o acampamento. — Olha. *Olha*, raios te partam.

O acampamento transformara-se num campo de batalha. Não, num antro de magarefe. As chamas vindas das tendas para banquetes chegavam a meio caminho do céu. Algumas das tendas-casernas estavam também a arder, bem como meia centena de pavilhões de seda. Por todo o lado as es-

padas cantavam. *Mas agora a chuva chora no seu salão, e ninguém lá está para a ver.* Viu dois cavaleiros a perseguir e abater um homem que fugia a pé. Um barril de madeira esmagou-se numa das tendas incendiadas e rebentou, e as chamas saltaram, duas vezes mais altas. *Uma catapulta,* compreendeu. O castelo estava a arremessar azeite, ou pez, ou uma coisa dessas.

— Vem comigo. — Sandor Clegane estendeu uma mão para baixo. — Temos de sair daqui, e já. — O Estranho sacudiu impacientemente a cabeça, com as ventas a abrir-se ao sentir o cheiro de sangue. A canção terminara. Restava apenas um tambor solitário, cujos batimentos lentos e monótonos ecoavam por sobre o rio como o bater de um coração monstruoso. O céu negro chorava, o rio resmungava, homens praguejavam e morriam. Arya tinha lama nos dentes e a cara estava molhada. *Chuva. É só chuva. Não passa disso.*

— Estamos *aqui* — gritou. A sua voz soava fina e assustada, uma voz de rapariguinha. — O Robb está ali no castelo, e a minha mãe também. O portão está aberto e tudo. — Não havia mais Freys a sair. *Vim até tão longe.* — Temos de ir buscar a minha mãe.

— Cadelinha estúpida. — Os incêndios reflectiam-se no focinho do seu elmo, e faziam brilhar os dentes de aço. — Se entrares ali, não voltas a sair. O Frey talvez te deixe beijar o cadáver da tua mãe.

— Talvez possamos *salvá-la...*

— Tu talvez possas. Eu não estou ainda farto de viver. — Avançou na sua direcção, empurrando-a contra a carroça. — Fica ou parte, loba. Sobrevive ou morre. A escolha...

Arya virou-lhe as costas e precipitou-se para o portão. A porta levadiça estava a descer, mas lentamente. *Tenho de correr mais depressa.* Mas a lama retardou-a, e depois foi a água a fazê-lo. *Corre, rápida como um lobo.* A ponte levadiça tinha começado a erguer-se, com a água a escorrer dela em cascata e a lama a cair em pesados aglomerados. *Mais depressa.* Ouviu um chapinhar forte e quando olhou para trás viu o Estranho a trovejar em sua perseguição, fazendo voar nuvens de água a cada passo. E viu também o machado, ainda molhado de sangue e miolos. E Arya correu. Agora já não pelo irmão, nem mesmo pela mãe, mas por si própria. Correu mais depressa do que alguma vez correra, de cabeça baixa e com os pés a fazer espumar o rio, fugiu dele como Mycah devia ter fugido.

E o machado atingiu-a na nuca.